

Estrutura do Poder

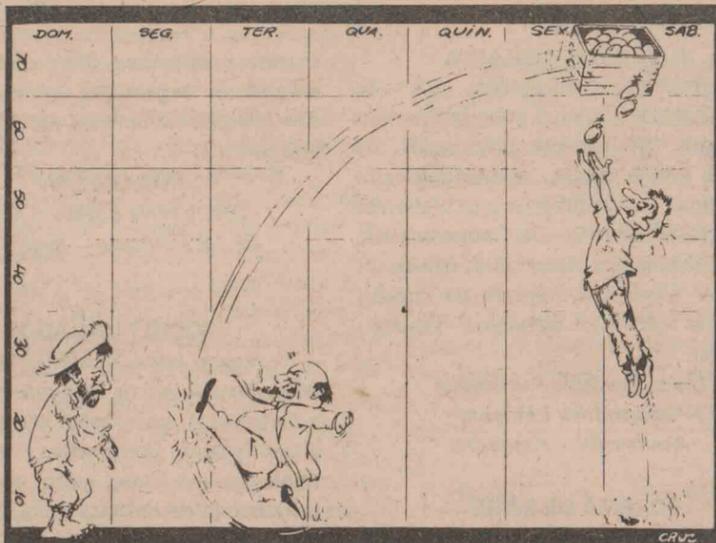
NOVOS CAMINHOS

— Página 13 —

**UM PRESENTE
DE NATAL:
JURO MAIS CARO,
PROAGRO MENOR**

No seu último pacote de medidas econômicas, o Governo dá outro aperto no crédito agrícola e reduz a cobertura do Proagro

— Última página —



**O PASSEIO DOS
HORTIGRANJEIROS**

— Página 4 —

**A ETERNA
DÚVIDA
DAS SAFRAS
DE INVERNO**

Uma avaliação do comportamento das safras mostra todas as incertezas sobre o que plantar no próximo ano.

— Página 18 —

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina
Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-
ner, Eduardo Augusto de Menezes,
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz
Kommers, Ido Marx Weiller, João
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	84.000 t
Dourados	60.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOOCOOP
Associação dos Jornalistas e Jornalistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de
propriedade industrial M/C11 n.
022.775 de 13.11.1973 e figurativa
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

REDACÃO

Christina Brentano de Moraes
Dária C. de Brum Lucchese
Moisés Mendes

Correspondente no MS:

Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e
impresso no Jornal do Comércio,
Porto Alegre.

Ao leitor

Durante a semana, do dia 6 ao dia 14 de dezem-
bro, 60 por cento dos associados que movimentam sua
conta na Cooperativa, ficaram envolvidos nas eleições
de representantes. O índice de votação chegou a supe-
rar as expectativas mais otimistas, principalmente por-
que o período de eleições coincidiu com a época de
mais trabalho na lavoura, a do plantio da soja. Em al-
gumas unidades a votação chegou a dobrar em relação
ao índice do ano passado. Este é um bom sinal do ní-
vel de interesse e participação dos associados no que
diz respeito as coisas de sua cooperativa.

A partir da página 13 contamos como aconteceu a
eleição, qual a opinião de alguns associados sobre este
sistema chamado de Estrutura do Poder e também os
nomes dos 128 representantes eleitos e mais seus su-
plentes.

Estes associados têm uma tarefa muito importan-
te a cumprir durante os próximos três anos, que é o pe-
ríodo de duração de seu mandato. Será através deles
que os demais associados poderão participar mais ativa-
mente do dia-a-dia da Cooperativa, encaminhando suas
sugestões, suas reclamações e tentando mostrar os me-
lhores caminhos que o quadro social pretende que a
Cooperativa trilhe nos próximos anos.

Se, quando surgiu a idéia de criar este sistema de
representação, a intenção era permitir que nas Assem-
bléias fosse possível uma participação mais efetiva de
quem estivesse presente, hoje a idéia já evoluiu bastan-
te. Fazer uma assembleia com 19 mil pessoas - o nú-
mero atual de associados da Cotrijornal - já se sabia há
tempos que não era viável. Primeiro que os associados
estão dispersos entre diversas e distantes localidades.
Segundo que nem lugar se teria para fazer a Assembleia
e muito menos se poderia discutir, com a profundidade
que a ocasião exige, os temas de importância vital para
a vida da Cooperativa.

A Assembleia seria, então, a ocasião certa para os
associados, através de representantes, participarem efe-
tivamente das decisões. Depois de inúmeras reuniões,
envolvendo grande parte do quadro social na discussão
sobre a Estrutura do Poder, a função do representante
foi sendo ampliada. A Assembleia, por sinal, até dei-
xou de ser o mais importante em termos de participa-
ção, pois não é em apenas um dia do ano que se toma
as mais importantes decisões administrativas da Coope-
rativa. Não que com isto se tire da Assembleia a real
importância que ela tem. Só que é na prática diária, no
rendimento no balcão, no descarregamento do produ-
to, numa tomada de posição econômica e política, é
que está o trabalho mais importante da Cooperativa. E
também dos representantes.

Do leitor

JUVENTUD AGRARIA

Recibimos normalmente v/periódi-
co Cotrijornal, de cuyo material literario
quedamos debidamente informados. Es
nuestre interés seguir recibíendolo con
normalidad; lo destinamos a la biblioteca
de la Juventud Agraria Cooperativista.
De ser posible, agradeceríamos remitir un
ejemplar tambien a nombre de nuestro
secretario técnico, agrónomo Eduardo
Schlatte.

Unión Agrícola Avellaneda
Cooperativa Limitada
Avellaneda - Argentina

CO-IRMÃ DE BAGÉ

Dirigimo-nos a V.Sas. no sentido de
transmitir-lhes nossos cumprimentos pela
excelente qualidade do jornal que editam,
não só pelo alto nível técnico das maté-
rias abordadas, mas também pela preocu-
pação com todos os assuntos ligados ao

sistema cooperativo. Por esses motivos,
solicitamos a gentileza de manterem a
continuidade na remessa do Cotrijornal a
esta co-irmã.

COBAGELAN

Cooperativa Bageense Mista
de Lãs Limitada - Bagé - RS

SÓCIO-FUNDADOR

Venho por intermédio desta mani-
festar meu desejo de continuar recebendo
o Cotrijornal, pois, como sócio-fundador
e ex-diretor da Cooperativa Regional Tri-
tícola Serrana Ltda., muito me honra fi-
car sabendo de notícias sobre agricultura,
pecuária e outros assuntos abordados por
tão conhecido jornal. Estou recebendo to-
dos os meses meu exemplar, o qual mos-
tro a diversos amigos que também, após
lerem o jornal, manifestam desejo de rece-
bê-lo. A todos dou o endereço, para que

escrevam solicitando assinatura.

Gerhard Uhde

Rondonópolis - Mato Grosso

SETOR COMPLEXO

Embora nossa Federação não
possua nenhuma correlação com a área da
agricultura, já que nos limitamos apenas
aos transportes das safras, não poderí-
amos, todavia, prescindir dos informes al-
tamente técnicos contidos no Cotrijornal.
Esses informes interessam a todos os bra-
sileiros, ávidos de verem o país alcançar
sua auto-suficiência econômica, através
desse setor complexo e apaixonante que é
a agricultura. Pretendemos, pois, prosse-
guir sendo distinguidos com o recebimen-
to do Cotrijornal.

José Levy e Silva,

presidente da Federação

Nacional dos Trabalhadores em

Transportes Marítimos e Fluviais

Rio de Janeiro



BOICOTE MELHORA O PREÇO

Quando foi anunciado pelo governo que o preço mínimo do suíno seria de Cr\$ 48,00, os criadores do sul do Brasil organizaram uma manifestação de protesto, bem a exemplo do que acontecera no início do ano no episódio do confisco da soja. O boicote à comercialização de suínos já havia iniciado alguns dias antes no Paraná, isto na tentativa de conseguir a fixação de um preço justo para a produção.

As manifestações, principalmente no Paraná, aconteceram durante concentrações dos produtores, que chegaram a bloquear as estradas para impedir o transporte dos suínos e seus derivados. O exército acabou fazendo uma intervenção, deslocando vários militares para a região, na tentativa de dispersar os grupos de suinocultores que barravam as rodovias. Mesmo dispersando as manifestações de rua, os produtores — agora com o apoio também de catarinenses e gaúchos — simplesmente deixaram de vender seus porcos. Acredita-se que tenha diminuído em 90 por cento o abate de frigoríficos em algumas regiões mobilizadas.

PREÇO JUSTO

No Rio Grande do Sul o movimento de boicote à comercialização foi coordenado pela Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), através de uma comissão especialmente formada para isto. O objetivo do boicote estava bem claro: obrigar a fixação de um preço mínimo compensador, que realmente cubra os custos de produção, atualmente calculados em Cr\$ 62,31 por quilo. Isto, apenas para início de conversa. As reivindicações dos produtores vão bem mais longe: controle do preço das rações e concentrados, igualdade às outras carnes (bovina e de aves) na fixação de impostos (o suíno paga mais ICM), etc.

Se não conseguiu sensibilizar por enquanto o Governo Federal, o boicote logo trouxe resultados. Numa reunião com representantes dos frigoríficos gaúchos foi acertada uma proposta para solucionar a suspensão do boicote e o reinício da comercialização. Diga-se de passagem que esta proposta foi aceita pelos produtores sob protesto e tendo um caráter

temporário. A mobilização, segundo a Comissão Central de Boicote, deve continuar até que seja conseguido o preço real de custo de produção.

A proposta dos frigoríficos foi a seguinte:

Porco-carne — de 80 a 130 quilos, Cr\$ 55,00 o quilo de suíno vivo.

Porco-misto — de 80 a 130 quilos, Cr\$ 51,00 o quilo de suíno vivo.

Porco-comum — com peso acima de 70 quilos, Cr\$ 45,00 e, com menos de 70 quilos, Cr\$ 42,00.

PODE PARAR DE NOVO

Na verdade, os frigoríficos não estão cumprindo esta proposta, elaborada por eles mesmos e aprovada, depois de muita discussão, pelos produtores. Ezídio Pinheiro, vice-presidente da Fetag, que coordenou o trabalho da Comissão Central de Boicote, é quem faz um alerta:

— Os criadores de suínos poderão fazer outra paralisação em janeiro, já que o acerto não está sendo cumprido.

Grande parte dos frigoríficos apenas atendeu o primeiro preço, de Cr\$. . .

55,00, para o porco-carne. Os suínos mistos e comuns estão recebendo um preço muito abaixo daquele acertado na reunião que pôs fim ao boicote à comercialização.

OUTRAS DECISÕES

O movimento dos suinocultores em todo Brasil alcançou ainda outros resultados práticos além do acordo de preço. O próprio ministro da Agricultura, Angelo Amaury Stábile participou das negociações onde se chegaram as seguintes decisões:

- ficam prorrogados os vencimentos das liquidações dos financiamentos de investimentos para pequenos e médios suinocultores, pelo período de 90 dias, considerados contratos com vencimento em novembro, dezembro e janeiro de 1981.
- venda de milho através de leilões.
- organizar e iniciar uma campanha nacional de estímulo ao consumo de carne suína, banha e derivados;
- continuar os entendimentos com as lideranças do setor, com a finalidade de estabilizar a atividade da suinocultura.

Cooperativa já recebe porco

A primeira carga de porco comercializada pela Cotrijuí foi embarcada para o frigorífico no dia 15 de dezembro. Foi dos chiqueiros dos associados Jaime Wender e João Rosanelli, tradicionais criadores de suínos de Parador, Ijuí, que saiu esta primeira carga, marcando, de uma vez por todas, o início do recebimento de porcos pela Cooperativa.

Que a Cooperativa iria entrar no porco, mais cedo ou mais tarde, era uma certeza que o Jaime Wender, por exemplo, já tinha há muito tempo:

— Vantagem de preço eu sei que nós, por enquanto, não vamos ter. Mas, do outro lado, vamos receber apoio, porque vamos receber dinheiro na hora, e quando se precisar de milho ou de farelo é só ir lá buscar.

O Jaime também tem muito claro na idéia que "enquanto a cooperativa não tiver um frigorífico próprio, vamos ter que nos submeter ao preço dos outros. E como eles estão judiando nós". Ele acredita, inclusive, que todo bom associado deve entregar o porco na cooperativa:

— A não ser que o associado pense na cooperativa só nas horas difíceis, quando precisa de dinheiro. Quando sua situação está boa deixa de usar a cooperativa.

Já o seu João conta que "há muito tempo eu vinha namorando o João (o responsável pela área de suinocultura na Cotrijuí) pra eu vender os porcos". Pois foi bem na propriedade de seu João que o caminhão da Cooperativa encostou em primeiro lugar na tarde do dia 15. Embarcou 49 animais e depois completou a carga na propriedade do seu Jaime. Dali, o caminhão foi direto ao frigorífico da Cooperativa de Languiru, em Bom Retiro do Sul, onde foi acertado o abate dos suínos recebidos pela Cotrijuí.

O João Klohn, a quem se referia seu João Rosanelli, é quem lembra que enquanto não estiver concluída a obra de adaptação do frigorífico da Cooperativa de Júlio de Castilhos para o abate de suínos, será necessário procurar outros locais para abatê-los. As previsões da Central Gaúcha de Carnes, que estará operando no frigorífico de Júlio de Castilhos, é que até o mês de março ou abril do ano que



O embarque da primeira carga

vem seja possível abater os suínos dos produtores associados numa instalação própria das Cooperativas.

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Numa primeira etapa do trabalho de recebimento e comercialização de suínos a Cotrijuí estará operando apenas nas unidades de Ajuricaba e Santo Augusto. Nestes dois municípios já foram abertas inscrições para os produtores interessados na entrega dos animais. Em Ajuricaba eles serão recebidos num chiqueirão alugado, que fica na propriedade de Norberto Odeermann, na Linha 19 Norte. Em Santo Augusto foi necessário fazer uma instalação, que fica bem próxima à unidade.

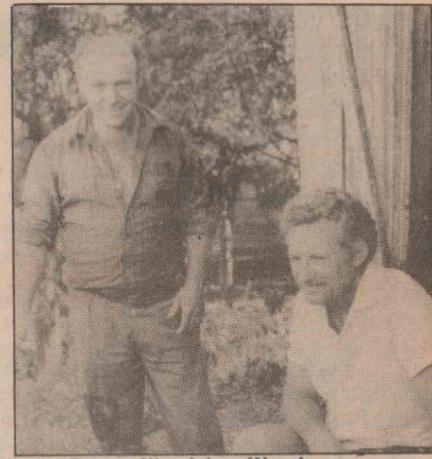
Inicialmente os suínos serão transportados até Languiru, para o abate no frigorífico da Cooperativa local. Foi deste frigorífico que a Cotrijuí recebeu a melhor proposta de comercialização. Existe ainda a possibilidade, também já acertada, de levar às instalações do frigorífico Ideal, em Serafina Corrêa, os animais produzidos pelos associados daqui.

O preço foi também estabelecido por estes frigoríficos e poderá sofrer uma variação semanal. Existe uma tabela de classificação dos suínos, dependendo de sua qualidade, que deverá ser seguida pela Cotrijuí (veja ao lado). Por esta classificação, o porco tipo carne é aquele de pelagem branca (exportação), que tenha um peso vivo entre 80 e 130 quilos. O porco misto é o de pelagem branca, com peso

superior a 130 quilos, e o de pelagem não branca (Duroc) e suas cruzas. O porco comum é o que apresenta um alto grau de engorduramento e que, pelo excesso de peso, cai fora dos outros tipos. O preço da tabela sofrerá um desconto de 50 por cento no caso de porcos cobertos, de 20 por cento em animais quebrados e de 20 por cento em animais magros.

O RECEBIMENTO

Mesmo que o produtor não more em Ajuricaba ou Santo Augusto, ele não ficará impedido de comercializar seus suínos através da Cotrijuí. "Só que neste caso", como explica Bruno Eisele, diretor da Regional Pioneira, "ele precisará levar seus animais até estas Unidades". A Cooperativa buscará na propriedade os animais unicamente nos casos em que o produtor de um dos municípios onde não exista o chiqueirão, tenha porcos suficientes para completar uma carga. Já em Aju-



João Rosanelli e Jaime Wender

ricaba e Santo Augusto, por existirem as instalações, há a possibilidade de se recolher os suínos na propriedade, independente da quantidade de animais.

Nos casos em que a Cooperativa apanhar os porcos na propriedade do associado, acontecerá um desconto de um quilo por animal para cobrir o custo do frete. Quem levar até a Unidade, além de não sofrer descontos ainda receberá uma bonificação de um por cento.

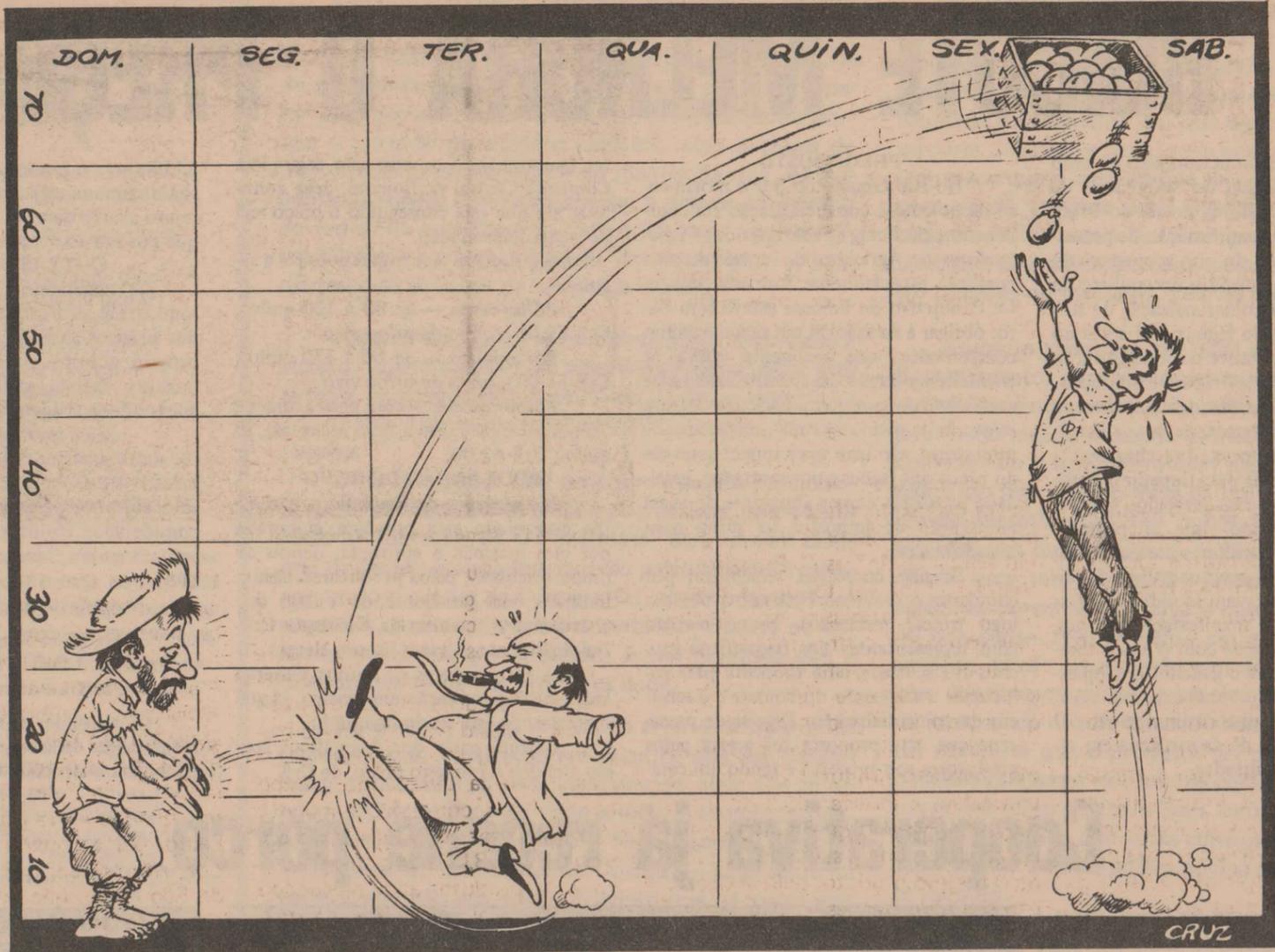
A respeito dos preços que os frigoríficos estão pagando, o diretor Bruno Eisele faz um comentário:

— Os frigoríficos estão se valendo desta tabela para conseguirem o porco tipo carne, que lhes deixa melhores resultados. Isto fica claro quando se observa que apenas o porco branco, tipo exportação, é que recebe aquele preço de Cr\$. . . 55,00 acertado depois do boicote dos produtores. Para os outros tipos, o preço baixa muito.

PREÇOS E CLASSIFICAÇÃO DE SUÍNOS

PESOS	CARNE		MISTO		COMUM	
	À VISTA	30 DIAS	À VISTA	30 DIAS	À VISTA	30 DIAS
De 80 a 130 kg	52,50	55,00	48,70	51,00	—	—
De 78 a 80 kg	43,00	45,00	43,00	45,00	—	—
Acima de 130 kg	43,00	45,00	43,00	45,00	—	—
Acima de 70 kg	—	—	—	—	43,00	45,00
De 55 a 70 kg	38,20	40,00	38,20	40,00	38,20	40,00
Abaixo de 55 kg	28,60	30,00	28,60	30,00	28,60	30,00

Tabela válida até 19.12.80



DE MÃO EM MÃO O PREÇO DISPARA

Visitando alguns produtores e feiras paulistas, no fim do ano passado, o presidente João Baptista Figueiredo constatou que o maior problema do hortigranjeiro é a intermediação. Na ocasião chegou a prometer que a intermediação ia acabar e que a produção nunca mais ficaria na lavoura por falta de mercado. "O erro - disse o presidente naquela época - está no meio. O produtor precisa ganhar mais e o consumidor precisa pagar menos".

Num repente, até parecia que o intermediário estava com seus dias contados. Mas, até agora, pouca coisa ou quase nada mudou. O produtor continua recebendo pouco, perdendo produção na lavoura por falta de colocação e o consumidor pagando caro pelo passeio do hortigranjeiro, ocasionado pela intermediação, que acaba inflacionando o preço. Se a intermediação já era forte, hoje ela se apresenta muito mais poderosa e o próprio produtor está conformado e até concorda com a situação. Tem até produtores que defendem a intermediação, como sendo a única maneira de colocar a produção no mercado. O seu Ítalo Seibert, produtor de Arroio das Antas, diz até que o governo não tem como terminar com a intermediação, "já que ela é necessária ao produtor".

A GANÂNCIA DA INTERMEDIAÇÃO

Enquanto isso, alheio a todos os problemas, o hortigranjeiro continua fazendo o seu passeio diário, saindo da lavoura para os grandes centros abastecedores, depois para as mãos dos grandes atacadistas, que por sua vez repassam a atacadistas de menor porte, que se responsabilizam pelo abastecimento de pequenas feiras ou fruteiras. Só então, depois de ter

passado no mínimo por três intermediações, é que o hortigranjeiro chega nas mãos do consumidor. Depois de tanto passeio, aconteceram quebras na produção, houve custos de transportes e o consumidor, se quiser ter verduras na sua alimentação, terá de pagar por tudo isso. É possível admitir que o produtor, que tem custos de lavouras altíssimos (adubação, irrigação, mão-de-obra, transportes e quebras), receba, por exemplo, Cr\$ 3,00 por um pé de alface, enquanto que o consumidor paga Cr\$ 25,00 por este mesmo pé? A ganância da intermediação e mais os gastos do passeio, fazem com que a alface chegue até as mãos do consumidor com um acréscimo de mais de 800 por cento. O caso da cenoura também é semelhante. Este ano, o produtor começou recebendo Cr\$ 7,00 pelo maço. Depois o preço desceu para Cr\$ 6,00 e agora anda por volta de Cr\$ 4,50, enquanto que o consumidor está pagando de Cr\$ 18,00 a Cr\$ 20,00 pelo mesmo maço, só que bem mais viajado. O aumento, no caso, foi de 420 por cento. O repolho não fica longe. Se lá pela Ceasa ele anda custando Cr\$ 5,00, pelo quilo, depois das idas e vindas, ele chega até o consumidor por Cr\$ 20,00 o quilo. O acréscimo é "só" de 400 por cento.

Pode um consumidor, assalariado, comer verdura? Os próprios produtores, dizem que não, mas Luís Fernando, da Ceasa, diz que em termos de preço o consumidor hoje tem mais acesso às verduras do que ao feijão, arroz ou a carne. "O hortigranjeiro está mais barato até do que o leite. A batatinha é muito mais consumida do que o arroz ou o feijão". Numa média geral, o preço, por quilo do horti-

granjeiro comercializado dentro da Ceasa, anda em Cr\$ 21,34. "O hortigranjeiro é o segundo produto mais consumido pela população", afirma com convicção Luiz Fernando.

Se o hortigranjeiro não precisasse de outros complementos na mesa do consumidor, como o arroz, até que realmente seria mais barato. Em termos gerais a população não tem o hábito de comer hortigranjeiros, pelo próprio preço elevado e pela contaminação causada pelo excesso de inseticidas e outros do gênero. Difícilmente a população vai trocar o arroz ou pão, por mais caros que estejam, por repolho, alface, cenoura...

O PRODUTOR RECEBENDO POUCO

Quem é que está ganhando dinheiro com todo este passeio do hortigranjeiro? Noryuki Asada, proprietário de uma fruteira no centro de Ijuí, diz que não é o intermediário quem está ganhando dinheiro, "o que ganhamos dá prá defender as despesas. O que está acontecendo é que o produtor precisa ganhar mais pela sua produção". Recorda que é preciso levar em conta que o adubo subiu muito, e que o produtor tem custos elevados na lavoura. "Quem trabalha com hortigranjeiro, ao meu ver, tem que ter prejuízo. Como é que um produtor pode andar ganhando dinheiro com estes preços que está recebendo"?

Asada concorda que este passeio do hortigranjeiro só serve para encarecer a produção. "Mas como evitar toda estas viagens até Porto Alegre, se por aqui não temos maçã, laranjas, ameixas, mamão, abacaxi... Quem vai a Porto Alegre buscar algumas caixas de frutas, já aproveita

e traz o resto". Alfaces, cenouras e temperos, enquanto tem por aqui, Asada não traz de Porto Alegre. "O resto tenho de buscar lá, pois têm melhor classificação e melhor qualidade". O que Asada não concorda é que se leve produtos do interior para apodrecer na CEASA. "Isso sim não é certo".

A questão não é tanto de abastecimento, comenta Nelci Baroni, Gerente do Setor de Hortigranjeiro da Cotrijuí. O problema maior é a estocagem. "O que ocorre é que o hortigranjeiro é um produto altamente perecível e, portanto, não pode ser esticado por muito tempo. Por isso, não se pode comprar grandes quantidades de um mesmo produto". Se o mercado da região comporta, por exemplo, 10 caixas de pêssegos por semana, torna-se oneroso mandar um caminhão a Pelotas, para carregar estas 10 caixas. "É necessário, então, que alguém comercialize pêssegos à nível de atacado, faça esta distribuição em locais onde há diversos compradores de pequenas quantidades".

Segundo o Baroni, este passeio, que até certo ponto é indispensável sob o seu ponto de vista, ocorre até mesmo com o produtor da região. "Se levamos em conta o custo da própria venda, que é o transporte, o tempo gasto, etc., é melhor vender por um preço menor. É que cada produtor nos entrega uma pequena quantidade e, no final, completamos uma linha de produtos". Por outro lado, o Baroni reconhece que o Setor de Hortigranjeiro ainda não está em condições de receber toda a produção do produtor, "pois quando é época de pepino, por exemplo, todo o consumidor também é produtor de fundo de quintal".

Um jogo de esconde-esconde

Na estrada Porto Alegre a Canoas, está localizada a Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul - Ceasa. Pelo lado de fora do imenso portão de entrada, parece um lugar comum. Pelo lado de dentro, um mundo totalmente novo, desconhecido e complexo. É o mundo dos hortifrutigranjeiros. Uma parada quase que obrigatória, para o hortigranjeiro que vem do interior, que vem de outros estados. A parada, quase sempre é rápida, só o tempo de pegar um novo preço e tocar o passeio para frente, nem que seja para voltar ao lugar de origem.

O dia na Ceasa começa muito cedo, quase sempre na noite anterior. Lá na "pedra", um pavilhão onde produtores e intermediários alugam pequenos boxes de alguns metros quadrados para vender sua produção ou a produção de outros, a movimentação começa cedo. O intermediário, na verdade o grande conhecedor das "manhas" do mercado e dos preços, há muito deixou de dormir à noite para marcar de cima a produção que vai entrando. Andando de um lado para outro, vai olhando, observando, conversando, anotando tudo e comprando. Da quantidade de produção que entrar durante a madrugada, vai depender o preço do dia. E ganha mais dinheiro quem for mais esperto e bom negociante. Se está entrando, por exemplo, pouca cenoura, o intermediário aproveita e compra todo o estoque dos produtores que vem das redondezas de Porto Alegre. Logo em seguida vende pelo dobro e, dependendo, até por muito mais.

É aí na "pedra" que estão os maiores "pequenos" intermediários, como o Bagé. Ele trabalha com comissão, ou seja, revende produtos para um grande número de produtores. Só que ele tem o preço e freguesia certa. De maneira alguma, ele vende para quem não seja freguês, nem pelo dobro do preço". A freguesia certa é fundamental para o sucesso das vendas".

Lá na "pedra", todas as manhãs, a confusão é grande. Os boxes

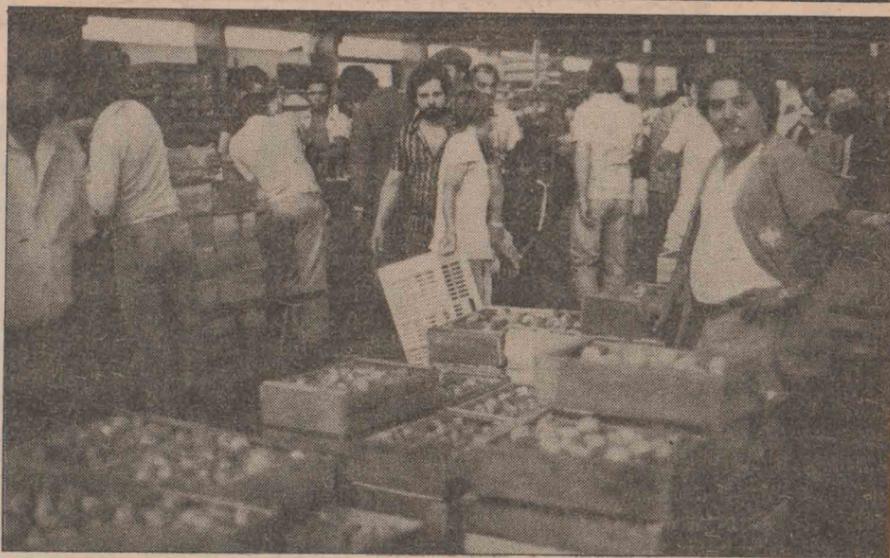
são pequenos e abertos. O trânsito de pessoas comprando, passeando, e pesquisando preços é intenso. Quase escondido entre caixas de alfaces, que até às 9 horas da manhã ainda não haviam saído, o produtor Eloi Carlos da Rocha, se queixa das despesas e do pouco lucro. "Todo o meu dinheiro de hoje, está dentro destas caixas de alfaces empilhadas, que logo mais vão para o lixo ou então para a Santa Casa". Produtor de Viamão, Eloi vai todos os dias à Ceasa vender as suas alfaces. Alguns dias tem sorte, outros não. "A gente já sai de casa gastando dinheiro e da onde tirar esse dinheiro? Tem que ser do consumidor mesmo".

Nem Eloi nem Iasuhi Kiriya, também produtor de Viamão, contestam a interferência do intermediário. Mesmo que o intermediário esteja no box a seu lado, vendendo o mesmo produto, pelo dobro do preço e com freguesia certa, Kiriya admite que o atravessador também tem o direito de ter o seu lucro. "Ele é como nós, também tem prejuízos. Não adianta criticar a intermediação no hortigranjeiro, se ele existe em tudo quanto é produto. Desde o petróleo até a gasolina, a intermediação vai longe".

O INTERMEDIÁRIO - A SALVAÇÃO

Aristides da Costa, de Viamão, anda tão acostumado com a convivência diária do intermediário, que nem se importa mais. "Muitas vezes quem nos salva é o intermediário". É o caso da produção enalhada no fim da manhã". O produtor fica por ali, até que vem um intermediário, compra pela metade do preço e no outro dia vende pelo dobro. "O intermediário dá uma mão e tanto nestas horas. O pior é ficar com a produção enalhada. Nestas alturas, o preço é de menos".

Frente a uma pilha de cabeças de repolho que vai até a altura da parede, Manoel Martins é um dos grandes "pequenos" intermediários da "pedra". Manoel se esforça para vender as 6 mil cabeças de repolho que ainda restam. Oferece aqui, ali, mas com a certeza que no fim da manhã, quase toda a produção vai



A confusão é grande em todas manhãs da Ceasa

para o lixo ou então Santa Casa. Diz que não ganha muito, que é vendedor por comissão. O repolho é de produtores que deixam ali para ele vender. Não fazia muito, Manoel tinha vendido duas mil cabeças por Cr\$ 6,00, mas o preço já estava baixando e o seu lucro também. "Para cada cabeça que vendo, recebo Cr\$ 1,00 de comissão, enquanto que o produtor anda recebendo em torno de Cr\$ 3,00 por cabeça".

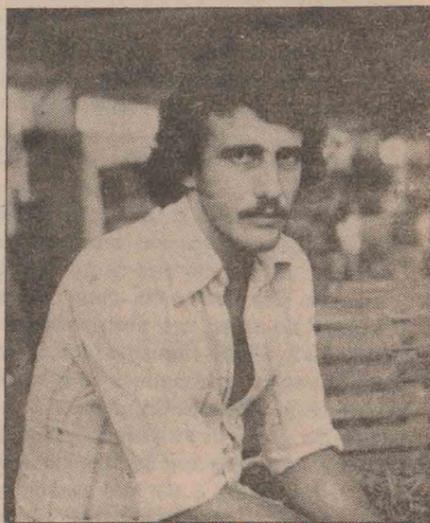
Se o produtor anda recebendo Cr\$ 3,00 pela cabeça e o intermediário coisa de Cr\$ 1,00, é de se perguntar para onde vão os outros Cr\$ 3,00 do repolho? É que o intermediário nunca fala a verdade e nem diz certo o que está ganhando. Se ele diz que está ganhando Cr\$ 2,00, é porque, no mínimo, está ganhando o triplo. O mercado do hortigranjeiro, tanto nos boxes dos grandes atacadistas, como na "pedra", é um jogo de esconde-esconde. Ninguém conta as coisas certas. Para esconder os lucros, sempre se diminui os preços.

ANO DE MISÉRIA

Telmo e Walter Bettio produtores de Vila Nova não são tão passivos e nem aceitam a intermediação assim tão fácil. Começam reclamando dos preços, que não acompanham a inflação. "No ano passado, diz Telmo, se vendia um pé de alface por Cr\$ 5,00, hoje está custando Cr\$ 4,00. "Enquanto que a semente subiu, e o adubo então nem dá prá comentar. Este ano vai ser um prejuízo total. O que se ganha com a venda das verduras, não vai cobrir as despesas. Até o esterco não dá mais prá comprar de tão caro". Walter completa, dizendo que este é um ano de miséria para o produtor. "Andamos fazendo as contas

e achamos que é mais negócio deixar a produção em casa, do que trazer para vender aqui".

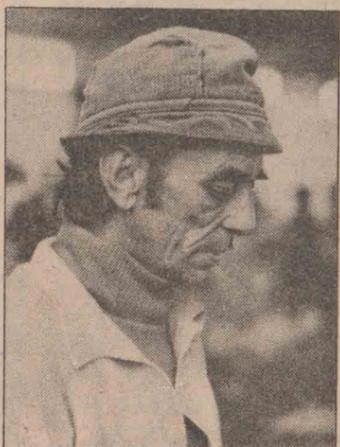
Se não fosse o preço do adubo, dos inseticidas, das máquinas, sementes... até que os preços não andavam tão ruins, falam os primos Bettio. Se os preços das verduras já andam ruins, "eles ainda ficam piores, quando entra produção de São Paulo. Eu só queria saber como é que este pessoal que traz produtos de São Paulo, que tem gastos altíssimos de transporte, pode chegar aqui e vender por um preço ainda mais baixo que o nosso?" pergunta Walter, o mais indignado com a situação dos produtores de hortigranjeiros. "Só para apanhar uma caixa de pêssego, sem contar os tratamentos dos pessegueiros, gastamos Cr\$ 60,00, prá chegar aqui e vender uma caixa por Cr\$ 80,00, isso, se o pêssego for dos bons, senão, não pega este preço. O governo precisa dar um jeito na situação do produtor, nem que seja baixando o preço do adubo".



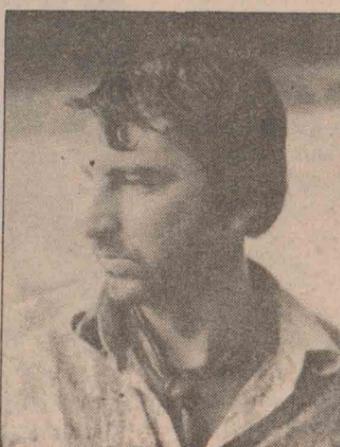
Eloi: se tem muita despesa



Iasuhi diz que tem prejuízo



Aristides: preço não conta



Manoel fala de pouco lucro



Telmo e Walter: melhor deixar em casa

O produto na mão do atacadista

Nos vários pavilhões onde estão localizados os box das grandes firmas de atacadistas, como preferem ser chamados, o movimento também começa muito cedo. Quatro horas da manhã, o pessoal já anda trabalhando há muito tempo. No meio da confusão, de carregador com uma caixa de tomate nos ombros ou de um carrinho empilhado de sacos de batatinhas, parece que as coisas não podem se engrenar direito. Mas as coisas se encaixam, e quando chega 10 horas da manhã, poucos caminhões ainda restam para carregar.

O LUCRO É DE QUEM?

É com os grandes atacadistas, que o hortigranjeiro mais passa de mão-em-mão. E é onde o preço também mais se avilta. Osvaldo Teixeira, de Torres, é um grande produtor de tomates. Com uma perspectiva de colher umas 2 mil caixas de tomate, Osvaldo já tinha feito os seus cálculos e andava achando que ia tirar uns Cr\$. . . 600 mil de lucro, isto se permanecesse o preço de Cr\$ 1.200,00 a caixa de 23 quilos. Com a entrada de mais tomates no mercado, até o fim do mês de novembro, uma caixa já estava custando, à nível de produtor, Cr\$ 700,00. "Prá todas as despesas que se tem com a agricultura, o lucro não compensa. A gente sempre acha que sobra um dinheiro, mas na hora de saldar as dívidas, ele some". O tomate do seu Osvaldo é comprado pela firma M. B. Moisés, que por sua vez, revende para caminhões que abastecem fruteiras de cidades da fronteira. "Por mais barato que saia a produção das mãos do produtor, até chegar ao consumidor, o preço anda muito longe.

Mesmo assim, o seu Osvaldo é conformado com a intermediação. "Se não é a intermediação, não tem como entregar o produto". Já Sinval Jacob Torres, um atacadista de São Gabriel, não acha que o intermediário tenha tanto lucro, "coisa de 20 por cento, para tirar o transporte e ainda sobrar um dinheirinho".

Seu Sinval diz que não ganha muito. Uma cabeça de repolho, por exemplo, no fim do mês de novembro, comprava por Cr\$ 6,00. Para tirar as despesas do frete, era obrigado a vender a Cr\$ 15,00 enquanto que o fruteirista estava repassando a Cr\$ 20,00. O produtor andava ganhando Cr\$. . . 4,00. Do preço de origem ao preço final, vai um acréscimo de 500 e poucos por cento. Quem é que está ganhando? Certamente o produtor é que não é. Admite, no entanto, que tem determinados produtos, como a alface, por exemplo, que não dá para ganhar menos de 100 por cento. "Com a alface se tem que ganhar mais ou menos bem, pois se não sai logo nos primeiros dias, vai tudo fora". Ele concorda que o consumidor esteja pagando caro demais pelas frutas e verduras, mas diz que não é por culpa da intermediação, "sim pelo alto custo do transporte". Paulo Gualhanoni, da firma M.B. Moisés tem o mesmo raciocínio e pergunta: "se não existisse o intermediário, quem venderia a produção? O próprio produtor? Neste caso, o consumidor teria de ir buscar verduras na lavoura".

A judiação do produtor

"O jeito é viver do hortigranjeiro, pois com o trigo ou a soja é pior ainda", comenta seu Ítalo Seibert, dono de 14 hectares lá no Arroio das Antas, Ijuí. Durante um bom tempo até andou trabalhando sob a orientação técnica de uns fruteiristas japoneses, "com quem aprendi muita coisa. Eu era uma pessoa que não acreditava em adubação foliar e hoje só vejo vantagens". Depois de 15 anos lidando com alfaces, cenouras, repolhos, pepinos, batatinhas, o seu Ítalo tem uma longa experiência e conhecimento de todas as manhas do hortigranjeiro dentro da lavoura. "Em hortigranjeiro o que vale é a experiência. O produtor não pode nunca dar uma cochilada, senão perde produção na lavoura".

Com tanta experiência em hortigranjeiro, o seu Ítalo já sabe que o preço é uma coisa que vai andar sempre de acordo com a produção disponível no mercado. Quando dá uma safra boa, de encher os olhos, é certo que o dinheiro vai ser pouco. Se acontece o contrário e a gente tem a sorte de ter uma produção boa, só dá dinheiro". Este ano, por exemplo, foi o ano da cenoura. Aqueles que produziram no cedo, como foi o caso do seu Ítalo, ainda tiveram a sorte de pegar um bom dinheiro. Dinheiro mesmo, dos graúdos, com o hortigranjeiro ninguém tira. "Nem construir uma casa nova eu não tou conseguindo". Quando dá um bom dinheiro de lucro, não fica com o produtor, e sim com o intermediário. Por se apoderar de boa parte do lucro é que seu Ítalo acha que em parte o intermediário incomoda um pouco o produtor. "O governo, logo no início do ano andava falando muito em terminar com o tal de intermediário, mas até agora nada e nem vai conseguir. É que no fundo, no fundo, o produtor precisa do intermediário, principalmente quando existe excesso de produção. Quando existe escassez de determinada verdura, quem faz e acontece com o preço é o produtor, o dono da produção".

O LUCRO DO FEIRANTE

O envolvimento na lavoura não dá tempo para que os produtores ainda possam se preocupar em colocar a produção no mercado e é bem aí que nasceu e cresceu o intermediário. "A verdade é que se não fosse o intermediário, o produtor não ia ter onde entregar a sua produção". Lidar com hortigranjeiro "é até meio crítico". A começar, por exemplo, com a alface, que, no mínimo, 20 por cento fica na lavoura. Depois de colhidas as perdas continuam. "Temos que levar em conta que alface só é boa mesmo no primeiro dia, na segunda ainda passa e no terceiro já não presta mais. E aí aparecem as perdas, por isso é que ainda defendo um certo lucro por parte do intermediário e principalmente do feirante. "A quebra do feirante é muito grande. Eu queria ter só 10 por cento do que um feirante perde".

No final das contas quem paga pelas quebras e despesas do intermediário ou do feirante é o consumidor, que nada tem a ver com todos estes gastos, quebras, embalagens ou viagens distantes. "Se eu fosse um consumidor assalariado, jamais ia comprar verduras prá comer," diz o seu Valmir Siezemer, também do Arroio das Antas. "Do jeito que a gente vê os preços nestas feiras, não dá prá comprar. O con-

sumidor de pouca renda não pode comer verdura, senão não sobra dinheiro prá ele se vestir, comer arroz, feijão, alguma carne e ainda pagar aluguel. Como é que assalariado vai poder comer batatinha, pelo preço que anda?

NINGUÉM ENRIQUECE

Os preços andam altos, no pensar do seu Valmir só à nível de consumidor, pois o produtor até que anda ganhando muito pouco. Mesmo assim, não ganhando muito dinheiro, diz que quem tem 2 ou 3 hectares de terra, "só tem chance de fazer sucesso é com hortigranjeiro mesmo". "Com trigo e soja, num pedacinho de terra, quero ver quem é que faz sucesso". Só que quem planta hortigranjeiro não pode pensar em ficar rico. "Não conheço ninguém que planta verduras que anda lá muito bem de vida. Agora o comerciante, aquele que nos compra as verduras, este sim, fica com um lucro grande. E isto já é uma judiação prá quem lavra a terra, semeia, irriga duas, três vezes por dia, colhe e tem todos os custos na lavoura. Se o intermediário não tirasse tanto lucro, até que o produtor e o consumidor não seriam tão judiados".

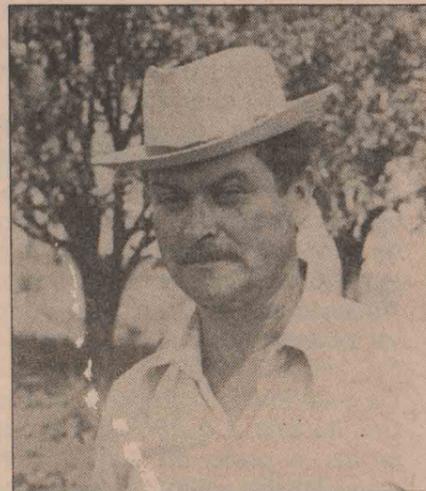
Que nem o seu Ítalo, o seu Wilson Nicoletti, também de Arroio das Antas diz que é na época de superprodução que o produtor mais se utiliza do intermediário. "Numa época destas, o produtor prefere vender a sua produção por qualquer preço, mesmo sabendo que o intermediário vai vender no outro dia pelo dobro". Os produtores preferem, já que o mercado é tão instável, vender a qualquer preço do que ficar dando cenoura, repolho para os animais ou então deixar apodrecendo na lavoura. "A gente tá sabendo que se tira 40 por cento de lucro, o intermediário vai tirar no mínimo 60. Só para mostrar por onde anda o ganho do intermediário, o seu Wilson contou que a uns meses atrás vendia um maço de cenoura por Cr\$. . . 11,00, enquanto que o consumidor estava pagando coisa de Cr\$ 18,00 pelo mesmo maço, "só que mais viajado. Isto até que é meio demais pró bolso do consumidor. A alface é outro exemplo. "A gente vende o pé por Cr\$ 3,00 e o consumidor deve andar pagando um dinheirão.

PRODUTOR GOVERNADO

Se o seu Wilson, meio conformado com o lucro dos intermediários, diz que eles não passam de "uma indiada esperada", a dona Lucídia não fica fazendo rodeios e de saída vai dizendo que hoje o

colono é um governado. "O intermediário faz dele o que quer. Ele produz, mas quando chega a hora de vender, tem que ser pelo preço do comerciante. Não consegue escapar das mãos dos grandes".

"O que é ganhar Cr\$ 2,00 ou Cr\$ 3,00 por um pé de alface", pergunta Valmir Vicente Copetti, do Rincão dos Goi. Ou então ganhar Cr\$ 3,00 por um quilo de repolho?" Valmir demonstra claramente todo o seu descontentamento pelo preço das verduras e pelo lucro "exagerado do intermediário. "O preço cai só prá nós, produtores, porque o intermediário continua ganhando dinheiro e o consumidor pagando caro. Só por um pé de alface, o consumidor anda pagando coisa de Cr\$ 20,00. É possível ganhar mais de 300 por cento de lucro? Tem de ser lucro, pois a despesa dele não é tão grande".



Ítalo Seibert: a experiência



Valmir Siezemer: a judiação



Wilson Nicoletti: qualquer preço



Valmir Copetti: lucro exagerado

PREÇOS PARADOS

O hortigranjeiro, sempre será hortigranjeiro. A terra é pouca e os lucros também. "Quem tem 3 hectares de terra, só tem mesmo que lidar com hortigranjeiro, embora a gente tenha pela frente um quadro nada animador em termos de preços". É que, segundo o Valmir, os preços do hortigranjeiro, frente a inflação que anda por aí, preço da gasolina, custos da lavoura (adubos, semente, tratamentos...) não saem do chão. Os preços dos hortigranjeiros são sempre os mesmos pro produtor. No ano passado um pé de alface custava o mesmo preço de hoje, enquanto que a gasolina pulou de Cr\$ 12,00 para Cr\$ 51,00. Nós não temos lucro". Enquanto o produtor se queixa dos preços baixos, o hortigranjeiro continua passeando, andando de mão-em-mão, passando de intermediário para intermediário e o preço crescendo. "Estas viagens das verduras eu não sei se dá prá evitar. Os feiristas daqui de Ijuí preferem ir buscar verduras lá em Porto Alegre. Dizem que nós não temos produção suficiente. O produtor, por sua vez, fica com medo de aumentar a produção e depois não ter onde colocar. Estas viagens todas é que encarecem demais as verduras pro consumidor".

O mercado muda o preço toda hora

O mercado dos hortigranjeiros é o mais livre. Nele não existe concorrências estáveis, como acontece, por exemplo, com o óleo de soja, que tem firmas trabalhando durante todo o ano sempre com o mesmo produto. "O hortigranjeiro é o dia-a-dia", diz o Gerente Comercial do Setor do Hortigranjeiro da Cotrijuí, Nelci Baroni. Um exemplo bem típico da instabilidade dos preços do hortigranjeiro acontece com o tomate. Um dia uma caixa de tomate, de 25 quilos, está custando Cr\$ 450,00 e no outro, o preço já pode andar em Cr\$ 800,00. "O preço vai andando de acordo com a produção disponível no mercado. Se falta tomate, é certo que o preço vai lá em cima. Se tem produto demais, o preço fica baixo", comenta o Baroni. Só que nestes casos, quando o preço fica lá embaixo, pelo menos logo de saída, o consumidor não chega a notar que está existindo excesso de produção, pois o preço à nível de consumidor continua o mesmo por um bom tempo. Agora quando acontece o contrário, o consumidor é o primeiro a pagar mais caro.

Nas ocasiões em que existe escassez de determinado produto "o produtor é o dono do mercado e é quem faz o preço. Ele pede o preço que quer e o que vale o seu produto". É bem neste período de escassez de produção, "que tanto o produtor como o atacadista, ganham dinheiro", diz o Baroni. Quando há uma supersafra, o produtor se contenta em entregar a sua produção a qualquer preço, pois o hortigranjeiro não apresenta as mesmas características dos demais produtos, que na falta de um preço melhor, podem ser armazenados por algum tempo. "Com o hortigranjeiro não tem nada disso. Tem que ser vendido pelo preço do dia, na hora".

Quem "paga o pato" é o consumidor

Ônibus, muita fumaça de óleo diesel, água suja correndo pelo meio fio da calçada, lixo espalhado por todos os lados. Junto ao fim da linha dos ônibus de Porto Alegre, na Praça XV, fica também o fim do passeio dos hortigranjeiros que vêm do interior e de outros Estados para a capital. Ali, dezenas de bancas são frequentadas diariamente por milhares de pessoas a procura de tomate, alface e outras verduras. Os vendedores, quase brigam pelos fregueses. Cada um procura gritar mais alto os seus preços, fala nas vantagens de seus produtos, na busca do lucro para seus patrões.

É e nesse local, sujo e desorganizado, que se pode perceber os lucros que os produtores hortigranjeiros rendem para alguns. Pela manhã, as frutas e verduras, recém trazidas da Ceasa, custam um preço. Já no final da tarde, estes mesmos produtos podem ser comprados quase que pela metade do preço. E os donos das bancas, ao fazerem as suas contas, no fim do dia, certamente não se queixam dos prejuízos. É claro que quem paga tudo é o consumidor.

Ainda assim, a maioria das pessoas que ali faz as suas compras alega vantagens no preço e na qualidade dos produtos em relação a outros locais. "Compensa a gente vir ao centro e comprar verduras aqui nas bancas, pois elas são de melhor qualidade e mais baratas que nos supermercados dos bairros", diz dona Elça Pereira.

SOBE COMO TUDO

Assim, a maioria das pessoas se contenta a pagar o preço dobrado, muitas vezes bem mais caro do que na semana anterior. Alguns, como José Espindola, entendem que "os preços das verduras têm subido como tudo" e por isso já não se pode comprar tanta coisa como alguns tempos atrás". Embora sem muita certeza, mais por ouvir falar, ele acha que a culpa pelos constantes aumentos dos hortigranjeiros "seja dos intermediários".

Na verdade, "talvez a alta dos preços de frutas e verduras seja menor que a do custo de vida", como diz Carmen Cafaxefeiro. Mas ela acrescenta que esses produtos "não estão baratos por causa dos baixos salários que a gente ganha". Já o artesão Marco Antônio Barbosa, que compra frutas e verduras toda a semana para os seus dois filhos, diz que não entende porque "tudo sobe tanto a cada dia".

— Eu não entendo nada de economia. Quem pode explicar isso é o Delfim.

O CULPADO

Um pouco mais informada, Lizete Barros usa poucas palavras para explicar o constante aumento de preços. "A culpa é do governo", diz ela simplesmente. Depois de ter morado quatro anos em São Paulo, ela regressou a Porto Alegre há coisa de um ano. Em São Paulo ela costumava fazer compras em conjunto com seus vizinhos, adquirindo frutas e verduras por menor preço. Em Porto Alegre ainda não conseguiu repetir esta experiência. Mas assim mesmo continua comprando esses produtos "porque eles são essenciais para alimentação do meu nenê". Co-



Erci: fim do atravessador



Marco Antonio: só o Delfim



Eraci: precisa plantar mais



Lizete: sem volta

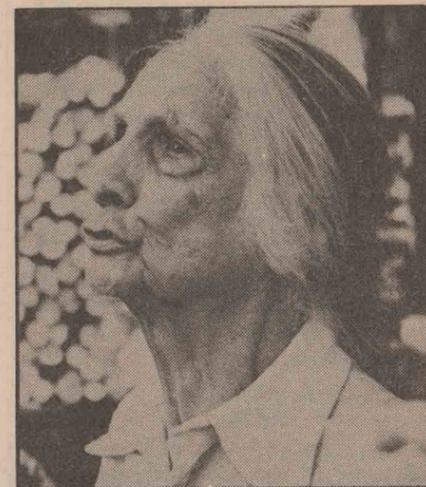
mo há cerca de um ano vem todas as semanas ao centro comprar verduras, Lizete pode perceber que esses produtos "sobem toda a semana, devagar, mas sem volta". Bem diferente é a experiência de Edgar Santos e sua mulher Maria Eligia Santos:

— Nós estamos passando umas férias aqui em Porto Alegre. Somos de Palmeira das Missões. Aqui em Porto Alegre os preços das frutas e verduras são bem mais baratos que em Palmeira. Um quilo de tomate que aqui nós compramos por Cr\$ 20,00, lá está custando Cr\$ 50,00. É que lá não se planta nada, é só cultura da soja. Por isso as coisas tem de vir de longe e sair mais caro.

COMÍCIO CONTRA O PREÇO

Se o casal palmeirense está satisfeito com os preços que encontrou em Porto Alegre, as irmãs Eraci e Erci Fraga não gostam nem um pouco. As duas fazem um verdadeiro comício contra os preços altos. Para elas, "quem ganha com todos estes aumentos é o comércio". Só que as duas discordam das soluções que poderiam fazer com que esses preços baixassem.

Enquanto que Eraci entende que "é preciso plantar mais", Erci é categórica ao afirmar que "o governo precisa é acabar com os atravessadores que ficam com enormes lucros, enquanto que a gente não pode mais comer carnes e verduras, os alimentos essenciais". É quase a mesma opinião de Marcos Vecchio, para quem "o governo precisava encampar a distribuição destes hortigranjeiros". Ele sabe que os intermediários tem muitos lucros, pois tem parentes em Serafina Corrêa e frequente-



Otilia: uma barbaridade

mente vai lá comprar produtos por preços bem menores.

Há, no entanto, quem não se conforme com os preços altos. É o caso de Otilia Pereira, de 82 anos, que briga com um vendedor:

— É um absurdo. Além de cobrar uma barbaridade por tudo, eles ainda não deixam a gente escolher as verduras melhores. Se até os ricos já estão reclamando dos preços altos, imagina a gente que é pobre. Eu com 82 anos, recebendo uma pensão do meu marido que morreu trabalhando na CEEE, ainda preciso trabalhar prá poder comer. É um absurdo.

E dona Otilia recebe um apoio inesperado. Um vendedor de outra banca, certamente também com dificuldades para comprar seus alimentos, comenta bem alto:

É isso mesmo vizinha. Tem que reclamar. Não dá mais prá aguentar. (Cotrijornal).

O PERIGO DE SE ENVENENAR AOS POUCOS

Hoje em dia não são mais as intoxicações agudas, que aparecem na hora em que se lida com os defensivos agrícolas, que andam preocupando os médicos. O perigo maior é envenenamento lento, que vai acumulando no corpo estes produtos químicos.

O susto provocado pelas intoxicações com defensivos agrícolas, até por volta de 1977, parecia ter passado. Campanhas e mais campanhas tentaram reduzir o uso dos venenos, mas tudo isso de pouco serviu. Agora, o assunto volta a ser discutido, com muita gente revoltada. Na verdade, o susto continua, e essa revolta se vira contra, principalmente, uma portaria do Ministério da Agricultura, que não altera a situação.

Esta portaria (veja no quadro) não preocupa só os agrônomos e outros técnicos que vêm lutando para que a venda de defensivos seja realmente controlada no Brasil. Os médicos também andam bastante alarmados, porque os envenenamentos não diminuíram como se andou pensando. O chefe do Centro de Saúde de Ijuí, Gilberto Pereira Gomes, vem constatando que, pelo contrário, as intoxicações provocadas pelos venenos podem ter chegado, agora, à etapa considerada mais grave.

Para quem trata, como ele, de muita gente com problemas provocados pelos defensivos, a situação é mesmo preocupante. Gilberto lembra que a fase das intoxicações

agudas realmente passou. Isso quer dizer que os casos de agricultores envenenados na hora de colocar o produto na lavoura, já não acontecem como antes. Tanto que este ano o Hospital de Caridade de Ijuí tratou de apenas dois casos desses, mas sem registrar nenhuma morte. Antes, essas intoxicações atingiam números altos por ano.

O VENENO SE ACUMULA

Agora, segundo o doutor Gilberto, é outro o tipo de envenenamento que vem sendo notado. É a tal de intoxicação progressiva, que acontece lentamente. O veneno vai se acumulando aos poucos no corpo da pessoa, até chegar a um ponto em que começam a acontecer vômitos, diarreias, tonturas. Tem agricultor que anda inclusive com problemas de perturbação mental,

com a cabeça meio confusa, por causa dos defensivos.

É aí que está uma das coisas que mais preocupam, pois os médicos andam constatando que os venenos são capazes de causar perturbações mentais. Gilberto Gomes lembra que, muitas vezes, o médico encontra dificuldades para saber quais são as causas das doenças, e só depois é que fica sabendo que há uma relação com os defensivos. O pior é que essas complicações podem se agravar: a pessoa começa a ter convulsões, até morrer com parada respiratória. Quer dizer que essa intoxicação lenta não fica só nas tonturas e desmaios. O envenenamento progressivo, de ano a ano, deixa a pessoa tensa, nervosa, e pode matar, se não houver assistência médica.

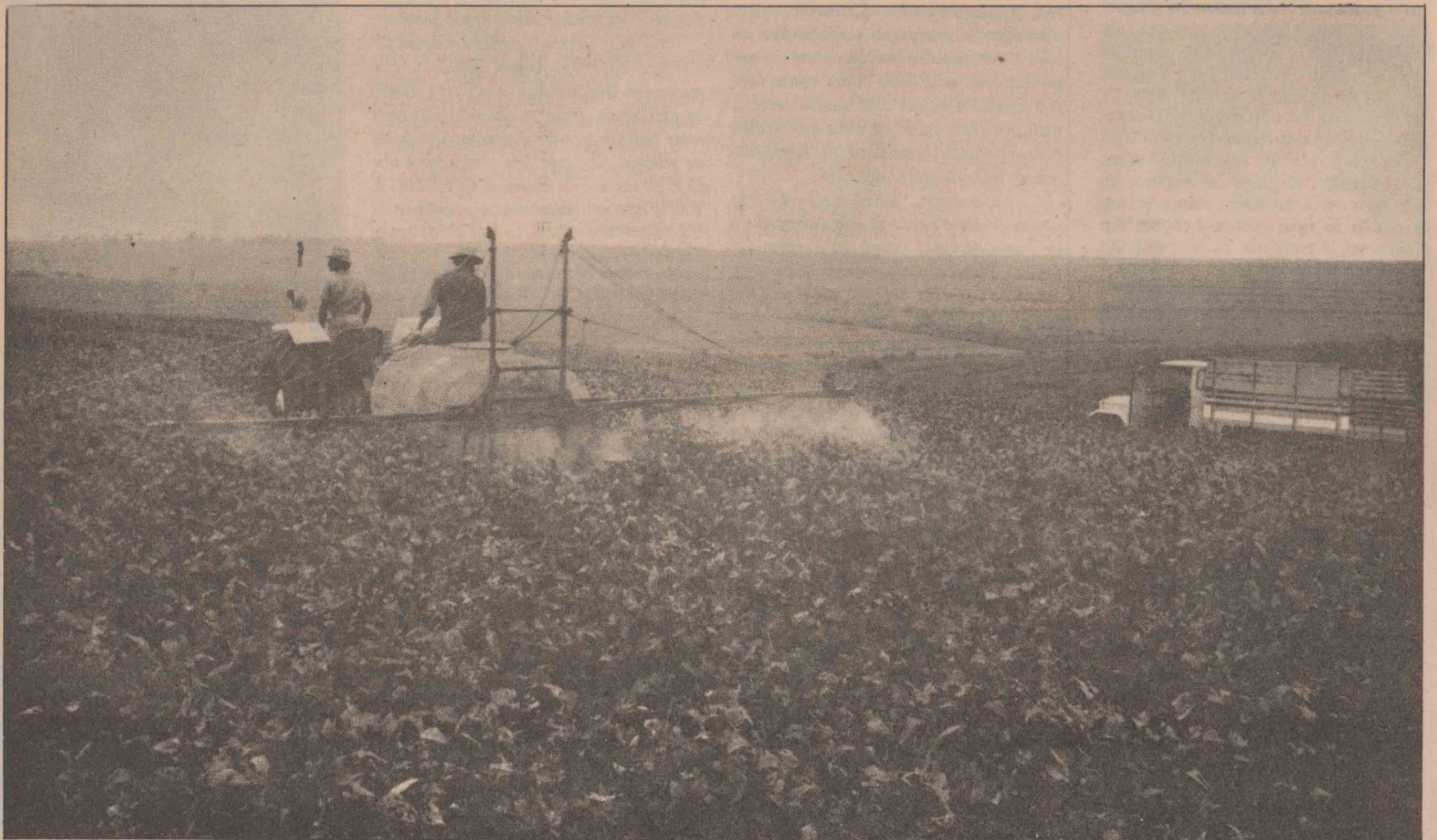
O doutor Gilberto faz questão de dizer que os tais de organo-clorados ou organo-fosforados são os venenos mais violentos. Eles têm poder acumulativo, vão se juntando no sistema nervoso muscular e nas gorduras dos agricultores, até chegar à fase crônica, quando não podem mais ser expelidos do corpo. Esses são os efeitos "mascarados"

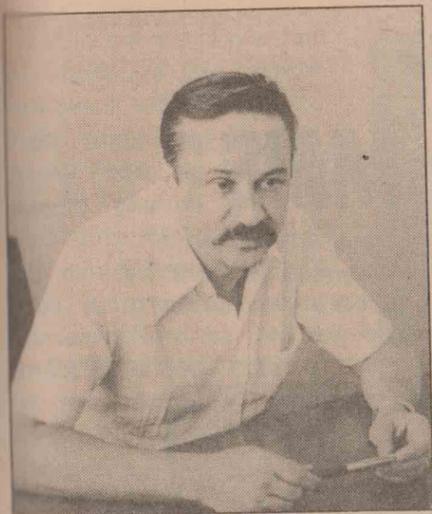
dos inseticidas, herbicidas e outros produtos, como diz o médico, pois eles não aparecem de imediato. Demoram um bom tempo para se manifestar.

CONTAMINA ATÉ O AR

Só que essa intoxicação lenta dos venenos não atinge apenas os agricultores. O Centro de Saúde tem constatado que, no meio das 30 a 40 pessoas que aparecem por mês na unidade, com problemas provocados por defensivos, há muitas crianças. Nesses casos, o envenenamento se manifesta com vômitos e diarreias. As crianças são tratadas, mas não melhoram, e só após um certo tempo é que o médico vai descobrir que elas andaram bebendo água contaminada, ou moram perto de um riacho poluído.

O chefe do Centro de Saúde





Gilberto: morte lenta

lembra, no entanto, que o envenenamento não acontece somente quando as crianças ou os adultos consomem água contaminada. A contaminação acontece pelo ar, mesmo que a pessoa não esteja muito perto da lavoura onde o produto foi aplicado. E também podem haver complicações pelo contato da pele com os venenos. Na verdade, o agricultor, sua família e os vizinhos estão sendo envenenados todos os dias, bebendo, comendo, respirando e tocando nos venenos. É tudo muito lento, e por isso só o médico é que vai descobrir que os defensivos foram os causadores das doenças.

OS MÍNIMOS CUIDADOS

A situação é grave, e para que não piore ainda mais, o doutor Gilberto faz algumas recomendações. Primeiro, o produtor deve tomar cuidados na aplicação dos defensivos. Se sentir sintomas de intoxicação, deve procurar o médico, pois o tratamento no início do envenenamento evita que o problema fique crônico. Ele pede que as crianças não se banhem em riachos que recebam enxurrada direta das lavouras. E lembra que todos os hortigranjeiros com tratamento desses venenos devem ser bem lavados e, se possível, descascados antes do consumo.

Outra recomendação do médico é para que nem sempre o mesmo agricultor aplique os defensivos na lavoura. Ele sugere um rodízio, uma troca de pessoas nesse trabalho, para que nem sempre a mesma vá acumulando os venenos. Com essa troca, o doutor Gilberto acha que a pessoa pode ganhar um tempo para que o organismo se recupere. O médico pede também que as máquinas e vasilhames usados na aplicação dos venenos não sejam lavados em riachos que abastecem de água a família. Mesmo porque — lembra ele — a intoxicação não atinge apenas o agricultor, mas sua família, seus filhos, seus vizinhos.

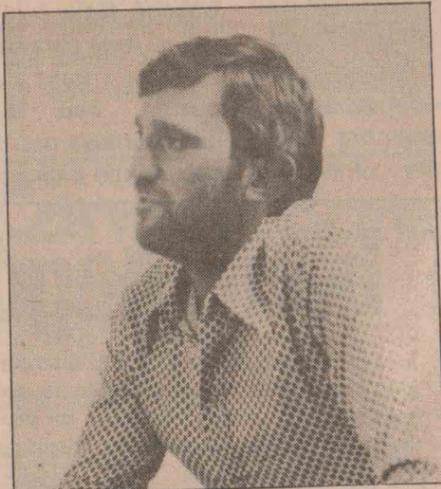
“Depois que a gente se estraga, não se cura nunca mais”

Sempre que o agricultor Lucídio Antônio Goi aparece no Hospital de Caridade de Ijuí, o pessoal da portaria e os enfermeiros ficam alarmados e já vão antecipando: o homem se intoxicou de novo. Não é à toa que Lucídio ficou bastante conhecido no hospital. Ele já foi internado seis vezes, para tratamentos contra intoxicações provocadas pelos defensivos agrícolas.

Lucídio, que mora em Rincão dos Goi (Ijuí), teve a primeira intoxicação em 1975, e depois foi uma atrás da outra. Em 78 ele chegou a se envenenar duas vezes, depois da aplicação de defensivos na lavoura. Só em 79 é que ele não teve problemas com os venenos. Já este ano, em novembro, Lucídio teve que ser baixado de novo no hospital. Ele tem se intoxicado com trifuralina e Alacran, e hoje garante que não pode nem mais ver os venenos.

Até bem pouco, Lucídio já dizia que nunca mais tocaria nos defensivos. Em novembro ele esqueceu dessa promessa, pois achou que já dava para voltar a lidar com os produtos químicos. Ele pegou o trator e tentou enterrar o herbicida aplicado na área onde plantaria soja. Deu umas cinco ou seis voltas e começou a se sentir mal.

— Em menos de hora eu já es-



Lucídio Goi já parou 6 vezes no hospital

tava intoxicado. Primeiro começa a inchar o fígado, e de repente eu fico gripado.

BANHO DE VENENO

Lucídio começou a se sentir mal de tarde, na lavoura, e de noite estava imprestável. A cabeça doía muito, o corpo foi sendo amortecido, e deu nervosismo e tremor de frio. No outro dia de manhã ele foi internado no hospital de Ijuí, onde ficou três dias. “Eu tinha uma cansa e não conseguia nem levantar a cabeça do travesseiro”, conta o agricultor.

Mas esta intoxicação até que foi bem mais fraca que as outras. Em 75, ele levou um banho de veneno, quando o produto derramou do tanque de pulverização. Lucídio ficou com as calças bem molhadas, mas não deu muita atenção. Foi para casa, e só depois é que começou a ter tonturas. A pele ficou avermelhada, e ele teve até convulsões.

“Eu sempre achava que esses venenos nunca iriam fazer mal pra gente”, conta o produtor, lembrando que “agora já se sabe que hoje ou amanhã eles vão prejudicar a saúde de muitas pessoas”. Lucídio diz que, depois de tantas intoxicações, ele já se sente meio fraco.

— Eu tenho até menos vontade de comer. Não sinto fome como sentia antes, e perdi bastante peso. Só sinto vontade de comer doce e água gelada, um suco doce, uma coisa assim.

Lucídio assegura que nunca mais vai lidar com veneno. Ele não quer nem ver os defensivos, pois acredita que “todo o cuidado é pouco”. Isso é o que diz também o Reinaldo Folmer, de Barra Grande (Tenente Portela). Numa das últimas safras de trigo, ele teve que recorrer ao médico, por causa de uma intoxicação.

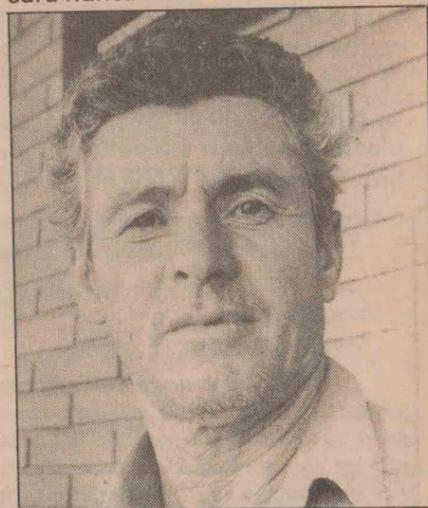
— Deu uma dor de cabeça que eu estava quase louco. Eu tenho uma daquelas maquininhas de pôr

nas costas e esparramar veneno, e fui usar no trigo pra matar umas pragas. Era daquele veneno que mata tudo, e eu não sei bem o nome.

DOR DE CABEÇA

Reinaldo só se lembra que deu uma polvadeira bem grande, que ele nem enxergava os filhos, que estavam na frente, segurando a manga de uns 50 metros. Ele começou a sentir mal, e o filho teve que levá-lo correndo para o hospital de Três Passos. Uma das filhas, que estava segurando a manga, também ficou mal, mas não precisou ser internada. O médico examinou o sangue de Reinaldo e era puro veneno. Até hoje, de vez em quando, ele tem que ir ao médico, para tratar da dor de cabeça que teima em voltar. O agricultor não quer ouvir falar de veneno, e até já deixou de lado a maquininha:

— Sei que não lido mais com veneno, e pode dar a praga que quiser. O motor está lá em casa guardado, e não chega a ter nem cinco horas de uso. Se alguém quiser botar veneno na lavoura, que bote, mas eu sei que não boto mais. Não quero ficar meio morrendo, que nem naquela vez. O veneno mata o bicho, mas mata a gente também. E depois que a gente se estraga não se cura nunca mais.



Reinaldo Folmer não lida mais

A saúde não conta

Teve quem esperasse que, este ano, o Ministério da Agricultura decidisse, finalmente, controlar a venda dos defensivos no Brasil. Mas quem esperava isso ficou decepcionado. No dia 11 de novembro, o Diário Oficial da União publicou a portaria 347, que diz como deve funcionar a comercialização e fiscalização dos venenos da lavoura. Essa portaria vem dando o que falar, porque — segundo os entendidos no assunto — em nada irá alterar a situação. Talvez até piore mais.

A portaria provocou reação entre os agrônomos, porque não tornou obrigatório o receituário agrônomo. Essa receita, recomendada até pelo Banco do Brasil, não vai ter validade em todo o país. O principal argumento do Ministério, divul-

gado pela imprensa, é de que ninguém sabe, na verdade, até hoje, quais são as consequências dos venenos. Diz também o Ministério que, se ninguém sabe disso, ninguém pode proibir o uso desse ou daquele defensivo.

Os agrônomos não gostaram da posição do Ministério, pois entendem que foram chamados de ignorantes, de desinformados. Pois o que aconteceu, com essa portaria, é que muitos produtos brabos poderão continuar à venda no Brasil, sem maior controle. Segundo a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, dessa forma 40 por cento dos defensivos, que estão entre os considerados perigosos, ainda vão ser utilizados, quando deveriam ser proibidos.

Tudo isso pode não preocupar os técnicos que atuam em cooperativas, onde já vem sendo feito o controle dos defensivos. Mas nas outras regiões do Brasil, como é que fica? Até agora, o receituário só está valendo no Rio Grande do Sul, e a intenção dos agrônomos é de estender sua validade para outros Estados.

Mesmo que esteja um pouco desanimado, esse pessoal que briga contra os defensivos vai continuar lutando, e agora para pedir a revogação da tal portaria, que seria substituída por outra. Todos eles sabem que para entrar nessa briga é preciso enfrentar as multinacionais, que vendem cerca de 47 bilhões de cruzeiros de defensivos por ano ao Brasil. Há muito dinheiro em jogo, e por isso a saúde é o que menos conta.

O GIRASSOL DÁ NO RIO GRANDE. POR QUE, ENTÃO, NÃO SE PLANTA MAIS?

Bem quando se volta a falar no aproveitamento do girassol para a produção de óleo, substituindo os óleos derivados de petróleo, os produtores se lembram da época em que se plantava esta cultura pelo Rio Grande do Sul. Hoje esta planta de flores grandes e amarelas só enfeita alguns jardins e, em alguns casos, ocupa curvas de níveis e terraços, usando seus grãos para alimentar animais. Pelo que se conhece, o girassol pode produzir bem por esta região, assim como já provou que no Mato Grosso do Sul ele surge como mais uma alternativa para os produtores.

O agrônomo Hilnon Corrêa Leite, que durante muitos anos (desde 1945) atuou pela Secretaria da Agricultura em Ijuí, lembra bem do tempo em que o girassol ocupou boa parte das lavouras de áreas do Estado. As plantações se localizavam principalmente em São Borja, na década de 60, mas não chegaram a durar muito. Por uns dois anos, a cultura mereceu atenção dos agricultores, e depois foi esquecida sem que ninguém saiba porque isso aconteceu.

"O girassol tinha uma lavoura de expressão", lembra ele, dizendo que, mesmo assim, nunca a cultura chegou a competir com a soja. Segundo Hilnon, é bom que se volte a falar nessa planta, com a realização de pesquisas, para que se saiba se ela é realmente rentável hoje em dia. O agrônomo recorda que, na época boa do girassol, o plantio acontecia em outubro, novembro, e a colhei-



Aproveitando as curvas e os terraços das lavouras

ta em abril ou maio.

Outro que se lembra bem das tentativas de plantio do girassol, na região noroeste do Estado, é Marcelino Bazan, agricultor de Vila Jóia, distrito de Tupanciretã. Segundo ele, se ouvia dizer, há uns 30 anos atrás, que o cavalo alimentado com girassol ficava

com o pelo lustroso. O ruim era a colheita manual, e às vezes a lavoura inventava de não dar bem, e só servia pra palha.

DÁ NO INVERNO?

Há uns 30 anos que o seu Marcelino não planta o girassol, mas ele sabe que hoje essa oleaginosa deve dar um bom dinheiro.

Quando plantava, ele vendia os grãos a um bolcheiro forte de Vila Jóia, a 400 réis o quilo. Até hoje ele não sabe o que o dono do bolicho fazia com o girassol, se dava para os animais ou vendia para alguma indústria. Seu Marcelino, que plantava nas terras do pai, deixou o girassol de la-

do, para plantar trigo e soja. Este ano, um dos filhos do agricultor se interessou pelo assunto, mas não conseguiu semente.

Só que o seu Marcelino garante que o girassol não dá no inverno, e outro agricultor, o Adão Ciotti, de Rincão da Ponte, em Ijuí, assegura o contrá-

Pode ser um bom negócio

Os poucos pés de girassol, que ainda podem ser vistos em algumas áreas das regiões da soja no Rio Grande do Sul, poderão ser transformados em bom negócio. Por enquanto, o girassol só enfeita outras lavouras, mas começa a se dizer que dentro de pouco tempo ele não servirá só para ocupar algumas tiras de terraço. E, de alimento para porco e galinha, poderá se transformar numa fonte de renda para o agricultor.

Pouca gente sabe, mas o Brasil até importa óleo bruto de girassol. E, este ano, se voltou a falar sobre a possibilidade de aumento das áreas de plantio no Brasil, por dois motivos: o primeiro, por causa da necessidade das indústrias de óleos contarem com maior volume de matéria-prima, para que não se tornem pouco lucrativas, por causa da ociosidade, e segundo porque estão dizendo que o girassol é de uma das alternativas para a substituição do óleo derivado do petróleo.

Esse interesse pelo girassol, que nunca chegou a merecer muita atenção nas regiões agrícolas do Estado, está fazendo com que a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), de Pásso Fundo, ande pesquisando esta cultura. Outra unidade da Embrapa, em Londrina, no Paraná, também se interessou por pes-

quisas e experimentações. Mas ainda não se conhece os resultados desses trabalhos.

TEM COMPRADOR

Mesmo assim, dá pra se dizer, com as informações que vêm sendo divulgadas, que o girassol tem bom mercado, e não precisa de muitos cuidados para ser plantado. No Rio Grande do Sul, ao que se sabe, nenhuma indústria se dedica à extração do óleo de girassol, mas vem crescendo o interesse pela produção de sementes, em todo o país. Isso quer dizer que o produto deverá contar com colocação no mercado, sem muitas dificuldades.

A Contibrasil, uma empresa que fornece sementes, em Cravinhos no Estado de São Paulo, assegura que há comprador para o girassol em quase todo o mundo. Tanto que a produção mundial da safra 79/80 deverá ficar em torno de 15 milhões de toneladas, com um bom aumento sobre a anterior. E as previsões são de que o volume das safras continuará aumentando, seguindo a tendência mundial, que só não é obedecida, entre outros países, pelo Brasil.

Pela ordem, os maiores países produtores são a Rússia, Argentina, Romênia, Estados Unidos e Bulgária. E em todos eles as áreas de plantio vêm crescendo, com uma média de 1.200 a 1.600 qui-

los por hectare. Na verdade, esse interesse pelo girassol fica provado no fato de que a cultura é a terceira oleaginosa em produção no mundo, ficando atrás apenas da soja e do amendoim.

NENHUMA PESQUISA

O desinteresse pelo girassol no Brasil também tem provas de que essa cultura foi esquecida. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que levanta dados sobre a produção, não realizou nenhuma pesquisa a respeito do girassol durante toda a década de 70. Por isso, não se sabe a quantas anda essa planta no Brasil. O que se conhece é muito pouco, mas dá para saber que a área de plantio tem sido inexpressiva, de quase nada. Há uma previsão de que esse quadro vai melhorar, com o plantio de 25 mil hectares em São Paulo e no Paraná este ano.

Num trabalho enviado ao Departamento de Comercialização da Cotrijuí, para consulta, a mesma Contibrasil diz que o girassol vai ganhar força mesmo. Essa cultura não só forneceria mais matéria-prima para a indústria, como também poderia representar um desafogo nas exportações de soja. Ao invés de vender soja para o exterior, o país poderia vender óleo de girassol. Diz a empresa que não há

ameaça de frustrações de safras, porque as sementes são híbridas.

SEMENTE É CARA

Para que se tenha uma idéia da cotização dessa cultura hoje, servem os próprios números fornecidos pela empresa de São Paulo. Atualmente o preço mínimo do girassol, para uma saca de 40 quilos, é de Cr\$ 420,00. E a distribuidora de sementes de São Paulo está entregando volumes de 10 quilos de sementes, até o final deste ano, por Cr\$ 1.900,00. Para o ano que vem, essa mesma quantidade ficará em média a Cr\$ 2.300,00. Isso quer dizer que o preço mínimo hoje é de Cr\$ 420,00, e em 1981 uma saca de 40 quilos de girassol, para semente, valerá perto de Cr\$ 10 mil. Há um incentivo à distribuição de sementes, com colocação, principalmente no Mato Grosso do Sul.

O girassol tem 44 por cento do óleo, e no Brasil a reduzida produção é absorvida pelas indústrias de óleos comestíveis e margarina. Mas muitos agricultores continuam plantando só para consumo interno, destinando o grão à criação de aves. No ano passado, por causa da baixa produção, uma indústria teve de importar 3.500 toneladas de óleo bruto de girassol.

rio. Ele mesmo já plantou no inverno, e tem certeza que geada não mete medo. Adão lembra que seu avô, o seu Pedro (já falecido) sempre plantou girassol, para alimentação de peru. Ele vem plantando há três anos, junto com o sogro, Fernando Noronha, mas só ocupa os terraços, plantando tiras de girassol sem adubo. No ano passado, de um quilo e meio de sementes conseguiu colher uns 9 sacos de 55 quilos, que servem como ração para galinhas.

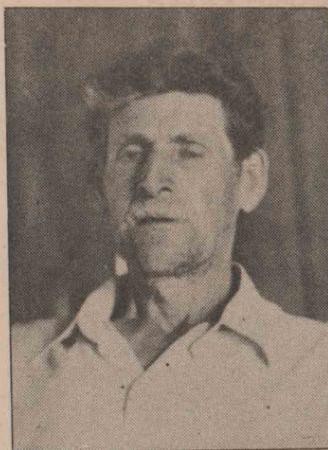
"No inverno, a geada sapeca a planta, mas ela vem de novo e com força", garante Adão, que até hoje não viu dar muita praga. Só aparece, de vez em quando, um bichinho cabeludo nas folhas. Ele acha que dá pra se plantar 30 quilos por hectare, com duas sementes por cova, numa distância de metro e meio de uma planta pra outra. Depois, a colheita é feita praticamente à mão, cortando as hastes e colocando a cachopa (onde estão os grãos) na colheitadeira.

FALTA SEMENTE

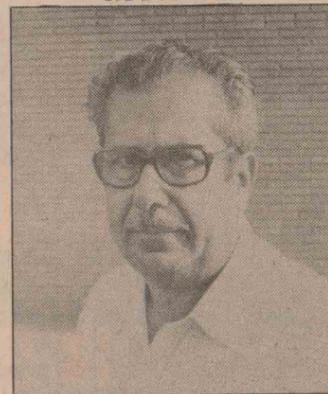
Adão andou se informando sobre mercado, mas não conseguiu muita coisa. Mas o seu João Francisco Gomes Veríssimo, proprietário de 24 hectares em Canhada Funda (Coronel Bicaco), tem certeza de que as dificuldades para colocação da produção desestimularam muita gente. "Agora não se encontra semente e nem o comércio compra mais", afirma ele.

Seu João Francisco plantou girassol por muitos anos, e há uns 15 não lida com a cultura. Ele plantava em volta das lavouras, nas divisas, e este ano andou pensando em se dedicar a esta lavoura de novo, mas não encontrou semente. Seu João lembra que um dos problemas que enfrentava, quando ainda plantava, era a falta de semente, e também o preço complicava: "Comparando com o trigo, por exemplo, o girassol valia 20 por cento menos".

Com a febre do trigo e da soja, o pessoal deixou de plantar e faltou semente. Seu João lembra que o custo da planta era baixo,



Marcelino Bazan: o ruim era a colheita



João Veríssimo: não se acha mais semente

mais ou menos como o milho. Os cuidados ficam só na limpeza da lavoura, para livrá-la dos inços, e não há perigo de praga nem de doença. "A gente plantava a título de aproveitar as beiradas da lavoura. Muito lavoureiro, antigamente, tinha uma plantinha de girassol. Mas depois ninguém quis mais saber de culturas miúdas".

O que se sabe da técnica de cultivo

Pragas, frio ou seca não assustam muito o girassol, que é resistente, quando plantado em épocas com temperaturas que variam de 18 a 24 graus. Por isso, vem se recomendando o plantio, no Rio Grande do Sul, no mês de setembro, para a colheita em fins de novembro, pois a planta tem um ciclo de 90 a 100 dias. O frio pode atrapalhar quando da formação das folhas, até secando a planta, mas depois nem a geada impede o crescimento normal. As temperaturas baixas só vão preocupar, é claro, quem inventar de plantar no inverno, como muita gente faz, e com certo sucesso.

O girassol também enfrenta bem uma seca, pois é muito mais resistente à falta de chuva do que o milho e o sorgo. A seca só pode afetar a planta durante a formação da semente e a acumulação do óleo, mas também sem que isso represente muita preocupação. No geral, o girassol resiste bem a um verão sem muita chuva.

Deve ser plantado em área bem limpa, sem restos de outras culturas, até com plantio direto. Exige adubação e controle de ervas. A semente deve ser largada numa cova de no máximo 10 centímetros, sendo que três centímetros é o ideal. A média é o plantio de 5 quilos por hectare, e a produtividade pode chegar a até 3 mil quilos, dependendo do solo, do clima e outros fatores.



Adão Ciotti: geada não mete medo

PRAGAS E DOENÇAS

É preciso muito cuidado, no uso de defensivos, por causa dos insetos polinizadores, que são atraídos pela planta, e que levam o pólen de uma planta para outra. Os insetos são importantes no aumento da produtividade do girassol.

As pragas que atacam o girassol também não chegam a assustar, mas existem. Ele pode ser atacado por pulgões, cigarrinhas, besouros, lagartas e percevejos, que atingem principalmente terras novas nunca cultivadas. E as doenças são a ferrugem, a podridão da raiz e outras partes da planta e a tal de peste negra.

A maioria das doenças se manifesta quando há muito calor e muita umidade ao mesmo tempo. Só não se sabe ainda porque acontece a tal peste negra, que ataca o girassol no início do crescimento. O caule fica preto e a planta não se desenvolve. Quase todas essas pragas e doenças podem ser controladas com produtos químicos.

RISCOS E VANTAGENS

A colheita pode ser feita com as mesmas colheitadeiras utilizadas para a soja e outras culturas. É preciso apenas uma modificação, com a colocação de bandejas na plataforma da máquina, para que os grãos não caiam. Deve ser estocado com unidade máxima de 11 por cento, e também nesse caso o girassol não exige muitos cuidados, além dos notados para outros produtos.

As pesquisas mostram que o girassol é excelente alternativa na rotação de culturas, mas vale uma recomendação baseada nessas pesquisas: nunca deve ser transformado em monocultura. Como na maioria dos casos, as pragas e as doenças atacarão muito mais a planta, se esta ocupar grandes áreas.

Outra conclusão das pesquisas é de que ele rende muito mais se alternado com leguminosas, apesar de ser utilizado também, com bom rendimento, em áreas ocupadas com cereais. A vantagem é que os cereais não são atacados pela maioria das doenças e parasitas que atingem o girassol.

Congeladores comerciais Prosdócimo

Maior espaço interno, maior durabilidade, maior facilidade de limpeza, melhor assistência técnica.



Revolucionário processo de frio envolvente. Serpentina de cobre envolvem todo o tanque interno. Este sistema de refrigeração foi especialmente construído para trabalhar em condições tropicais.

O congelador Prosdócimo pode vir regulado para congelar (-18°C) ou para funcionar como refrigerador (+3°C)

Gabinete externo com chapas de aço tratadas contra a ferrugem

Tampas em diversas alternativas para maior versatilidade de utilização. Tampas frontais em aço.

Rede Nacional de Assistência Técnica Prosdócimo, com dezenas de oficinas autorizadas. Prosdócimo é o único congelador brasileiro com cobertura técnica em todo o território nacional.

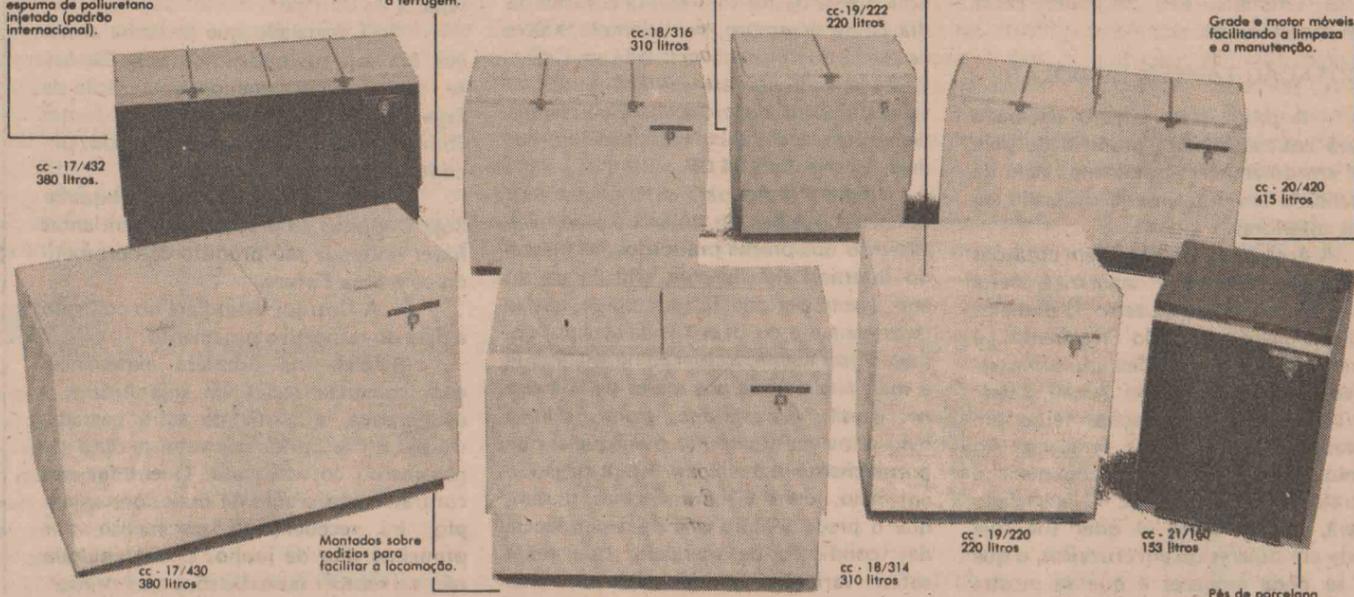
Isolamento com 7 cm de espuma de poliuretano injetado (padrão internacional).

Tanque interno em chapa de alumínio gravado ou chapa galvanizada que evita completamente a ferrugem.

Dreno interno. Facilita a limpeza e escoamento da água do degelo.

Tampas Superiores Flip Top.

Grade e motor móveis, facilitando a limpeza e a manutenção.



Congeladores Prosdócimo, o máximo em tecnologia tropical.

Escolha o modelo de sua preferência numa das LOJAS COTRIJUI

SOJA FUTURO NÃO É MAIS A MESMA

Quem quiser comercializar sua soja antes mesmo da colheita, encontrará algumas alterações na modalidade de soja futuro. Estas mudanças foram aprovadas na última reunião do Conselho de Administração da Cooperativa, realizada dia 19 de dezembro na Unidade de Santo Augusto.

As alterações são as seguintes:

— O associado poderá comercializar nesta modalidade, mesmo antes da colheita, o limite de 15 por cento sobre a produção entregue à Cotrijuí na safra de 1980. No ano passado era possível comercializar até 30 por cento.

— A contratação será limitada em até 5 por cento para cada um dos meses de maio, junho e julho.

Este limite na comercialização em soja futuro, como explica o assessor administrativo da Cooperativa, Ari Zimpel, não se deve apenas a tentativa de prevenir uma ocasional frustração de safra. Seria muito arriscado vender toda produção nesta modalidade se a gente já sabe que o mercado de soja é muito imprevisível. Uma guerra em qualquer parte do mundo, uma alta no preço do petróleo ou qualquer acontecimento político ou econômico influencia as cotações. É preciso considerar ainda que os portos não conseguem embarcar de uma vez só as quantidades de produto que ali chegam todo ano na época em que se inicia a comercialização da soja brasileira. Isto sem contar que é exatamente no período de maio, junho e julho, que as indústrias têm mais grão para moer. Sua capacidade de esmagamento deve ser atendida durante todo ano e não só apenas em alguns meses.

Por esta razão também foi considerado mais acertado distribuir proporcionalmente o volume de contratos por estes meses. Assim, por exemplo, se um produtor quiser contratar 300 sacos de soja nesta modalidade, somente poderá comprometer 100 sacos para cada um destes três meses. Mais tarde, quando forem abertas cotações para os meses seguintes (agosto, setembro, etc) ele poderá fazer novas contratações.

COTAÇÃO TAMBÉM EM DÓLAR

— A partir desta safra o associado poderá contratar nesta modalidade pelo valor em dólar norte-americano, além da modalidade em cruzeiros já utilizada em safras anteriores.

A decisão de criar também cotações em dólares deve-se à segurança desta moeda em relação ao cruzeiro. O dinheiro brasileiro vem sofrendo freqüentes e imprevisíveis desvalorizações em comparação ao dinheiro americano. Assim, é bem possível que as contratações feitas em dólares se mostrem mais rentáveis. Ao mesmo tempo não fica eliminada a contratação em cruzeiros. O associado poderá, então, optar se quer sua soja cotada em dólares ou em cruzeiros, o que não se pode esquecer é que se mostra muito difícil fazer uma previsão de qual a taxa que alcançará o dólar daqui alguns meses e, portanto, é também difícil estimar quantos cruzeiros o produtor receberá nos meses de maio, junho e julho.



Vender antes da colheita deve ser um risco calculado.

É natural que na época de vencimento do contrato, quando o produtor receber o valor a que tem direito, ele não sairá da Cooperativa com dólares no bolso. Será feita a conversão desta moeda em cruzeiros, de acordo com a cotação do dólar no último dia do mês contratado. Também a Cooperativa, ao receber o valor da produção que comercializou, receberá este valor em cruzeiros, e não em dólares.

Para transformar os dólares em cruzeiros serão considerados os dois valores fixados para o dólar (que são diferentes para compra e venda), fazendo uma média destes valores. Na cotação do dia 19 de dezembro, por exemplo, a taxa de venda do dólar estava fixada em Cr\$ 64,21 e a de compra em Cr\$ 63,89. O valor que o produtor receberá corresponde a soma destas duas taxas dividido por dois, ou seja, Cr\$ 64,05.

Outra razão para se passar a usar também cotações em dólares é o aproveitamento dos preços praticados no mercado internacional durante esta época do ano. Neste período já foi colhida a safra americana e a do Brasil ainda está por colher. Desta forma, a cotação normalmente é mais alta do que nos meses de colheita no Brasil. Aproveita-se, assim, valores mais altos em dólares do que aqueles que normalmente o mercado estará pagando em maio, junho e julho. É claro, porém, que o preço sempre está na dependência das condições de mercado, que pode sofrer variações consideráveis de uma hora para outra.

— O prazo para a entrega da soja à cooperativa nas contratações de soja futuro será até o dia 20 de cada mês contratado. Quem contratar por exemplo, para o mês de junho, deverá entregar sem

falta o produto até o dia 20 de junho. Na safra passada o prazo final, independente do mês de contratação, era 22 de maio.

AS OUTRAS NORMAS

As demais normas para a comercialização em soja futuro permanecem inalteradas. São elas:

— Os associados que ingressaram no quadro social após a comercialização da safra de 1980, ou que ainda não comercializaram soja na Cotrijuí, deverão comprovar suas estimativas de produção mediante a apresentação de cópia de contrato de financiamento bancário e/ou repasse da Cotrijuí.

— O associado que já tenha entregue sua soja na modalidade Soja Depósito, poderá optar pela comercialização de Soja Futuro, bastando para isso firmar com a Cotrijuí, para o mês desejado, um contrato de comercialização.

— O associado não poderá liquidar Soja Depósito ao preço do dia sem antes haver entregue seu produto comprometido com Soja Futuro.

— A Cotrijuí estipulará no contrato a data do respectivo pagamento.

Baseada na primeira experiência com comercialização em soja futuro, a cooperativa, a partir da safra passada, marca no próprio contrato a data de pagamento ao associado. Quem faz um contrato para o mês de maio, por exemplo, irá receber seu pagamento nos primeiros dias de junho. E todo mundo não vai receber num dia só, pois é praticamente impossível realizar inúmeros acertos numa única data. É por esta razão que os associados devem ler com atenção o contrato para saber o dia certo de seu pagamento, sem contar em receber o dinheiro no último dia do mês contratado.

Aproveitar o momento

A soja futuro é uma modalidade de comercialização que foi introduzida na Cotrijuí há três anos. É uma alternativa ao produtor que pensa em aproveitar as cotações de mercado no período de entressafra. Este preço, assim como acontece na modalidade de Soja em Depósito — para liquidação ao Preço do Dia — sofre as variações do mercado. Fechar um negócio antes da colheita pode tanto ser vantagem como deixar de ser. Tudo depende dos já bem conhecidos altos e baixos na cotação do produto. Existe ainda como opção a liquidação a Preço Médio, onde o produtor não precisa esquentar a cabeça para saber qual o momento certo de comercializar sua safra. Ele entrega o produto à Cooperativa, que a partir das diversas informações que recebe a respeito do comportamento do mercado, escolhe os melhores momentos para comercializar a produção dos associados.

Quem comprometer parte de sua produção num contrato de soja futuro, conta com o preço que começa a ser fixado antes mesmo de iniciar a colheita. É por isto que existe um limite de comprometimento da produção nesta modalidade. Basta dar uma frustração de safra para que o produtor não consiga cumprir seu contrato. Assim como ele fez um contrato com a Cooperativa, a Cooperativa fez também um contrato com um comprador do produto. E precisa cumpri-lo. Imaginem, então, se ela não tem a soja para entregar. Paga multa. É por isto que os associados que não entregaram a soja que contrataram também deverão pagar uma multa, fixada em 30 por cento do valor do contrato feito entre ele e a Cooperativa.

APROVEITAR O MOMENTO

Quem contrata, digamos, em dezembro para o mês de junho, aproveita uma cotação que existe no mercado naquele mês em que fez o contrato. Se o preço subir até junho, ou se baixar, o produtor pode sair perdendo ou ganhando, depende o caso.

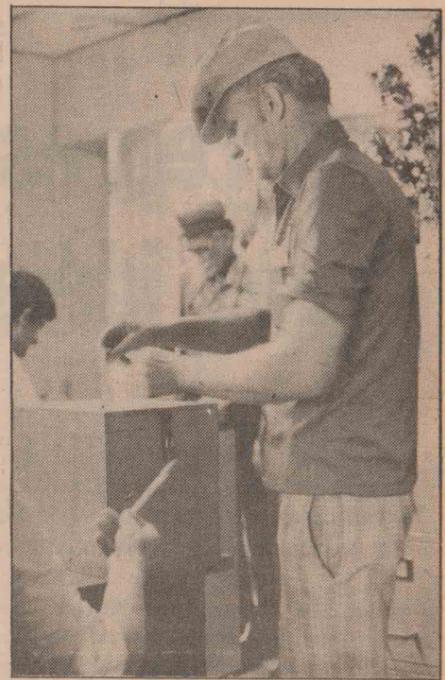
Neste ponto muito produtor pode se perguntar: mas como é que a soja baixou tanto de preço de novembro para dezembro. Quem explica esta situação é o Oswaldo Meotti, vice-presidente da Cotriexport:

— O mercado veio com os preços para cima no mês de novembro por falta de produto. Como se sabe, houve uma seca nos Estados Unidos, que frustrou a colheita americana. Já no mês de dezembro houve uma queda no mercado. Se explica esta baixa pela inflação que acontece também nos Estados Unidos, o que afastou os especuladores da bolsa. Não quiseram arriscar um investimento na bolsa com medo de perder muito dinheiro.

Como nesta época de fim de ano e de início de outro o associado geralmente não tem mais soja para comercializar, a Cooperativa procurou, através da modalidade de soja futuro, fazer as contratações nesta época de melhores cotações (outubro, novembro, janeiro), deixando a entrega para apenas depois da colheita. Ao mesmo tempo, ela fecha negócios firmando contratos antes da colheita para entregar apenas a partir do mês de maio a produção comercializada pelos associados.



O índice de votação foi de 60,54 por cento ...



... superando todas as expectativas

A VOTAÇÃO FOI GRANDE

Mesmo coincidindo com um período de intenso trabalho na lavoura — a época de plantio da soja — a eleição dos representantes da Cotrijuí conseguiu mobilizar mais de 60 por cento do quadro social da Cooperativa. Em algumas unidades o índice de votação superou até mesmo as expectativas mais otimistas. É o caso, por exemplo, de Augusto Pestana, onde se contava como certo o comparecimento de 70 por cento dos associados aptos a votar. Na hora de contar os votos, se apurou um índice de 84,24 por cento. E isto que a urna, ao contrário do que aconteceu em outras unidades, permaneceu apenas no escritório da Cooperativa na cidade.

Somente em Sidrolândia a votação foi um pouco menor do que na eleição passada. Em todas outras unidades o comparecimento dos associados às urnas foi bastante superior ao registrado no período de votação de maio do ano passado.

CAMPANHA

Danilo Trevisol, gerente do departamento de Comunicação e Educação da Cooperativa, entende que o índice de votação registrado este ano se deve, em parte, ao fato de que os associados hoje percebem melhor o objetivo de uma eleição

como esta. Mesmo que o assunto venha sendo levantado há muitos anos, foi preciso colocar em prática o sistema de representação do quadro social para que os produtores sentissem, mais de perto, a necessidade de escolher uma pessoa certa para representá-los.

Isto sem contar que nos últimos dias, antes da eleição, aconteceu de tudo pelo interior. Até campanha eleitoral, na base de santinho tipo eleição de deputados, vereadores e senadores, apareceu em alguns lugares. Em outros, o assunto foi discutido em reuniões, não faltando até mesmo algum comício onde algum candidato falava o que pretendia fazer caso fosse eleito.

A MULHER

Mesmo podendo ser votada, nenhuma mulher foi eleita representante. Em algumas unidades algumas mulheres receberam votos. Mas foram insuficientes para chegar a eleger alguma delas. Em muitos casos as próprias mulheres — que podiam votar pela matrícula do esposo — escolhiam o nome de homens como representantes. “Eles é que lidam mais com os negócios da Cooperativa”, explica dona Lily Grenzel Nicolai, ao colocar seu voto na urna da unidade de Tenente Portela.

Se a possibilidade de eleger as mulheres não foi ainda atendida, outra das alterações que o regulamento das eleições trouxe este ano já mostrou algum resultado na prática. Walter Driemeyer, de Augusto Pestana, constava como suplente com o número de votos que recebeu na sua Unidade. Como este ano se somavam os votos recebidos por cada associado, independente da urna onde fora depositado, o Walter acabou ficando como titular. É que além de 21 votos que ele recebeu em Augusto Pestana, apareceram mais 11 votos com seu nome nas urnas de Ijuí. Mas foi também o único caso deste tipo. Nas questões de empate na votação, fora adotada como norma fazer prevalecer o número da matrícula mais antiga para definir quem seria o representante.

SÓ UM PROBLEMA

A Comissão Central de Escrutínio dos Votos, que era formada por Carlos Karlinski (presidente do STR de Ijuí), Reinholdo Luiz Kommers (presidente do Sindicato Patronal, também de Ijuí), e pelos associados Carlos Krüger e José Solon Viecili, só teve um problema por resolver: uma das urnas que percorreu o interior de Ijuí só encerrou a votação depois



A apuração dos votos pela Comissão Central de Escrutínio

da hora marcada, isto no último dia de eleições. É que muitos associados não tinham retirado a carteirinha necessária para votar e um dos candidatos da região da Colônia Santo Antônio providenciou a sua confecção ainda naquela tarde. Enquanto não chegavam as carteirinhas a urna não foi fechada. Outro candidato do local achou irregular este procedimento e protestou contra a medida. Como, no final das contas, os mesários tinham decidido manter a urna aberta (e tinham o apoio do regulamento para isto, já que ele dizia que os casos omissos seriam resolvidos pelos mesários) e, além disso, os dois candidatos acabaram sendo eleitos, a Comissão Central não encontrou razões para impugnar a urna.

O DIA-A-DIA

Em pouco tempo deverá acontecer um encontro que

reunirá todos os representantes eleitos (veja seus nomes na página 15). Sua função, agora, já está muito clara. Se, de início, se pensava em ter representantes para tomar decisões na Assembléia, hoje seu papel está muito mais ampliado. Estes representantes, cujo mandato terá a duração de três anos, atuarão também como um ponto de contato entre o corpo social e a cooperativa. Encaminharão as reivindicações e sugestões dos associados na procura dos melhores caminhos que deverão ser percorridos. E a Assembléia, por sinal, até nem será o mais importante. Tanto que na votação do Conselho, por exemplo, todos os associados terão participação direta, pois as urnas cumprirão, da mesma forma que agora, um roteiro pelo interior. O mais importante na vida da Cooperativa continua sendo o seu dia-a-dia.

A participação

No quadro ao lado estão relacionados o número total de associados de cada unidade (aqueles que entregaram produto no período de 1º de março a 30 de novembro no Rio Grande do Sul e 1º de fevereiro a 30 de novembro no Mato Grosso) a percentagem de votação e ainda quantos representantes foram eleitos por unidade. Este número foi definido a partir da proporção de um representante por cada 150 associados, duplicando, desta forma, o número adotado na eleição passada, que era de um para 300 associados. Na última coluna aparece o índice de votação registrado no ano passado. Somente em Dourados não houve eleição em 1979, pois foi no início daquele ano que a Cooperativa instalou uma de suas unidades no município.

UNIDADES	Total de Associados em 26.11.80	Aptos a Votar	Votaram	%	Nº de Representantes	% 79
IJUÍ	4.525	3.600	1.961	54,47	30	48,9
AJURICABA	1.366	1.203	848	70,49	9	57,4
AUGUSTO PESTANA	1.347	1.219	1.027	84,24	9	46,5
VILA JÓIA	799	528	318	60,22	5	46,9
SANTO AUGUSTO	1.751	1.075	705	65,58	12	50,9
CHIAPETTA	573	476	377	79,20	4	67,4
CEL. BICACO	1.021	700	456	65,14	7	43,3
TENENTE PORTELA	4.077	2.827	1.602	56,67	27	51,8
DOM PEDRITO	1.774	849	308	36,28	12	36,08
MARACAJU	966	341	235	68,91	6	53,1
SIDROLÂNDIA	190	150	44	29,33	1	29,7
RIO BRILHANTE	351	227	136	59,91	2	32,7
DOURADOS	575	513	288	56,14	4	
TOTAIS	19.315	13.708	8.305	60,58	128	50,14

“O representante deve ir atrás das idéias dos associados”

Durante a semana que durou a votação para a escolha dos representantes, fomos conversar com alguns associados para ver como estavam ocorrendo estas eleições e também para saber sua opinião sobre este sistema que existe na Cooperativa:

“Achei bom assim, porque nós não tínhamos nenhum representante lá no nosso núcleo. Ano passado não teve nem reunião lá, mas este ano nós até escolhemos um nome para votar. Se não se aponta um candidato, não se sabe como votar. Cada um vota aqui, vota ali, e não se resolve nada, pois se vota em cinco, dez, e não fica nenhum. Eu creio que nós elegendo um representante vai mudar um pouco prô nosso lugar lá. Este negócio de reuniões assim, vai dar nova conversa mais e saber das coisas”. (Ervin Mensch, Linha São João — Augusto Pestana).

“Votar é muito bom e cada um deve dar seu voto livre. Nem todos podem ir na Assembléia da Cooperativa, que fica longe, e tendo um representante, que se acha que mais ou menos se interessa, pode ficar melhor. Tem que ser alguém que se interessa pela Cooperativa e entenda os problemas de quem mora no interior. É por isto que eu voto em pequeno que nem eu, que tenho 30 hectares de propriedade. Um pequeno, que vive no interior, está a par das circunstâncias dos pequenos. Agora, a opinião do associado sempre é muito valiosa, e o representante deve ir atrás dela, representar a comunidade, representar num reclame dos associados”. (Alfredo Beschorner, Esquina Santo Antônio — Vila Jóia).

“Eu até era mesário no meu núcleo, na Linha 13. Olha, prá nós aqui, mudou muito pouco depois das eleições do ano passado, que na nossa região não tinha representante. Assim, não deu prá sentir o trabalho dos representantes eleitos ano passado. Até acho válido ter estes representantes, porque todos na Assembléia não podem participar igual. Os representantes tem mais chance de falar, fazer reunião nos núcleos de base e depois levar lá na Cooperativa os problemas. Hoje o associado não tem vez, que a influência é pouca, mas se teria força de mudar muita coisa. Isto só não acontece por falta de união. Acredito que com os representantes também pode mudar, isto se eles representam todo mundo, levando as idéias dos associados. Uma parte, que eu entendo, é este negócio de preço, que na soja podia ser melhor. Se vê falando da bolsa de Chicago

e eu faço a conta pelos dólares e não fecha. Quanto mais sobe a tonelada menos pagam. Acho que deviam pagar mais pelo produto, o que vale a soja, e não fazer crescer tanto a cooperativa”. (Arnoldo Redlich, Linha 13 — Ajuricaba).

“Eu votei já ano passado e acho muito bom eleger estes representantes. Tendo um associado para representar a turma, não precisa ir todo mundo correndo lá na cooperativa. Isto facilita o associado participar das decisões. Aqui até já deu para sentir os resultados de ter estes representantes. O que a gente precisa falar, vai lá e conversa com o representante, que leva as idéias prá reuniões na Cooperativa”. (Arnor Cembranel, Coronel Bicaco).

“É a primeira vez que voto na Cooperativa. Ano passado não deu no jeito, que no dia que a urna foi lá na localidade eu não estava em casa. Hoje vim prá cidade prá votar. Acho que é importante, do contrário não iam querer fazer esta eleição e falar para o pessoal votar. Uma parte se sente que já melhorou, que agora se tem um esclarecimento melhor das coisas da Cooperativa e a gente sente que ela é mesmo do associado. Se não tivesse cooperativa nós estava mais judiado pelos bolicheiros. Agora eles tem que acompanhar o preço da Cooperativa nos produtos”. (Jacó Franquini, Bom Plano — Tenente Portela).

“Aqui na localidade nós se organizamos e escolhemos um nome para votar, de um homem que mais ou menos entende das coisas e se acha que vai cumprir com as obrigações da gente. Agora tem umas coisas que eu queria falar. É o seguinte: eu gosto de organização, de ser de acordo, mas faço uma pergunta. Por que no Paraná a soja vale Cr\$ 900,00 a bolsa, e aqui tá em Cr\$ 600 e poucos? Se eu não planto eu não colho, mas tem tanta gente que não planta e colhe demais. Eu não sou contra nada deste mundo, e decerto estas eleições tem que resolver estes problemas que se tem. Lembro que aqui em reuniões foi falado certas coisas, que não devia por exemplo a Cooperativa se expandir demais. Mas do mesmo ela continuou a se expandir. No meu modo de entender, dando um passo mais comprido que o pé alcança. A gente dá a dica, mas

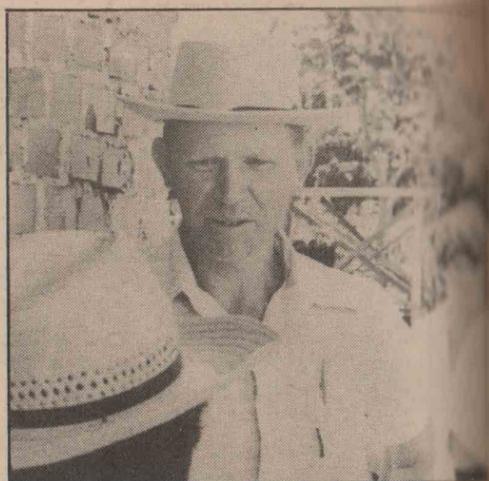
que façam como querem, só que daí o associado não tem uma responsabilidade. Quem sabe com os representantes se escuta mais as dicas dos associados. Agora, se não adiantar, a gente larga a sola”. (Vitor Hugo Parcianello, Santa Fé — Tenente Portela).

“Isto de eleição é bom, que mostra que de fato a gente está sendo valorizado. Como associado, isto é um ponto de incentivo. Agora, se a Cooperativa é do associado, a sua opinião deve valer. (Realda Copezinski, Povoado Santana, Ijuí).

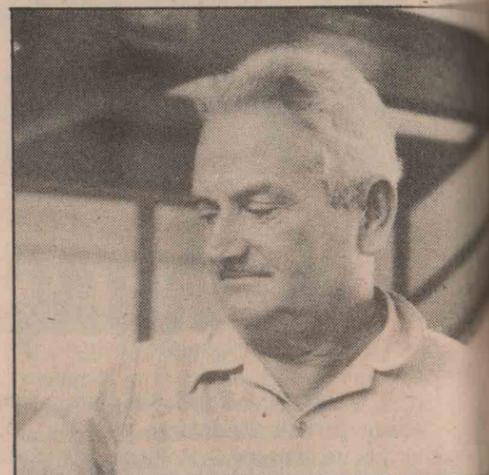
“É importante escolher um representante do lugar, porque no geral é difícil cada um trazer os problemas que se tem lá fora para a Cooperativa. O representante, então, transmite. O pessoal na maioria já procura os representantes e pressiona, começa a insistir com ele para tentar resolver. Antes qualquer um não tinha acesso para fazer uma reclamação, que era difícil ser ouvido. Primeiro problema é que muita gente não sabe se expressar, e com o representante é mais fácil de se fazer entender. A pessoa às vezes tem dificuldade em falar, mas tem uma idéia que é preciosa”. (Ramon Copezinski, esposo de dona Realda, Povoado Santana, Ijuí).

“Eu votei no meu vizinho, que já foi presidente do Sindicato do município e é muito meu amigo. Acho que o pessoal andou mais preocupado com a lavoura, preparando a terra para a soja, do que com as eleições. Eu não vi movimentação em Bom Sossego e não sei se o pessoal se organizou para indicar um ou outro associado. Eu votei no Carlinhos porque ele é meio líder na localidade, é um homem virador e está sempre junto do povo. Só que na vez passada eu também votei nele e ele não se elegeu. Acho que o representante vai ser bom, porque qualquer coisa que a gente tiver pode encaminhar prá ele. De momento não pensei em nada que possa ser levado à Cooperativa agora, como pedido dos agricultores. Mas depois os assuntos aparecem”. (Alfredo Reinoldo Krebs, Bom Sossego — São Martinho).

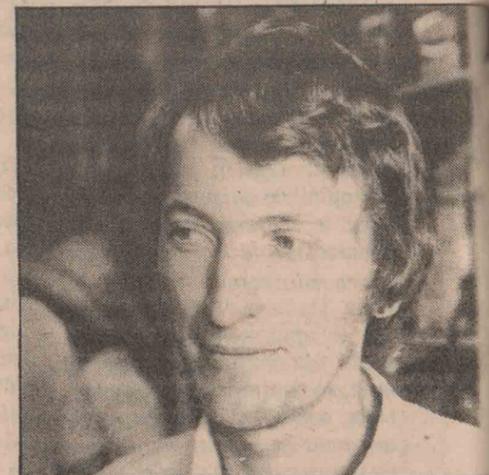
“Eu votei na urna do CTG, lá na Linha São João. Ano passado também. Acho que tem que ser assim, cada comunidade ter o seu líder. Em 1979 votamos no Alceino (Volmer), e agora o pessoal concordou em ter um representante da própria Linha São João. Por isso todos escolheram o Paulino Rosa. Eu acho que ele vai defender o interesse dos associados”. (Wilmar Lanke, Linha São João — Chiapetta).



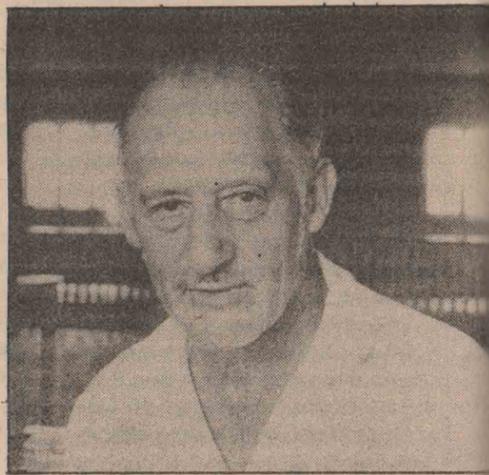
Wilmar Lanke — Chiapetta



Alfredo Krebs — São Martinho



Arnor Cembranel — Coronel Bicaco



Vitor Hugo Parcianello — Tenente Portela



Arnoldo Redlich — Ajuricaba



Alfredo Beschorner — Vila Jóia



Jacó Franquini — Tenente Portela



Realda e Ramon Copezinski — Ijuí

As urnas apontaram estes nomes

IJUI	
Nome	Nº Votos
Titulares:	
Waldemar Michael	150
Reinaldo Dobler	79
Hlemuth Guth	77
João Makoski	75
Euclides Marino Gabbi	70
Theobaldo Rott	64
Modesto A. Dalla Rosa	59
Enio Sadi Tiecher	57
Oswaldo Oster	55
Sady Berno	53
Silvino João Goi	50
Dante Antônio Boniatti	44
Waldemar Roberto Kossa	44
Augusto da Silva	42
Eumídio Jappe	42
Ademar Luiz Vione	41
Arlindo Treter	40
Ademir José Fuastini	38
Avelino José Duarte	38
Antenor José Vione	35
Artur Kronenberg	33
David Lorenzoni	32
Wendelino Martini	32
Pedro Wichinheski	31
Virgílio Stochero	31
Alberi Santos Noronha	30
Ilo Erno Buch	29
Olando José Thomas	28
Armindo Carlos Holzle	27
Duilio Fachin	25
Suplentes:	
Edmundo Hildebrandt	24
Ervino Egon Preissler	21
Anibaldo Radons	18
Armindo Schaffer	17
João Caçavara	16
Armando Manhabosco	12
Constantino José Goi	10
Antônio Nilo Schirmer	10
Helmut Wagner	09
Armando Francisco Boniatti	08
Delmar Barriquello	07
Elio Fachin	06
Luciano Decker	06
Arno Muxfeldt	05
Jaime Vender	05
Zeno Foletto	05
Harry Henrique Treter	05
Antônio da Rosa	04
Nelson Viecili	04
Athaides Mori	04
Carlos Krüger	04
Hilnon G. Correa Leite	03
Siegfried Kraemer	03
Nildo Hintz	03
Tadeu Gonchoroski	03
Pedro Paulo Manhabosco	03
Silvestre Antonello Netto	02
Waldemar Megiolaro	02
Honorino Picoli	02
Dari Meggolaro	02
CHIAPETTA	
Titulares:	
Werno Konrad	32
Joel A. G. Estopilha	28
Alceno Elvino Volmer	27
Paulino Ângelo Rosa	26
Suplentes:	
Protásio Lottermann	19
Lauro Fritzen	18
Orlando Blasack	18
Waldomiro Rutili	16

CORONEL BICACO	
Nome	Nº Votos
Titulares:	
Pedro Bizarello	68
Tarcizo Vicente Fava	53
Irany dos Santos Amaral	45
Álvaro Rutili	45
Bráulio Martins da Rocha	35
Antônio Baggio	25
Luiz Oswaldo de Souza Lima	19
Suplentes:	
José Vivaldino Kerpel	16
Paulo Rigodanzo	16
Ano Reinaldo Schwaab	16
Adolfo Salet	11
Antônio Salet	09
Ari Maffi	07
Constâncio José Lauer	07
TENENTE PORTELA	
Titulares:	
Benjamin Otto Schowantz	95
Olimiro Callai	69
Valdemar Bester	69
Arduino Pilatti	62
Sebastião Pereira dos Santos	61
Luiz Sofiatti	58
Orides Ferla	58
Maximino Ottobeli	56
Nicanor dos Santos Vargas	45
Enio Júlio Dal Soto	44
Antônio David Rigo	41
Cervilho José Maçalai	41
Mário Hendges	40
João Santos da Luz	39
Dillermundo Portollann	36
Primo Salla	36
Bernardo Arlindo Figur	33
Celso Fontana	31
Xisto Nicolino	30
Alfredo Mower	30
Bruno Helvino Arnemann	29
Luiz Parizotto	25
Aléssio Fontaniva	24
Ervino Arlindo Vogt	24
Aquilino Bavaresco	22
Enor Carniel	20
Guilherme Jacinto Kosmann	18
Suplentes:	
Marcos da Silva Castro	15
Ervino Heidmann	14
Plinio Ferretto	12
Irineu Sestari	10
Nelci Prestes de Oliveira	10
Nelson Cordeiro	10
Daniilo João Balestrin	09
Valdemar Breunig	07
Mariano Pommer	07
Arósio Luiz Pandolfo	07
Algiro Pio Bandeira	06
Willi Bruno Breunig	06
Vergílio Galli	06
Claudino Verdi	06
Theobaldo Emílio Lüdtke	05
Angelin Salla	05
Alir José Teló	05
Nelson Girardi	05
Dorivaldo Nodari	05
Felizberto Lemes Pinheiro	05
Severo Pereira dos Santos	04
Evalte Borth	03
Alcides Antônio Ceolin	03
Italo Alberto Benso	03
Adilio Zatti	03
Orlando Furini Vincenci	03
Waldemar Peter	03

SANTO AUGUSTO	
Nome	Nº Votos
Titulares:	
Italvino Sperotto	58
João Pedro Lorenzon	57
Armindo Bender	48
Edmundo Stadler	42
Dirceu Assis de Moura	41
Idalino Speroni	38
Nelson Moresco	35
João Adolino Becker	32
Guimarães Dornelles da Silva	29
Reinaldo Bartsch	28
Celso Bolivar Sperotto	27
José Valmir Stival	26
Suplentes:	
Canísio José Welter	23
Leocliedes Sulczewski	20
Pedro Celeste Delziogo	18
Peri Rolim Machado	17
Leopoldo Tamiozzo	15
Luiz Schraiber	12
Luiz Mário Tamiozzo	11
Erby Knorst	09
Palomar Vitor Montagner	08
Jorge Alberto Sperotto	07
Hélio Paiva Prauchner	06
Altino Weiller	06
AJURICABA	
Titulares:	
Arnaldo Redlich	66
Orélio Toso	65
Leonides Dallabrida	57
Antônio Bandeira	51
Serafim Carlos Dallabrida	44
Victor Zanatta	41
Emilio Uhde	39
Neri Luiz Bona	31
Olimpio Bandeira	26
Suplentes:	
João Adorian	25
Miguel Sapiezinski	20
Waldir Eickhoff	17
Benjamin Giesler	16
Valdomiro Schweigert	16
Nelson Mário Bandeira	15
Walter Anthauer	12
Alcides José Bandeira	12
Clementino Ângelo Sperotto	11
DOM PEDRITO	
Titulares:	
Urbano Adolfo Veiga Freire	57
Floricio Barretto	30
Francisco da Silva Farinha	25
Abu Souto Bica	21
Rui Adelino Raguzzoni	20
Oscar Vicente Silva	17
Leonildo Anor Potter	12
João de Mateo	12
Antônio C. da Silva Netto	11
José Mir Saraiva Fialho	10
Edelvio Barreto	05
Rivadavia Vicente Y Silva	05
Suplentes:	
Fernando de Paula Cardoso	04
Valter José Potter	04
Edson Rodrigues Fontoura	03
José Pedro S. da Fontoura	03
Lídio Dala Nora Bastos	02
Antônio Silveira Espinosa	02
Albino Vargas da Cunha	02
João Alberto Blanco	02
Brasil Caminha	02
Edegar Pereira Severo	02
Rogério Gilberto Zart	02
Pascoal Marcelo Brandi	01

AUGUSTO PESTANA	
Nome	Nº Votos
Titulares:	
Pedro Giotto	71
Bruno Schneider	68
João Armando Bruinsma	59
Eduardo Amândio Schneider	52
Oscar Otto Hoerle	50
Milton Matte	50
João Emílio Schneider	46
Emílio Hasse	41
Valter Luiz Driemeyer	32
Suplentes:	
Nélio Antoninho Ceribola	31
Erno Schneider	29
João Hélio Tisott	28
Bruno Vander San	19
Mirto Arno Drews	17
Valdir Scarton	16
Ocenir João Kremer	15
Alfredo Jaques Péssi	14
Antônio Adão Menegol	14
VILA JÓIA	
Titulares:	
José Ataides Conceição	52
Dari Antônio Della Flora	39
Vilmar Aquilino Hernandez	34
Evandro Krueh	27
Aristeu Burtet Bazana	22
Suplentes:	
Juarez Aguiar Padilha	11
Leonízio Oreste Tamiozzo	10
Adão Ceolin	10
João Henrique de Oliveira	08
Juvêncio José Pedroso	05
DOURADOS	
Titulares:	
Miro Berno	45
Cláudio Pradela	44
José Joaquim Correa	27
Frederico Antônio Stefanello	25
Suplentes:	
Remy Bruno Eidt	18
Mariano Cândido de Arruda	14
Paulo Tasso dos Santos	14
Leonésio Hall	13
SIDROLÂNDIA	
Titular:	
Osmar Hack	13
Suplente:	
Normélio José dos Santos	06
RIO BRILHANTE	
Titulares:	
Ângelo Sichinel	17
João Capoli	16
Suplentes:	
Ivo Vicente Basso	14
Aristoli Adão Franciscatto	10
MARACAJU	
Titulares:	
Fidêncio Antônio Vieira	40
Nelson Dias Neto	26
Antônio Abraão Zardin	25
Ake Bernhard Van Der Vinne	24
Júlio Kronbauer	19
Krijm Wielemaker	17
Suplentes:	
Tarcísio Adams	15
Cristiano Ottoni	13
José Hilário Fuhr	09
João Gilberto Marcondes	06
Astholfo Nogueira	03
Sebastião Alves Marcondes	03

O ESTRAGO DA CHUVA

Tem gente, com bastante idade, que nunca viu estrago igual ao causado pelas chuvas de novembro. E não é para menos. Choveu tanto naquele mês, que a enxurrada levou a soja recém-plantada e abriu crateras na terra. As chuvas superaram até as acontecidas durante o inverno, nos últimos três anos, pelo menos na Região Pioneira.

Os estragos maiores podem ser vistos em Coronel Bicaco e Santo Augusto, e foram provocados principalmente pelas chuvas do dia 6 de novembro. Em Santo Augusto a precipitação naquele dia chegou a 363 milímetros. Só para dar uma idéia do que isso representa, o agrônomo Antônio Vieira dos Santos lembra que em novembro do ano passado as chuvas foram de 97 milímetros, e no mesmo mês de 78 chegaram a 198 milímetros. A diferença é bastante grande, e por isso as chuvas do dia 6 ficaram totalmente fora da média, fora do normal.

Segundo Antônio, os prejuízos foram notados nas lavouras já plantadas e nas outras, onde a terra estava sendo preparada para o plantio. Nas já plantadas, as chuvas aprofundaram a semente no solo, dificultando a germinação. Além disso, a enxurrada levou a camada que havia sido lavrada, deixando apenas um cascão no solo. Em outros casos, a terra ficou endurecida na superfície, e a semente não tinha forças para emergir, para brotar.

PIOR PARA O PEQUENO

O agrônomo sabe que, na época da chuva forte, no dia 6, uns 23 por cento dos 44 mil hectares de soja previstos para Santo Augusto já estavam plantados. E destes, 10 por cento tiveram problema de germinação, com o surgimento de lavouras desparelhas. Quase a metade dos produtores do município teve que refazer terraços, replantar ou re Preparar a terra, porque não valia a pena deixar a lavoura como estava depois da chuva.

Antônio diz também que o pequeno produtor é que foi o mais prejudicado. Os médios e grandes haviam plantado apenas parte de suas áreas, e por isso tiveram menos prejuízos. O pior ainda foi o estrago para quem havia aplicado herbicida, e teve que aplicar tudo de novo. E muita gente recorreu aos estoques de sementes da Cotrijuí, para o replantio, ganhando um financiamento suplementar de emergência do Banco do Brasil. Outros tinham semente em casa, mas esses não são muitos, pois só os médios e grandes conseguem guardar um pouco de reserva.

Mesmo com todos esses prejuízos, Antônio não acredita que haverá redução na produção deste ano. Isto porque a grande maioria deci-

diu replantar, depois da enxurrada, pois o pior seria não formar a lavoura. O problema vai ser o aumento dos gastos com adubo, semente, herbicida, óleo para o trator, pois essas despesas foram duplicadas e até triplicadas.

COISA DE APAVORAR

O técnico Wilton Emílio Treuherz, de Santo Augusto, andou percorrendo o interior depois das chuvas, e ficou apavorado com o que viu. A terra estava esburacada, havia muitas lavouras com verdadeiras estradas formadas pela erosão. A água lavou tudo, deixando só a camada dura do solo. A terra que a chuva arrastou chegou a interromper a estrada de acesso a São Valério, e foi preciso usar trator com escavadeira para retirar o lamaçal.

Otávio Bahir, agricultor da Costa do Turvo, em Santo Augusto, tem "30 e poucos anos" e nunca viu coisa igual. Dos 30 hectares que plantou, ele teve que replantar uns 6 hectares, mesmo que a área esteja num plano. "Não houve o que atacasse a água", lembra ele, que por sorte tinha semente própria em casa.

Outra lavoura de perto da área do Otávio ficou bem pior. A área tem 12 hectares e meio e pertence a Antônio Tamioso, que teve que replantar três vezes depois das chuvas fortes do início de novembro. Só que, depois de tanto replantio, ele desistiu, pois a chuva veio de novo e lavou a terra lavrada. Agora, Antônio vai deixar a lavoura como está, mesmo que fique desparelha.

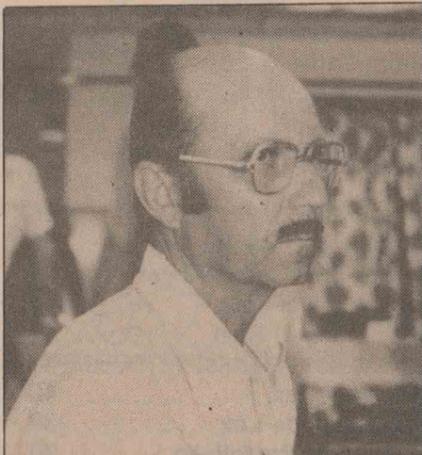
Outro agricultor, o Ermindo Kleinert, de São José da Boa Vista, também de Santo Augusto, conta que o estrago foi mesmo de espantar. Dos seus 250 hectares de soja, ele teve que replantar 15 hectares de uma ladeira. "A chuva levou tudo embora", conta ele, que tinha semente própria em casa. Na vizinhança do seu Ermindo o estrago foi o mesmo.

SEMENTE NÃO GERMINOU

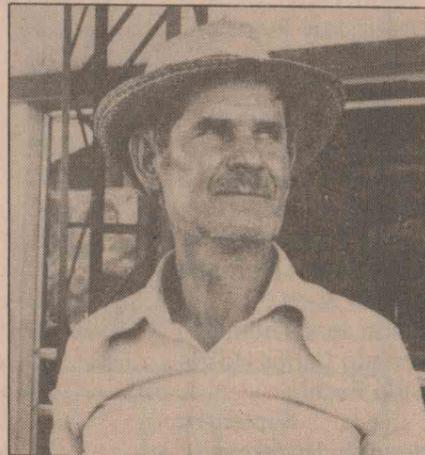
Em Coronel Bicaco, para complicar ainda mais a situação, algu-



Otávio Bahir nunca viu coisa igual



Ermindo Kleinert: de assustar



Ludovico Libinski: prejuízo grande

mas variedades de semente, como a BR-2 e a Missões, tiveram problemas de germinação este ano. Só da BR-2, das 1.500 sacas recebidas passaram apenas 480 sacas. A semente teve problema de germinação por causa da falta de vigor. Os agricultores notaram que ela não teve força para se desenvolver. O pessoal da unidade acredita que isso tenha ocorrido por causa das chuvas, durante a colheita, que provocaram um certo atraso.

Segundo o técnico Valdomiro Dallabrida, a maioria dos produtores replantou suas lavouras, em consequência das chuvas, e depois veio a complicação com a germinação, que não atingiu muitos mas também preocupou. O seu Ludovi-

co Linsbinski, do Sítio Lütz, "fazia tempo que não se via um aguaceiro como o de novembro".

Seu Ludovico perdeu uns oito hectares de sua lavoura de 15 hectares, e teve que recorrer ao Banco do Brasil, para receber financiamento e comprar mais sementes. Ele acha que teve um prejuízo grande com as 10 sacas de semente que perdeu com a enxurrada, e calcula que terá que pagar mais de 9 mil cruzeiros, fora o juro, ao Banco do Brasil, pela semente do replantio. E ainda tem mais 12 sacos de adubo.

UMA GRANDE DIFERENÇA

Segundo ele, a sorte é que sua lavoura não estava toda plantada. Se estivesse, a chuva levaria tudo mesmo, como fez com os oito hectares. Ele teve que meter o pé de pato na terra, para conseguir revirar o solo, pois toda a camada lavrada antes foi parar no fundo da lavoura. Seu Ludovico ainda teve um pouco de sorte, porque depois do primeiro replantio não veio mais nenhuma chuva forte, e agora a soja está meio parelha.

Em Bicaco, a diferença entre o total das chuvas de novembro último e do mesmo mês, nos anos de 79 e 78, também é bem grande. O Dallabrida mostra que em 78 caíram 120 milímetros; em 79, 112 milímetros; e agora, 320 milímetros. Por isso, a água estourou terraços, abriu buracos na terra e agravou os problemas de erosão.

Unidade	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
IJUI	81	104	154	200	272	262
VILA JÓIA	111	117	140	95	289	298
A. PESTANA	91	145	305	63	290	295
AJURICABA	57	90	187	223	284	265
CHIAPETTA	59	104	141	178	288	292
S. AUGUSTO	57	77	33	155	198	363
C. BICACO	35	91	71	54	191	320
T. PORTELA	80	133	67	155	199	242

O quadro acima mostra que Santo Augusto e Coronel Bicaco foram os municípios que mais chuvas registraram em novembro. Também pra se ver que já em outubro as chuvas começaram a aumentar, com maior intensidade que nos meses de inverno forte, de junho a agosto. Falta agora se saber como o tempo se comportou em dezembro.

A PREVIDÊNCIA É UMA DAS CAUSAS DO ÊXODO RURAL

Por coincidência ou não, o projeto que iria alterar a Previdência Social para os trabalhadores do meio rural foi arquivado com o mesmo argumento usado pelos produtores que se manifestaram contra este projeto: a nova lei iria beneficiar poucos agricultores, pois apenas alguns poderiam pagar muito para ter direito à assistência médica e social.

A dúvida que permanece entre os sindicatos que coordenaram toda a movimentação contra este projeto é se a lei ainda não muda no ano que vem. É que o projeto não caiu de vez. Foi apenas arquivado. Uma mudança na lei, como comentam os sindicatos, é uma coisa que já está caindo de madura e deveria ter acontecido há muito tempo. Mas é claro que eles não admitem alterações como aquelas propostas no projeto arquivado. Este projeto, por sinal, foi todo esmiuçado em reuniões e mais reuniões pelo Rio Grande e até do Brasil afora.

PONTOS CRÍTICOS

Alguns pontos eram realmente críticos. Primeiro que a contribuição do Funrural, além de aumentar para 3 por cento sobre todo o produto comercializado, ainda teria mais um desconto de 8 por cento sobre o salário mínimo para cada pessoa da família com mais de 18 anos. Um segundo ponto bem discutido era a questão da aposentadoria. Só iriam aparecer aposentadorias pela nova lei lá pelo ano 2.010. É que os agricultores só poderiam se aposentar depois de 30 ou 35 anos de contribuição para o Funrural, dependendo do caso de ser homem ou mulher.

O grito de guerra que deu contra a proposta da nova lei deve ter motivado o Governo a arquivar o projeto. Nem por isto, porém, os Sindicatos deixaram de se preocupar com o assunto. Na maioria das regionais da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, por exemplo, existe a disposição e o interesse de continuar discutindo o assunto com os associados.

CAUSA DO ÊXODO

No fim do mês de novembro a Fetag promoveu lá em Porto Alegre uma reunião com os representantes das regionais dos Sindicatos. O objetivo do encontro era discutir as propostas das bases sobre modificações na lei da Previdência

Rural, fazer propostas de um novo projeto de lei para discutir com as bases, e ainda formar uma Comissão para coordenar os trabalhos e conduzir a luta pela melhoria da Previdência Social Rural.

Nesta reunião o pessoal chegou a conclusão de que a Previdência Social Rural é uma das principais causas do êxodo rural. O tipo de atendimento que existe para o agricultor, deixa todo mundo numa insegurança muito grande, sem saber se em caso de doença na família não será preciso vender um pedaço de terra, uma junta de boi, para pagar a conta do hospital. É por isto, como concluíram os participantes, que o colono sai do meio rural e vai para a cidade, onde pelo menos a certeza de atendimento ele pode ter.

DOCUMENTO

Durante a reunião foi também elaborado um documento onde aparecem as sugestões sobre uma nova lei da Previdência. Estas sugestões voltarão a ser discutidas nas bases e mais tarde reunidas na forma de um ante-projeto. Foi tomada ainda a decisão de apresentar ao ministro Jair Soares, da Previdência Social, as reivindicações imediatas da classe, isto antes mesmo da implantação de um novo projeto. Quem vai entregar esta reivindicação é a comissão formada durante a reunião.

Fazem parte da comissão Ezídio Pinheiro, vice-presidente da Fetag; Carlos Karlinski, pela regional de Ijuí; Auxílio Rebechi, da Regional de Passo Fundo; Marino Wolf, da Regional de Caxias do Sul; João Peres, da Regional de Pelotas; e Hilário Schorr, da Regional de Santa Rosa.

Além deste contato com o ministro a comissão tem muitas outras funções para desempenhar: juntar dados e elaborar proposições a curto prazo; divulgar o movimento e manter a base e o Sindicato informados; montar um esquema de como conduzir a luta; vincular e articular com outros estados e com a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura); consultar as bases para definir forma de pressão.

Ao entregar o documento ao ministro, a comissão também deverá comunicá-lo de que os agricultores resolveram dar um prazo até o dia 30 de janeiro para que o Governo atenda suas reivindicações imediatas.

Um prazo para as reivindicações

Já faz muito tempo que sempre que se discute a situação da Previdência Rural, os agricultores levantam alguns pontos que precisariam ser resolvidos imediatamente. Pois estes pontos são as reivindicações imediatas que a Comissão vai entregar ao Ministro, dando o prazo de 30 de janeiro para que sejam atendidos. São elas:

- Eliminação da participação de todos no custeio das despesas médicas e hospitalares;
- Inclusão dos exames de laboratório e raio X, mesmo sem baixa hospitalar ou atendimento no ambulatório;
- Cobertura pelo INAMPS das despesas com o anestesista;
- Possibilidade do agricultor optar por quarto de primeira classe, pagando somente a diferença;
- Cobertura pelo INAMPS ao acompanhamento médico das mulheres grávidas, exames preventivos contra o câncer, tratamento psiquiátrico e de doenças do pulmão;
- Possibilidade de manter acompanhante nos casos de hospitalização de crianças com menos de 12 anos e de idosos a partir de 60 anos;
- Plantão permanente nas 24 horas do dia, inclusive aos sábados, domingos e feriados, em casos de emergência, com a cobertura do INAMPS;
- Que exista a possibilidade de recorrer a exames especializados em outros centros;
- Pagamento aos médicos e hospitais por serviços prestados e não mais por verbas fixas;

AS PROPOSTAS

Além destas reivindicações apareceram várias sugestões sobre mudanças na lei. A respeito do custeio da previdência a idéia é de que a contribuição deva ser apenas indireta, ou seja, somente com uma porcentagem sobre a produção. Porém antes do governo decidir uma elevação da taxa de contribuição, os agricultores exigem a comprovação de que os 2,5 por cento recolhidos atualmente não chegam para cobrir os gastos do Funrural. Isto sem esquecer que as empresas da cidade ainda contribuem para o Funrural com 2,4 por cento da folha dos salários de seus empregados. De acordo com o documento elaborado na reunião da Fetag, apenas depois de provado que estes recursos são insuficientes é que se aceitará uma elevação da contribuição para 3 ou 4 por cento sobre a produção.

Uma sugestão velha que voltou a aparecer é a retenção de uma porcentagem nas remessas de lucros ao exterior sobre os produtos supérfluos, como cigarros, perfumes e bebidas. Se falou ainda na criação de um imposto de renda para as instituições bancárias, além de uma participação maior da União no custeio da Previdência. Outra coisa que foi sugerida é uma fiscalização mais rigorosa sobre a arrecadação de ICM e Funrural.

BENEFÍCIOS

Na parte de benefícios, as sugestões são de que a aposentadoria deva ser concedida aos 50 ou 55 anos de idade (para mulheres e homens, respectivamente), ou depois de 30 ou 35 anos de contribuição. Só que ao contrário do outro projeto, a contagem do tempo de contribuição deve vir desde 1964 de quem na época tivesse 18 anos.

Quanto ao valor da aposentadoria se quer que ele seja justo e nunca inferior ao salário mínimo. É importante ainda a sugestão de que a esposa e filhos menores de 18 anos tenham direito igual aos benefícios, pois todos contribuem com o seu trabalho. Se pede ainda equiparação em todos os outros benefícios do INPS, a inclusão da esposa e filhos menores (de 12 anos para cima) no seguro de acidentes de trabalho e uma pensão para as viúvas dos agricultores que faleceram antes de 1972, quando entrou em vigor a lei atual.

ASSISTÊNCIA

Sobre a assistência as sugestões são de que o atendimento seja integral, em qualquer parte do País, para todos os membros da família, isto mediante a apresentação da carteirinha. Não se pode esquecer também que a previdência precisa respeitar as características dos agricultores. Nos casos de consultas médicas e atendimento odontológico, por exemplo, será muito difícil – senão impossível – que o agricultor espere em filas para ser atendido. Levantar de madrugada para vir a cidade não é problema. O difícil é que não existem ônibus no interior nesta hora e assim o agricultor não vai nunca conseguir fichas para consulta.



Durante todo ano de 1980 os agricultores se manifestaram por uma mudança na lei da Previdência. Esta passeata aconteceu em Ijuí, no dia 12 de março.

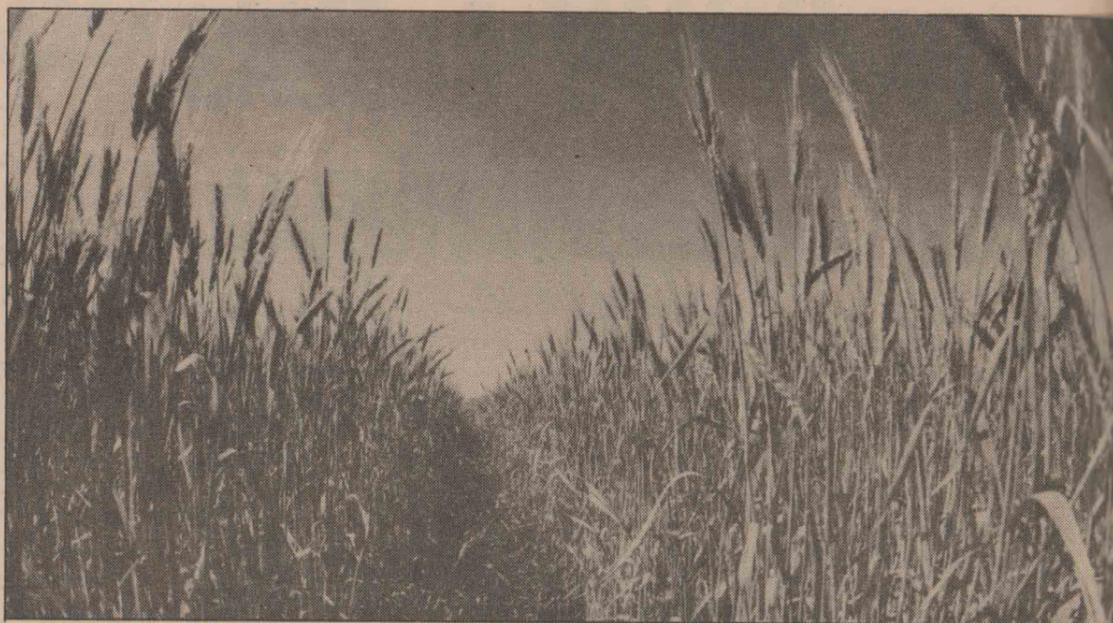
Quem deixou de seguir à risca as recomendações sobre a época de plantio do trigo deste ano teve melhor sorte. Tanto o trigo do cedo como o trigo do tarde foram os que melhores resultados apresentaram neste clima de uma frustração quase total da cultura. Exatamente a região do Estado onde atua a Cotrijuí, no Noroeste gaúcho, foi a mais atingida pelos desastres do tempo este ano. Por aqui se teve o maior percentual de frustração da safra de trigo, principalmente por causa da geada que deixou brancas as baixadas da região na madrugada de 16 para 17 de setembro. Geada assim fazia tempo que não se via por estes lados. Isto sem contar que, logo depois, quando se pensava em iniciar a colheita, deu de cair uma chuva que só veio mesmo para atrapalhar a vida dos tricultores. Mas nem todas culturas de inverno tiveram sorte igual — ou azar, melhor dizendo — que o trigo. Quem plantou colza, por exemplo, tem razões de sobra para tentar um novo plantio no ano que vem. Está certo que esta tal de colza não é ainda uma planta para se fazer a lavoura de olhos fechados. Tanto os produtores, cerca de 60 na região da Cooperativa, que experimentaram a cultura este ano, e os técnicos que andam lidando com esta novidade, falam que ainda se precisa aprender muito a respeito da colza. Já dá também para se avaliar um pouco como foram os resultados de quem plantou aveia e tremoço. Assim como no trigo, o tempo não ajudou muito nesta safra. A geada, o ataque de pragas e doenças, atrapalharam um pouco os resultados que se pretendia obter.

O caso é que avaliar o comportamento das safras de inverno tem sido cada ano mais difícil. O tempo anda louco, chovendo quando não se espera, geando fora de época, fazendo verão em pleno agosto e assim vai. É praticamente impossível tomar uma decisão, a respeito do que fazer em termos de agricultura nas próximas safras de inverno. Ainda mais quando se sabe que não é apenas o clima que influencia as lavouras. É a velha história de uma política agrícola cheia de indefinições, assim como de uma tecnologia que, na verdade, pouco tem a haver com a realidade que se vive.

Quem analisar de uma maneira rápida, e sem pensar muito, os resultados que se obteve este ano, é bem capaz de chegar a conclusão de que a colza é uma das melhores culturas que se tem para plantar no próximo inverno. Mas será mesmo? A introdução da cultura da colza tem sido encarada com reservas não só pelos produtores — o que é uma questão natural, já que pouco se conhece desta planta — como também por muitos técnicos. O perigo de se transformar a monocultura de trigo numa monocultura de colza está muito presente na idéia deste pessoal. Já imaginaram o Rio Grande coberto de soja no verão e de colza no inverno? Ainda é que sobra espaço para se plantar alguma coisa que sirva de alimento para o povo?

E será que os resultados da aveia e do tremoço servem para desestimular o plantio nos próximos anos? Se produziram relativamente mal nesta safra será que devemos deixar de lado estas alternativas que ainda são também pouco conhecidas pelos produtores? Seguramente que não. Somente o tempo e a experiência poderão comprovar se elas servem ou não para nós. O que fica de certeza é que plantar de tudo um pouco ainda é o melhor negócio.

AS COLHEITAS DO INVERNO



Mais uma vez o trigo frustrou a esperança de uma safra cheia

Os 123 hectares de terra do seu Alberto Reinke e dos filhos, no Monte Alvão, em Ajuricaba, viram nascer uma porção de culturas durante este inverno. Ali se plantou trigo, se plantou colza, aveia, tremoço e até trevo branco para pastagem. Foi o primeiro ano que os Reinke começaram a trocar as culturas de inverno, guardando para o trigo apenas parte da propriedade. E foi sorte, pois nem as contas eles conseguiram pagar com a colheita deste ano. O seu Alberto é quem conta:

— O inverno sempre prejudica o trigo e tem ainda esta peste do mal do pé, que sou obrigado a deixar de plantar. Para nós aqui a geada nem foi muito ruim, que a lavoura fica ali num lugar alto.

Um de seus filhos, o Ari, é quem mais observou um detalhe:

— Plantamos o trigo em duas etapas. O mais do tarde, plantado em 12 de julho, deu melhor que o plantado em 2 de junho. E era tudo a mesma varie-

dade, o C-3. Deu para colher 40 sacos em 30 hectares, o que não paga o gasto que se teve.

AVEIA E TREMOÇO

A área que mais mal do pé vinha apresentando nos últimos tempos foi exatamente a escolhida para plantar aveia este ano.

Foram 15 hectares de planta que deixaram uma colheita de 11 mil quilos. Eles perderam um bom tanto da produção com um ataque de lagarta. O Ari é quem explica:

— Bem quando começamos a passar o veneno deu uma semana de chuva. Não fosse isso,



Alberto e Ari Reinke: trocar de culturas

Os velhos problemas do trigo

O maior problema do trigo — e isto não é nenhuma novidade para qualquer produtor — foi a geada que pegou a planta na fase crítica de floração e espigamento. Quem plantou mais no cedo não sofreu tanto prejuízo, pois o grão já estava formado e escapou melhor dos efeitos da geada. Também quem plantou mais no tarde ainda não tinha sua lavoura na fase de floração ou de espigamento. Pelo que se vê, então, a recomendação oficial de época de plantio deve ser reexaminada com a participação e experiência dos produtores.

“Só não dá para esquecer que a geada é que não ocorreu na época normal. Do contrário, se tivesse geado em meados de agosto, os trigos do cedo seriam

liquidados pela geada”, explica o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau.

OS RISCOS

Geralmente o agricultor que planta no cedo procura escapar dos problemas de doenças, que sempre preocupam mais no final do ciclo do trigo, quando vai se aproximando a primavera. É que nesta região do Rio Grande do Sul a primavera geralmente é quente e chuvosa, bem o tipo de clima que as doenças gostam para se instalar na cultura. Só que plantando no cedo fica bem maior o risco de uma geada na época normal. Foram os três últimos anos que tiveram geada mais tardia. Em 78 ela caiu em 31 de agosto. Em 79 foi em 19 de setembro e este ano na

madrugada de 16 para 17 de setembro. Foram geadas fortes demais para a época.

A própria recomendação da pesquisa, como conta o Volney, foi elaborada em função de geadas em épocas ditas normais, exatamente para que as lavouras escapem deste problema.

Já quem planta no tarde normalmente escapa da geada, mas sempre tem maiores problemas com doenças, como a ferrugem, septória e giberela, porque o período da floração e do espigamento da planta vai coincidir com a primavera. Fala o Volney:

— Todo trigo do tarde sempre vai produzir menos que o do cedo, isto, naturalmente, se o do cedo escapar da geada.

O QUE FAZER?

Como o tempo anda louco, e o que é normal num ano já não é no outro, fica bastante difícil de saber a melhor forma de fazer produzir. Em todos os casos, o Volney relembra uma antiga recomendação que muitos produtores já estão seguindo: plantar em épocas diferentes. Parte do trigo plantar no cedo, parte na época recomendada e parte no tarde. Alguma coisa, deste jeito, tem que se colher.

É claro que não foi só a geada a responsável pela frustração, que chegou fácil na casa dos 60 por cento. Algumas lavouras sofreram ainda com as doenças, pois depois da geada se teve um período de chuva e calor. Um exemplo foi a podridão

das raízes, provocada por fungos, que comprometeu bastante algumas produções. E o mal do pé também é um problema que acompanha ano após ano as lavouras de trigo. Diz o Volney:

— Este é um problema muito sério, pois alguns produtores ainda não se conscientizaram que em áreas com problemas de mal do pé não adianta plantar trigo. O mal do pé é uma doença provocada por fungos e que somente terá seu ciclo interrompido se o produtor deixar de plantar, por alguns anos, trigo naquela área. O caso é que enquanto não se entrar num sistema de rotação de culturas vamos viver sempre no mesmo problema. E isto vale não só para o trigo, mas também para outras culturas.

podia ter dado um pouco mais. O tremoço dos Reinke também mostra, mesmo antes de colhido, que não vai dar bom rendimento. Ao plantar o tremoço eles pensaram em duas coisas: guardar semente para o ano que vem e ainda fazer adubação verde numa parte da propriedade. Em parte seus planos se frustraram: deu uma doença na raiz e ainda uma broca nos galhos. O certo nos planos dos Reinke é que com esse negócio de que o trigo não produz, será preciso ocupar as terras no inverno com outra coisa. O plano é não plantar trigo ano que vem, que a terra não dá mais", como explica seu Alberto.

VANTAGEM SÓ NA COLZA

Com a colza os Reinke obtiveram um resultado muito melhor. Foi o primeiro ano que plantaram e ela acabou sendo a única cultura que deixou vantagem na propriedade. Com 50 quilos de semente plantaram 10 hectares, colhendo pouco mais de 130 sacos. Fala o seu Alberto:

— Com um ano de planta não dá para saber se a colza é cultura boa mesmo. Ano que vem nós pretendemos plantar de novo, prá conhecer ela um pouco melhor. O que se viu é que 30 por cento se perde seguro na colheita, que debulha muito. Só prá ver: quando nós colhemos já tinha colza nascida que debulhou antes.

Os Reinke repararam também que o amadurecimento foi muito desparelho. A parte que amadureceu antes ainda teve o azar de enfrentar uma chuva, que fez perder muito o peso:

— Quando começamos a colher ficamos até muito conten-

tes, achando que ia dar produção muito alta. Mas é uma semente muito leviana, que faz mais volume do que peso.

SEM QUEIXAS

Quem também andou diversificando bastante neste inverno foi o seu Leony Coimbra de Souza, que planta 330 hectares de terra na localidade de Santa Cruz, em Catuípe. Este foi o segundo ano, por exemplo, que ele experimentou a colza. Mas do mesmo não deixou de lado uma área de trigo, isto sem contar uns hectares de linho e outros de aveia.

Seu trigo — 40 hectares de planta — escapou da geada, pois ele plantou bem no cedo:

— Fazem três anos que não me queixo de colheita do trigo. Planto ralo, na base de 90 quilos por hectare, e assim automaticamente a planta fica com mais ventilação. A experiência tem mostrado que é melhor plantar no cedo. Deste jeito, o único risco que se corre são as geadas na época normal. Mas como não tem geado nas épocas normais...

LINHO: UM BOM RENDIMENTO

Com linho ele ocupou 30 hectares, colhendo a média de 12 sacos por hectare:

— Esta lavoura sempre tem problema de incidência de praga, mas eu não deixo aumentar que sempre controlo. Faço também limpeza sem usar herbicida. Sou mais a favor da capina mecânica ou manual. Minha colheita deu um baita rendimento, excelente mesmo, pois com 3 sacos e meio já se paga o custo da lavoura.

Prejuízo mesmo, Leony conta que só teve com a aveia. A

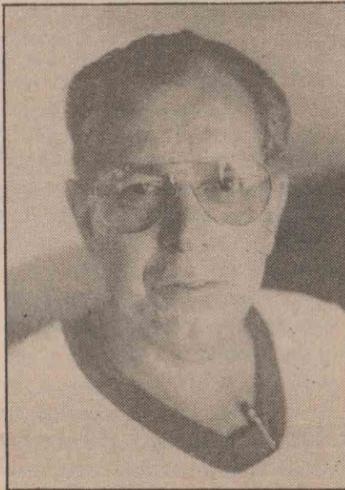
lagarta atacou seus 70 hectares de planta e ele não teve como controlar. Choveu demais na época de passar o veneno. No final das contas conseguiu colher coisa de 10 sacos por hectare.

O ESPANTO COM A COLZA

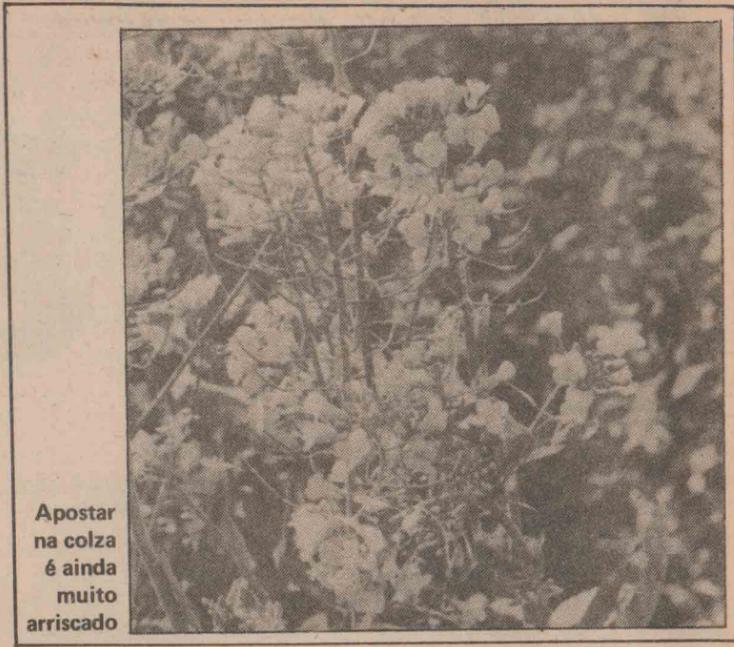
O que ele achou gozado este ano foram as travadas de carro junto a coxilha onde ele plantou a colza. A coxilha fica bem ao lado da estrada e era difícil alguém passar por ali sem estranhar aquela planta pouco vista ainda pelas redondezas. Este foi o segundo ano de experiências do seu Leony com esta cultura e ele não anda nada arrependido de tentar coisas novas para diversificar sua propriedade:

— Já fui bem no ano passado, com um rendimento de 127 por cento sobre o capital aplicado. Se o pessoal estava perdendo com a frustração do trigo, eu estava ganhando com a colza.

Ano passado sua lavoura foi de 10 hectares. Tanto ele achou bom ter iniciado esta cul-



Leony Coimbra de Souza: fazendo experiência



Apostar na colza é ainda muito arriscado

tura, que ampliou a área para 70 hectares nesta safra. Plantou em duas épocas diferentes:

— A área do cedo produziu melhor, dando 1.000 quilos de produto limpo por hectare. A do tarde não tenho ainda o resultado, mas caiu muito a produção. E não por causa do produto, mas sim devido às tormentas.

Experiência em cima de experiência, seu Leony pretende mudar a adubação da lavoura de colza no próximo ano. Esta safra ele fez com 300 quilos de adubo por hectare. A próxima vai diminuir o aduto e fazer uma cobertura de uréia, quando a colza estiver com uns 50 dias de plantio.

COLHEITA NÃO É MISTÉRIO

Outra preocupação do seu Leony foi regular bem direitinho a máquina, para evitar muita perda durante a colheita:

— A gente traduziu o catálogo da Braud para adaptar a regulagem da máquina com perfeição. Regulei uma Braud e uma Vassaly. A essência da regulagem está em tirar todo o ar da máquina. Outra coisa importante é levantar toda regulagem do moinete para que não tenha atrito com o grão, e ele possa entrar no caracol ao natural.

— Para ele, a colheita da colza não é mais mistério. Tanto

No tremoço, o clima não ajudou

O agrônomo Rivaldo Dhein conta que fica até difícil precisar qual foi o problema que mais atrapalhou a cultura do tremoço este ano. Muita gente que esperava produzir semente acabou incorporando o tremoço no solo para não perder de todo a lavoura. Aproveitaram para fazer uma adubação verde — por sinal, o maior uso do tremoço na região — antes de perder toda lavoura.

A cultura teve problemas de fungos, que deixaram a planta com uma cor preta e apodrecida. Deu ainda uma broca na raiz. Esta broca perfura a raiz e o colmo, abrindo verdadeiras galerias na haste. Com isto, o desenvolvimento e a frutificação da planta ficaram bastante prejudicados. Além desta broca, apareceu uma outra nas axilas, perfurando a vagem, bem como acontece no caso da soja.

O tremoço ainda sofreu um ataque de trips, que é um inseto amarelo quando jovem e preto quando adulto. Este trips é um inseto sugador que prefere atacar os pontos de crescimento da planta (principalmente as folhas mais novas). Onde ele suga, a folha fica enrugada, encrespada e pode acabar morrendo. A



Rivaldo: a geada atrapalhou

ação do trips é semelhante à do pulgão do trigo, sugando toda a seiva da planta.

SOFREU COM A GEADA

Isto sem contar que o tremoço também sofreu os efeitos da geada. A planta não chegou a morrer como aconteceu com muito trigo, mas teve suas últimas camadas de floração bastante prejudicadas. Como a geada atingiu o tremoço bem na fase de floração, o Rivaldo até admite que tenha sido esta a principal causa da frustração que se viu por aí.

Mas não é por isto que ele deixa de se preocupar com os outros problemas. Um exemplo é o ataque dos fungos. Acontece que eles se transmitem pelas vagens, hastes e sementes do tremoço. O tratamento de sementes contra doenças fúngicas é um assunto que está sendo discutido. A intenção é evitar que estes problemas voltem a acontecer.

Na aveia ainda falta experiência

Os produtores, os técnicos da cooperativa, os responsáveis pela comercialização, tinham muita esperança na aveia plantada este ano. "Mas não saiu bem como se esperava", comenta o Rivaldo Dhein, agrônomo responsável pelo setor de forrageiras da Cotrijuí. "A aveia não se comportou como se esperava, não produziu como se esperava e nem apresentou a qualidade que se esperava".

O peso específico, por exemplo, deveria ter alcançado 50 pontos depois da aveia despontada (tirada sua ponta de cima, a arista). Só que o resultado ficou abaixo disso.

O problema não foi só qualidade. A produção também ficou bem abaixo do que se pretendia obter. Isto tudo em função do clima. A chuva em excesso prejudicou a formação do grão. A situação se complicou mais ainda com as chuvas na época da colheita, baixando ainda mais a produção e a qualidade.

O ATRASO AINDA AJUDOU

A geada, pelo que conta o Rivaldo, não teve muita influência na aveia. Isto em parte porque aconteceu um atraso no plantio da lavoura. Conta o Rivaldo:

— Foi um mal que veio para o bem. Se observou que as melhores aveias foram as plantadas mais tarde. Quando se planta aveia muito cedo o seu ciclo até a maturação é muito longo e a planta fica mais tempo sujeita aos ataques de pragas e doenças. Inclusive quando a aveia se destina para grão, se recomenda retardar o plantio e assim encurtar o seu ciclo. Mas existe ainda o aspecto de que quando começa a aumentar

a temperatura a incidência de pragas também aumenta.

O ATRAPALHO DA CHUVA

Falando em pragas e doenças este foi um problema que também atrapalhou bastante a cultura deste ano. O excesso de chuva e o calor provocaram o aparecimento de ferrugem na planta. Além disso aconteceu um ataque violento de lagarta. Justo quando os produtores se deram conta da presença da praga começou a chover. O Rivaldo explica melhor o que aconteceu:

— Por falta de experiência dos produtores no cultivo de aveia, o pessoal não se apercebeu do ataque da lagarta. E ele foi fatal para algumas lavouras. Se ocorre um ataque quando a aveia está próxima da maturação, a lagarta vai direto ao cacho, onde corta e derruba a semente. O pessoal pensava que a aveia estava debulhando, porque coincidiu com um período ventoso. Tivemos lavouras com perda quase total por causa da lagarta. O danado é que a lavoura pode ser liquidada em dois dias por esta praga.

O Jorge Zambra, que é técnico agrícola, é quem aproveita para fazer um lembrete neste negócio de controle de pragas:

Toda praga tem seus inimigos naturais e, por isto, devemos usar apenas defensivos específicos para combatê-las. De preferência devemos usar defensivos biológicos, que não matam outros insetos e animais. Isto sem contar o problema de intoxicação nos produtos que serão destinados ao consumo animal, como é o caso da aveia. Se usamos defensivos que deixam resíduos, o animal que comer o grão poderá ficar intoxicado.

como o manejo da terra depois da colheita, já que ele não teve nenhum problema com inço.

COLZA PARA DEFENDER

Outro produtor a repetir a experiência com colza foi o Oldemar Conrad, da Linha 8 Oeste, em Ijuí. Plantou 12 hectares no ano passado e colheu 100 sacos:

— Debulhou muito e ainda a geadinha acochou a semente. Mesmo assim a colza deu para defender, enquanto o trigo não deu nada. No máximo empatou.

Este ano ele quase aumentou em três vezes a área de plantio da colza. Preparou 35 hectares e teve uma colheita que variou entre os 20 e os 25 sacos por hectare. Ele ainda não somou bem as notas, mas disso sua colheita não baixou:

— Este ano não tive problema de debulha, que também não aconteceu nenhum vendaval por aqui. Além disso eu colhi a colza mais úmida, que não dá para esperar ela secar na lavoura que se perde muito.

TRIGO: O FRONTANA DEU MELHOR

O trigo ele plantou bem na época, mas a geadinha matou. Começou semeando a variedade Frontana, isto no dia 10 de junho. Acabou de preparar a lavoura em 25 de julho, quando plantou seu último saco de Maringá:

— O Maringá dá para dizer que não deu nada, enquanto do Frontana ainda se tirou uns 4 ou 5 sacos por hectare.

Oldemar, que é proprietário de 118 hectares, ainda plantou um quadro de 4 ou 5 hecta-



Oldemar Conrad: o melhor é fazer rotação de cultura

res de aveia. Não deu para colher nem 110 sacos nesta área, que teve problema com ferrugem e ataque de lagarta. A lagarta ainda ele teve tempo de combater, e explica que "aqui lagarta não forma. Praga a gente tem que acabar mesmo com elas. O pior é quando vem geadinha, tempestade, que a gente não pode fazer nada".

O Oldemar anda convencido que o melhor é fazer sempre uma rotação de culturas, ir mudando a planta de uma área para a outra:

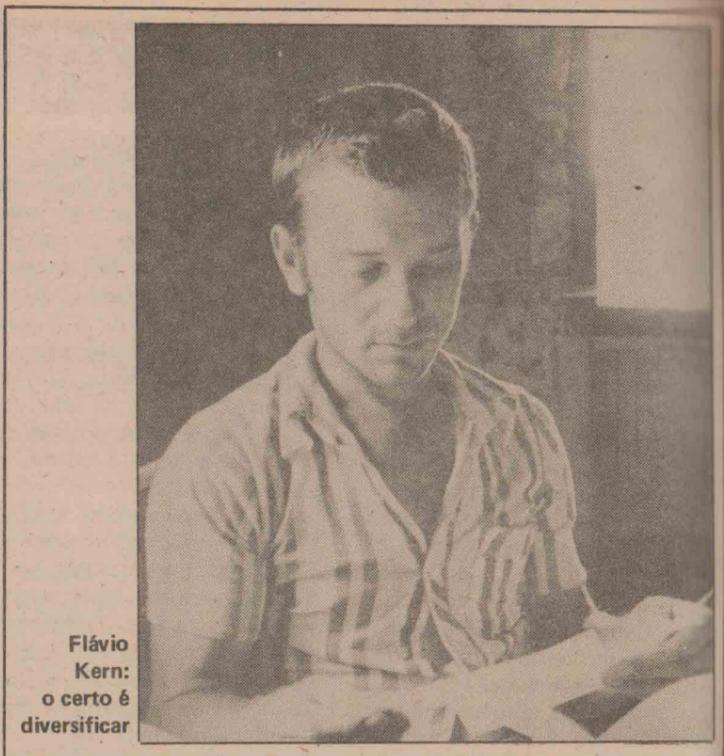
— Se o tempo ajuda também tudo dá. Se não ajuda, alguma coisa pelo menos se salva. Não adianta plantar sempre a mesma coisa no mesmo lugar. A terra cansa. Aqui vamos repartir

a terra, mas não só plantar trigo e colza. Vamos plantar aveia, centeio, cevada. Devagarzinho, assim, o agricultor vai se safando das frustrações.

AINDA É CEDO

Já o Flávio Kern, de Ijuí, em Augusto Pestana, acha ainda um pouco cedo pra dizer se valeu a pena mesmo plantar colza. Foi o primeiro ano que ele experimentou o cultivo, preparando 5 dos seus 18 hectares para a lavoura:

— Pelos cálculos brutos, acho que deu uns 150 sacos de colheita. Até aí fui bem, porque quando estava madura me entrou um vento e um granizo. De



Flávio Kern: o certo é diversificar

manhã, quando cheguei na lavoura, o talo estava branco, com as vagens no chão. Dois dias depois ainda se pegou um vento forte.

Olhando só pelo lado do rendimento, o Flávio acha que valeu a pena plantar a colza. Pelo menos colheu mais, em proporção, do que no trigo. Nos 11 hectares de planta (arrendou um pedaço do vizinho) colheu perto de 120 sacos. Mesmo assim precisou de cobertura do Proagro:

— Na colza só estou achando pouco preço. Acho também uma cultura arriscada, que se vai mal não dá nada. O trigo ainda quando frustra vai lá e enterra a palha. A colza não, que ela rebrota.

O Flávio acha que sem fazer uma cobertura de uréia nem adianta querer plantar colza. Ele conta que recebeu uma visita de parentes lá de Coronel Bicaco, que se espantaram com o porte e a beleza da sua lavoura. Quando ele contou que era por causa da uréia, o pessoal também se tocou a fazer cobertura nas áreas que tinham plantado.

DÚVIDA NO PREÇO

Mesmo renegando um pouco por causa de preço (Cr\$. . . 900,00 o saco), Flávio faz as contas e conclui que a lavoura de colza é um pouco mais barata que a do trigo:

— Mas também não muito.

Na colza é essencial um sistema de rotação

"A colza foi bem este ano, tem boas perspectivas de se desenvolver, mas ainda existe muito o que aprender sobre esta cultura".

Isto quem conta é o agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau, que está coordenando na Cotrijuí todo o trabalho de experimentação e de cultivo da colza.

A produção média ficou em torno de 1.200 sacos por hectare em toda região. Alguns produtores chegaram a alcançar até 1.800 quilos, o que é um re-

sultado bastante expressivo para um ano de condições de clima como este. A colza, por sinal, pouco sentiu os efeitos da geadinha que acabou com as lavouras de trigo e prejudicou bastante o desenvolvimento do tremoço. Apenas o que se viu este ano, quando as produções obtidas foram bem melhores que as da safra passada, foi um amadurecimento desparelho da cultura. O Volney explica:

— Este amadurecimento desparelho talvez seja um problema de fungo, ainda não se sabe

bem ao certo. Nós temos observado este acontecimento, mas sem poder precisar se a causa é mesmo um fungo que identificamos em algumas lavouras que tiveram o problema. Como experiência, devemos tratar parte da semente para a próxima safra.

COLZA NÃO É INÇO

O maior problema que se está enfrentando com a colza, segundo o Volney, é exatamente a implantação da cultura:

— Acontece que o pessoal não está acostumado com esta lavoura.

A experiência do Volney no trato com a colza — são cinco anos de trabalho — fazem com que ele diga, com toda certeza, de que não é de preocupar a história de que a planta pode se transformar num inço. Conforme ele explica, a colza só vai inçar se não existir um manejo adequado da terra após a colheita. Ele volta a repetir:

— É preciso esperar uma chuva para a semente germinar, antes de gradear a terra e prepará-la para outra cultura. A resistência do produtor em plantar colza é uma coisa muito natural.

Mas a preocupação de que é um inço não é correta, mesmo que a colza tenha as mesmas características do nabo. Um bom indicativo de que dá para plantar colza é que já temos produtores que a cultivaram pelo terceiro ano.

O ideal, segundo o Volney, é que um maior número de produtores plante no ano que vem um pedacinho de sua terra com esta cultura. Assim, ele poderá acompanhar melhor seu desenvolvimento e decidir, por si mesmo, se esta pode ser também uma boa alternativa para o inverno. Mas só existe um detalhe que o agrônomo faz questão de salientar:

— Nenhuma propriedade deveria ter mais de 25 por cento de sua área plantada com colza. Se nós chegarmos a cair num sistema de plantar colza em cima de colza, é possível que entremos pelo cano, vivendo um problema ainda maior do que hoje com o trigo, com doenças e pragas, sem se conseguir cortar o ciclo dos fungos. A gente sabe que estas doenças ficam no solo e voltam a atacar a cultura no ano seguinte.

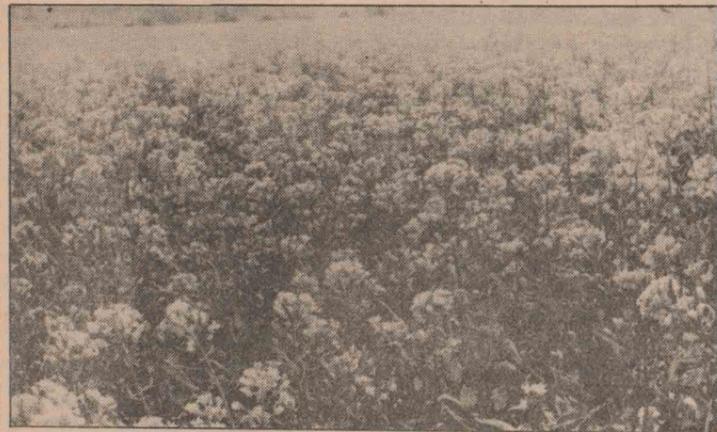
O ESSENCIAL
Volney aponta alguns fa-

tores que os produtores devem ter o cuidado de observar. O primeiro é que a colza — assim como qualquer cultura — deve entrar num esquema de rotação. Não se deve plantar apenas colza, como também não se deve plantar apenas trigo. A recomendação é que se plante colza na mesma área apenas depois de quatro anos. Um segundo aspecto que deve ser atendido é em relação à escolha da área de plantio:

— A escolha do tipo de solo é muito importante, pois a colza é muito exigente em fertilidade. Em terra ruim, sem calcário, com baixa fertilidade, baixo pH, nem adianta plantar.

Outro ponto que deve ser observado é a época de colheita. Se o grão está muito seco a debulha da vagem é muito grande e, conseqüentemente, se perde muito produto na lavoura:

— Acredito que vamos ter que colher a colza ainda úmida, com 14 ou 15 de umidade, e passar depois no secador. Para evitar isso nas áreas maiores, deverá ser feito o plantio espaçado de alguns dias entre as diversas áreas.



A recomendação é plantar colza apenas em 25% da área de propriedade.

Só se gasta menos em semente. Em adubo é quase parelho e ainda tem que fazer a cobertura de uréia. Calculo que dá diferença de Cr\$ 900,00 a Cr\$ 1 mil por hectare.

Para o ano ele acredita que volta a plantar colza, mesmo que lembre que ainda tem certas dúvidas por causa do preço:

— Só não vou plantar na mesma área. Vou plantar onde tinha trigo este ano. O certo é se diversificar. Até eu, se não fosse a colza este ano, acho que não sei, porque só com as vaquinhas de leite não dava para passar.

DEPENDURADO NO TRIGO

Seu João Doraci Conceição, da Esquina Santo Antônio, em Vila Jóia, é outro produtor que também conta não ter ido muito bem com a colza. Mesmo assim foi melhor que no trigo. Este foi seu primeiro ano de colza, que ele inventou de plantar porque o trigo só andava morrendo:

— Antigamente eu plantava linhaça, mas é muito ruim de colher e por isso desisti. Comparando as duas, a colza é muito melhor de colher. Mas precisa colher no ponto, antes de ficar bem madura, senão debulha tudo na lavoura.

Com o trigo ele realmente não foi bem. Plantou 20 hectares e colheu 236 sacos. "É a terceira safra que fico dependurado", ele comenta. Já a colza rendeu melhor: em 5 hectares colheu 76 sacos. O seu custo também é mais baixo que o do trigo:

— Só prá ver. Para 8 quilos de semente de colza a gente tem que colocar 100 quilos de semente de trigo. Agora tem uma coisa: a colza é planta bastante exigente. A terra tem que ser

boa mesmo.

Seu João gostou muito de lidar com esta cultura e até achou uma plantação muito linda. Se ela continuar dando bem, ele acha que pode ser uma boa opção para o inverno:

— Desde que se plante um pouco mais cedo, pois sua colheita é mais no tarde e isso pode retardar o plantio da soja. Ainda não sei se planto no outro ano, estou esperando o preço para ver se é mesmo vantagem plantar.

UM TRIGO APURADO

Os Zangirolami, na Linha 21, em Ajuricaba, só plantaram trigo e tremoço neste inverno. Grande parte da propriedade — 300 hectares — nem foi semeada, pois pensaram em deixar que a terra descansasse por um ano. Um dos irmãos, o Adair, é quem conta:

— Nós não mexemos na terra, só deixamos a palha da soja fazendo sombra.

De trigo eles reduziram a quantia de plantio de 110 sacos no ano passado para apenas 20 este ano. A colheita agora chegou aos 75 sacos:

— Nós plantamos o CNT-10, que é de ciclo médio, mais para tardio que para precoce. Até dizem que é um trigo apurado em Vacaria, um lugar frio. E de fato, deu geadas mas o trigo se recuperou. O que estava cacheando este sim se foi prá frente. Só o broto, o de perfio, é que não deu.

De tremoço eles plantaram também 20 sacos. Foi seu primeiro ano de experiência. Adair conta que a intenção é acabar com a erosão e também poupar no gasto com o adubo. Uns quatro hectares de tremoço foram incorporados e o resto ia ficar para semente:



João Conceição: a colza é exigente

— Pelo que se ouve falar o tremoço pode substituir o adubo. Mesmo para a diversificação pode ser uma coisa muito boa. O que se notou é que no pedaço que incorporamos já se vê diferença na soja que foi plantada. Está mais parelha e mais bonita que no lugar onde não tinha tremoço.

REDUZIU A ÁREA. COLHEU MELHOR

A área de plantio do trigo do seu Arthur Erich Penno, de Eral Grande, em Humaitá, caiu bastante do ano passado para este. No lugar dos 150 sacos financiados ano passado, ele só plantou 4 sacos de semente nesta safra. E por conta, sem querer saber de fazer dívida por causa do trigo.

E só para ver como o trigo é uma planta engraçada. De semente ele usou um triguilho que não vendeu ano passado. Antes de plantar passou a semente na trilhadeira e selecionou os grãos melhores. Ainda conseguiu colher 30 sacos. Ele explica:

— Só o que atrapalhou foi



Adair Zangirolani: descansar a terra

a geadas. Nós, que tínhamos muito mal do pé na lavoura, plantamos em terra nova e este ano não teve problemas de doença.

QUERENDO ESCAPAR DA GEADA

Seu Laurindo da Silva Martins, de Santa Fé, em Tenente Portela, resolveu adiantar um pouco o plantio do trigo deste ano. No lugar do dia 1º de julho, como normalmente vinha fazendo nos últimos anos, ele plantou esta safra em 18 de maio:

— Acho que plantei meio cedo e a geadas estragou muito. Achei que era mais vantagem plantar em maio, que aqui na nossa região, principalmente, quando se escapa da geadas dá trigo.

Na verdade, ele ainda plantou dentro das épocas recomendadas de plantio. Usou as variedades Maringá e Peladinho, as que tem da 2ª melhor produção por aqueles lados. A colheita ficou em volta de 7 a 8 sacos por hectare.

Ele and. agora pensando



Arthur Penno: plantar em terra nova



Laurindo Martins: plantar o que der lucro

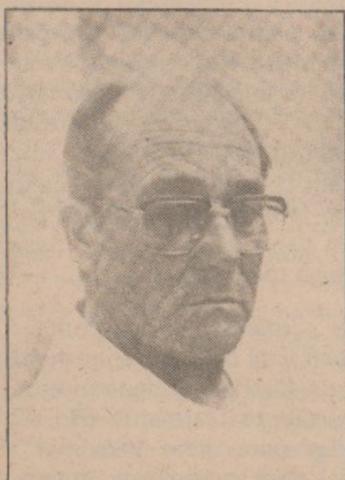
em mais tarde, talvez daqui a uns dois ou três anos, arriscar o plantio da colza:

— Aqui está recém começando a experiência com a tal de colza. São só alguns que estão plantando. Pode ser que mais tarde a gente vai tentar também. O caso é que tem que ir levando, ver como é que dá. Aquilo que der mais lucro a gente vai ter que plantar.

O pasto também sofreu

Todo ano, no inverno, é a mesma coisa. O pasto rareia e o gado começa a passar fome. O plantio de pastagem consegue amenizar um pouco esta situação, mas mesmo assim o inverno deste ano andou castigando um pouco o pasto que alguns pecuaristas prepararam para garantir o sustento de suas reses.

Seu Alfredo Barcelos, de



Alfredo Barcelos: uma segurança

Dom Pedrito, sempre plantou pastagem de inverno. Só que de agora em diante ele pretende aumentar a área que cultiva com aveia, azevém, cornichão, trevo branco. Este ano, por exemplo ele plantou uns 20 hectares com estas pastagens e prô ano já vai arar mais um pedaço de terra:

— Vou aumentar aos poucos, porque nada pode ser feito de uma vez só. A semente que vou colher não é para vender, e sim para replantar.

Suas pastagens sofreram um pouco com a seca que deu nos campos de Dom Pedrito:

— A aveia, então, morreu quase toda. Este ano o inverno não me pega desprevenido. Quando plantar a soja já planto junto a semente de azevém, prá que nasça lá pelos meses de fevereiro ou março. Quando chegar o inverno já estou com pastagem pronta para o gado. Estou me preparando prá vender gado gordo.

Prôs lados de Dom Pedrito ninguém foi muito bem com as pastagens de inverno, como comenta o seu Alfredo. Ou se deu mal por causa da seca ou então porque choveu demais em alguns lugares:

— O mês de março é bravo prá gente plantar pastagem. Se faz uma seca ela não vem e já fica tarde para replantar.

Trigo já faz muito tempo que ele deixou de plantar, porque "o lucro que deu num ano foi perdido nos dois anos seguintes". Além disso ele conta que não gosta de cultura do seco:

— Gosto mesmo é de plantar arroz. Mas o que menos problema tem ainda é a pastagem, que é mais resistente. Não precisa bôtar adubo, mas é claro que se bota é muito melhor.

Hoje ele acha que está valendo a pena investir em pastagens "pois a pecuária melhorou muito. Antes a gente trabalhava só para pagar imposto.

Quem usa Adubo Serrana conhece a terra que tem.

ADUBO SERRANA NPK+S

Qualidade



Quimbrasil

O EUCALIPTO COMO OPÇÃO

"Tenho eucalipto que fazem 12 anos que plantei", conta o seu Pedro Bizarello, dono de 50 hectares em Sítio Olivério - Coronel Bicaco. "Outros eu plantei há 8 anos e agora, este ano, plantei de novo, além de algumas mudas de erva-mate, angico e canafístula".

Seu Pedro até anda incentivando outras pessoas a plantarem, "que não adianta só uns dois ou três plantarem árvores, enquanto os outros só sabem destruir. É uma vergonha, até, o caso de ter muito produtor que nem madeira prá lenha tem ainda na propriedade".

Plantar num lugar só não é certo, e seu Pedro até aconselha que se plante eucalipto espalhado pela propriedade. Em cada pedaço, um pouco de árvore. Foi o que seu Pedro fez e não se arrependeu.

— Na época que estava plantando, um filho meu me perguntou porque não fazia um quadro só de eucalipto. Não é bom plantar num lugar só, porque daí, quando a gente se termina dá briga entre os filhos prá dividir o mato.

MATO É HERANÇA

O tempo já provou que o seu Pedro anda certo. Quando ficou viú-

vo, há algum tempo atrás, foi feita a partilha da terra e cada filho ficou com um pouco de mato.

— O mato é uma herança prós filhos.

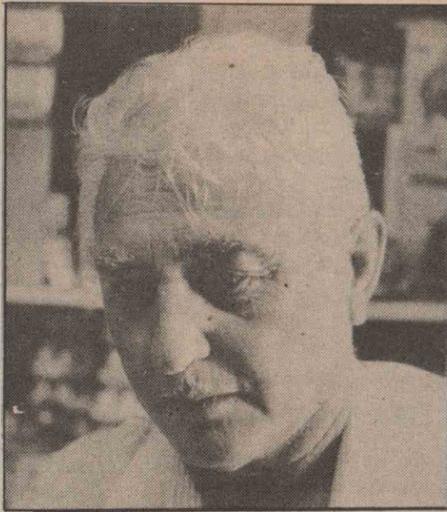
Agora que seu Pedro casou novamente e tem mais dois filhos, anda pensando em plantar árvores para eles também. Como já tem experiência em reflorestamento, pensando em plantar eucalipto numa área meio grande, de uns 18 hectares.

— Tenho uma várzea que só está me dando prejuízo. Quando vem chuva, as águas carregam toda a terra embora.

O reflorestamento do seu Pedro começou quando lhe ofereceram mudas de eucalipto. "A gente também tinha visto em outros lugares que era uma árvore muito bonita e que se um dia a gente precisasse vender a lenha, o mato facilitaria as coisas".

SEGURANDO A TERRA

Há perto de dois anos, o Valdir de Souza Leal, de Vila Jóia, começou a ficar preocupado com o desmatamento, com a falta de lenha na sua propriedade. Mesmo tendo só 2,5 hectares de terra, onde planta milho, batatinha, alguma soja, abóboras, melancia, um feijãozinho, o seu Val-



Pedro Bizarello: herança prós filhos

dir foi na Unidade da Cotrijuí e comprou, assim de primeira vez, umas 300 mudas. Este ano, fez a mesma coisa, plantou mais 300 mudas.

— Não são muitas mudas, mas a gente tá indo prá um tempo que tudo vai terminar e ficar ruim. As árvores estão terminando. Eu estou plantando prá mim e também prá servir a quem não tem.

Seu Valdir também anda plantando eucalipto espalhado por toda a propriedade. Até anda aproveitando umas barrancas dum riacho, que cada vez que chove, a água leva a terra para dentro. "Quero ver se com o eucalipto, seguro um pouco a terra".

O eucalipto dá lenha boa e madeira em poucos anos. Do jeito que as coisas estão, o seu Valdir diz que está na hora de cada um dar um jeito de fazer um mato na sua propriedade.

— Se quem tem pouca terra, pode deixar um lugar prá reflorestar, por que quem tem bastante não pode fazer a mesma coisa? Um hectare não faz falta a ninguém.

Embora esteja preocupado também em fazer lenha e madeira, seu Valdir não pretende reflorestar para vender lenha mais tarde. "O que quero é valorizar a minha propriedade e ter lenha e madeira para o futuro".

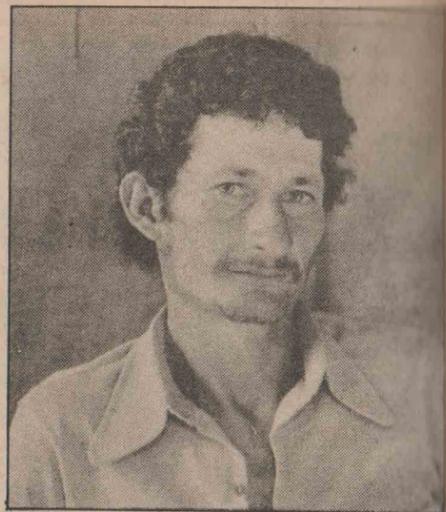
MADEIRA, NEM PARA ESPETO

Os irmãos Inor e Antenor Menegasso de Lima, também de Vila Jóia, andam por demais preocupados com o desmatamento. Os dois trabalham juntos em 51 hectares. Começaram reflorestando este ano, numa área de potreiro, "para servir também de abrigo para o gado". Inor é um dos mais preocupados e até conta que ali por aqueles lados, só existe um matinho na sua propriedade que ainda não foi mexido. O resto desapareceu.

— Nós temos vizinhos que se um dia quiserem fazer um churrasco, terão de pedir madeira emprestada, porque não tem nem para fazer um espeto. É uma vergonha e até meio triste, mas tem gente que anda juntando tudo quanto é lixo para fazer de lenha.

O eucalipto tem as suas vantagens, afirma o Antenor. Ele se desenvolve bem mais rápido do que qualquer outra árvore. Dá lenha e madeira em poucos anos.

— Se alguns produtores mais conscientes não tratarem de fazer reflorestamento agora, quero ver



Valdir de Souza Leal: um hectare não faz falta

daqui alguns anos, de onde é que vai sair lenha. Os matos não existem mais. O pessoal já derrubou tudo e fez lavoura de soja. Se não plantar agora, de quem é que vamos comprar lenha daqui um tempo? Não adianta ter dinheiro, se não existe o produto.

A preocupação dos irmãos Inor e Antenor é tão grande, que eles já estão tratando de fazer em casa mesmo as mudas para plantar no próximo ano. Eles concordam que realmente o mato nativo é insubstituível, mas agora não há mais como voltar atrás. O que era nativo, já foi derrubado e a solução imediata é plantar o eucalipto que vem mais ligeiro. Fala o Antenor:

— Outros matos que existem por aqui, só o da Varig, mas está sendo derrubado para ser substituído por pinus e pastagens. É um mato lindo, todo nativo.

QUESTÃO DE TERRA

"A questão do desmatamento é um problema de terra", diz Severino Costa Beber, de Santa Lúcia, Ijuí. O agricultor que tem pouca terra, às vezes é obrigado a derrubar o mato que tem, prá fazer lavoura". Seu Severino trabalha junto com mais um irmão e foi por falta de lenha, que ele se tocou a plantar eucalipto.

— Nós aqui ainda temos um bom pedaço de terra com mato nativo, mas não dá mais prá derrubar. É um crime. Prá fazer lenha e segurar a terra nas canchadas e dobradas da terra, resolvemos plantar uns pés de eucalipto, coisa de umas quatro mil mudas.

O seu Severino não acha nada certo reflorestar grandes áreas e banhados com eucalipto, "uma árvore que pode acabar com todos os banhados".

Estou plantando eucalipto para lenha e madeira. Prô tempo que estamos indo o eucalipto é a solução mais rápida. Tocou de reflorestar com eucalipto, sou contra. Até acho que deviam condenar, pois se a gente planta um lote de eucalipto por perto de um banhado, não sobra nada, pois ele suga toda a água.

"Na verdade", como conta o Nilo Ruben Leal da Silva, engenheiro florestal da Cotrijuí, "algumas espécies de eucalipto realmente não são apropriadas para áreas próximas a banhados. Outras espécies, porém, não provocam o mesmo problema".



Preservação dos matos nativos, conservação do solo, lenha e madeira para o futuro



Inor e Antenor Menegasso: preocupados com o desmatamento

Eucalipto para poupar o mato nativo

“É o mato de eucalipto quem anda preservando os matos nativos que ainda existem por esse Rio Grande”, observa o engenheiro florestal do Departamento Técnico da Cotrijuí de Ijuí, Nilo Rubem Leal da Silva. Enquanto o pessoal vai tirando a lenha dos matos de eucalipto que existem, o mato nativo vai sendo poupado. Acontece hoje, que já meio passou a febre da soja e o pessoal mais derruba mato, é por falta de lenha ou de madeira mesmo.

O eucalipto foi introduzido no Brasil, cerca de 125 espécies, por volta de 1909, por Eduardo Navarro de Andrade. “O eucalipto é uma espécie exótica, mas de grande importância para a preservação dos matos”. Como a maioria dos matos foram derrubados, e agora está se ressentindo a falta de madeira para construção, de lenha, “a solução mais viável no momento, é realmente reflorestar com eucalipto”, fala o Nilo. É uma árvore que se desenvolve com certa rapidez e em poucos anos já anda dando madeira.

A UTILIDADE DO EUCALIPTO

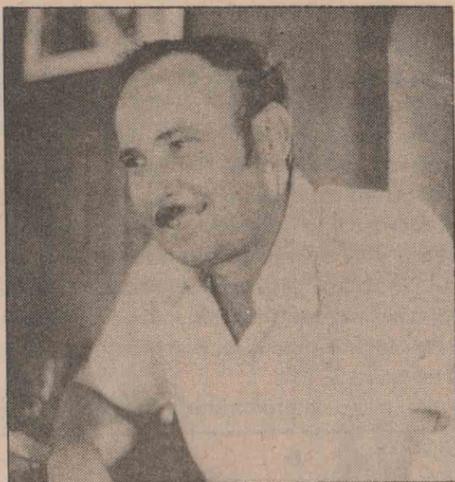
Levando-se em conta a situação atual, da falta de madeira e da lenha, pela derrubada desordenada de tudo quanto

era mato, é que cada produtor rural, deveria ter na sua propriedade uma área reflorestada, seja de eucalipto, de erva-mate, de canafístula. . . ou até de cinamomo, como diz o produtor de Vila Jóia, seu Inor Menegasso. “Não existem mistérios com o eucalipto, desde que a espécie a ser plantada, seja adequada ao tipo de solo exigido”. Diz o Nilo, que se pode plantar eucaliptos nas beiras dos banhados, desde que se escolha as espécies indicadas. Também é interessante que se faça o plantio ao longo das cercas para proteção do gado, em estradas, entradas de propriedades, ou ao redor de algumas instalações da propriedade, como pocilga. . . É claro, recomenda o Nilo, que um produtor não vai plantar mudas em áreas de lavoura. “Deve escolher áreas improdutivas, onde o rendimento agrícola para culturas anuais, seja insignificante”.

MUDAS EM CASA

O produtor que quiser reflorestar, poderá comprar as mudas prontinhas, e já em tempo de fazer o plantio definitivo. Mas é mais econômico, se ele mesmo, aproveitando a mão-de-obra familiar, produzir as suas mudas em casa. Diz o Nilo, que fazer mudas não tem mistério. Com 100 a 150 gramas de sementes, que podem ser semeados entre dezembro e janeiro, num canteiro de um metro quadrado, “o produtor poderá obter coisa de quatro a cinco mil mudas de eucalipto. Com estas cinco mil mudas, dá para fechar dois hectares com eucalipto.

Fazendo mudas em casa, o produtor além de utilizar a mão-de-obra disponível nos dias em que não há atividade na lavoura, está ganhando tempo e dinheiro, “pois não precisa gastar com fretes”. Por outro lado, sendo o produtor quem faz as mudas, terá interesse em produzir mudas sadias, fortes e de boa qualidade, “o que é muito importante para o desenvolvimento da árvore mais tarde”. O plantio definitivo deverá ser feito entre julho e agosto. “Quanto mais cedo o produtor fizer a semeadura, maior e mais vigorosa será a muda no ato do replantio”.

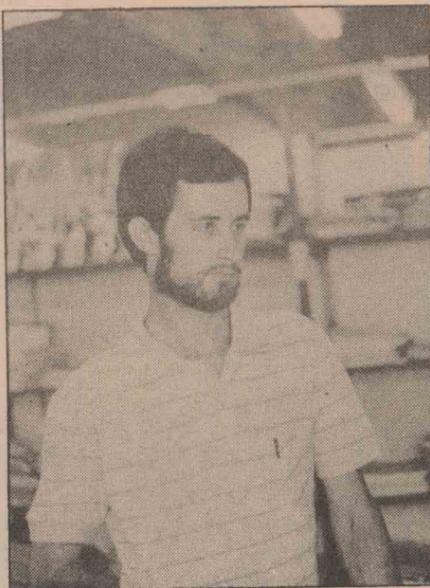


Severino Costa Beber: é um crime desmatar

“isso sendo bem otimista, pois não existem mais matos”. É muito comum, diz o Ênio, se ver agricultor comprando lenha, porque não têm mato nem prá fazer uma vara.

— Foi a ânsia de produzir que fez com que o pessoal se tocasse a derrubar tudo, transformar poteiros em lavouras, desaparecer hortas. Ninguém queria saber mais de nada. Todo o mundo se deixou levar pelo o incentivo da soja.

O seu Severino aproveita e dá uma sugestão, que se aproveite as BR para reflorestar com erva-mate, por exemplo, “que além do fator econômico, é uma árvore bonita, não é tão grande e nem tem o perigo de cair no meio da estrada”.



Nilo: todos deveriam reflorestar

Cada espécie, ele explica, se adapta a um tipo de solo.

Não é deste ano que os Costa Beber estão plantando eucalipto. Isso é coisa de mais de três anos. O Ênio, sobrinho do seu Severino, também concorda que o eucalipto é a única solução imediata para o pessoal se desafogar desta crise de energia. “Mesmo que seja com eucalipto, temos que partir para o reflorestamento”. O caso seria de que as pessoas que tem terra, seja pouca ou bastante, deveriam aproveitar aquelas áreas improdutivas e partir para reflorestamento.

Os Costa Beber tem por volta de dois mil hectares de terra e contam que ainda possuem uns 80 hectares de mato, porque partiram para outras cidades, como São Luiz Gonzaga, na busca de mais terras. Se não fosse isso, o seu Severino diz que também teriam derrubado o mato prá fazer lavoura. Já o Ênio diz que as coisas se encaminharam mal, por falta de incentivo por parte do próprio Governo.

— O mato não tem incentivo nenhum. Só a lavoura. Me parece que hoje quem tem mato na propriedade até paga mais imposto por aquela área que “é considerada até improdutiva”.

Nuns cálculos assim por alto, o Ênio calcula que o Estado tem lenha somente por uns dois ou três anos,

Para cada lugar uma espécie de árvore

O reflorestamento com eucalipto está sendo considerado como a medida mais rápida e viável para a produção imediata de lenha e madeira. Só que na hora de plantar o eucalipto, o produtor deve levar em conta, a área escolhida e o tipo de solo. Cada espécie se adapta e se desenvolve melhor num tipo de solo. Um espécie gostam de solos úmidos, outras de solos secos e lugares altos.

Para a produção de lenha, madeira e recuperação de solos, o Departamento Técnico está recomendando o plantio de sete espécies.

Eucalipto saligma — Esta espécie ocupa o terceiro lugar na qualidade de lenha, considerando as calorias produzidas

com a queima, madeiras, varas, palanques, tramas. Se adapta melhor em solos mais leves, enxutos. Não se desenvolve muito bem em baixadas.

Eucaliptos grandis — Ocupa o segundo lugar em qualidade de lenha. Produz madeiras roliças e varas para construção. Também pode ser utilizado como quebra-ventos nas propriedades. Se desenvolve muito bem em terrenos leves e enxutos. É aconselhável plantar a espécie grandis em barrancos e vossorocas, pois quando começa a produzir sementes, elas caem no solo e ocorre a germinação natural, o que não é comum com outras espécies. Com o tempo, vai acontecer uma

regeneração desta área que havia sido trabalhada pela erosão.

Eucalipto tereticornis — É a espécie que produz melhor lenha em calorias. Também excelente para a produção de madeira. O plantio das mudas desta espécie deve ser em locais altos, onde não ocorram geadas muito frequentes.

Eucalipto robusta — Também produz lenha e um cerne muito resistente. Esta espécie pode ser aproveitada para diferentes fins, como por exemplo, na produção de mel. Suas flores possuem grande quantidade de néctar e pólen. Se adapta em diferentes tipos de solos e é indicado para lugares bastante úmidos. Pode ser

plantado ao redor de banhados ou em lugares encharcados, procurando sempre a orientação técnica antes do plantio.

Eucalipto viminalis — É a espécie considerada mais resistente à geadas, chegando a aguentar até 15 graus centígrados abaixo de zero. Pode ser plantado tanto em solo úmido como em seco. Também produz muita madeira e lenha.

Eucalipto maculata — Pode ser plantado em solos pobres e principalmente em solos pedregosos.

Eucalipto citriodora — É a melhor espécie para a produção de madeira de qualidade. Deve ser plantada em áreas onde não ocorrem geadas, pois é muito sensível ao frio.

Supermercado em Caarapó



A cidade de Caarapó, no Mato Grosso do Sul, ganhou no dia 12 de dezembro o seu primeiro grande centro de compras. A Cotrijuí inaugurou um supermercado na localidade, numa área construída de 450 metros quadrados, tendo em anexo um depósito.

O novo supermercado da Cotrijuí foi inaugurado com a presença do prefeito de Caarapó, Nilson Lima, o diretor regional da Cooperativa, Nelcy Nunes, e outras autoridades do município, além de dirigentes da Cotrijuí. O primeiro supermercado de Caarapó vai comercializar produtos alimentícios, confecções, eletrodomésticos, peças para máquinas agrícolas, produtos veterinários e insumos modernos.

O supermercado é considerado, pela comunidade do município, um fator importante na formação da estrutura de Caarapó, que, ao mesmo tempo em que vinha registrando um expressivo crescimento econômico, sentia a falta de um centro de suprimento de gêneros alimentícios e outros produtos. A nova loja reforça a pretensão da Cotrijuí, que é a de aproximar, cada vez mais, produtores e consumidores.

Correio do Povo faz 85 anos

O jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, está comemorando este ano seu 85º aniversário. E uma das promoções da Companhia Jornalística Caldas Júnior, a proprietária do jornal, para assinalar a data, é a campanha de assinaturas para leitores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Através dessa campanha, os assinantes, que se inscreverem até o dia 31 de dezembro, junto aos representantes do "Correio" no interior desses Estados, terão um desconto de 54 por cento. A assinatura anual custará bem menos que o preço de venda avulsa.

Uma máquina para classificar o alho

Os produtores sempre reclamaram muito da trabalhadeira e do tempo perdido com a classificação do alho. Eram dias gastos a separar uma cabeça de alho de outra. A trabalhadeira envolvia toda a família, e o pior é que nem sempre a classificação saía certa. Para facilitar as coisas e diminuir a trabalhadeira, o Setor de Hortigranjeiro adquiriu, há coisa de uns 45 dias, uma máquina para a classificação de alho. A máquina, movida a energia elétrica, foi desenhada, projetada e fabricada na oficina industrial da própria Cotrijuí, a um custo de 60 por cento a menos do que uma máquina adquirida de fora.

O FIM DAS RECLAMAÇÕES

Como todas as outras, mesmo as de fora, também não é uma máquina perfeita, mas classifica todo o alho que tiver até 15 mm de diâmetro como alho miúdo; de 15 a 25 mm, como alho pequeno; de 25 a 35 mm considerado como médio; de 35 a 45 mm, como alho graúdo e de 45 mm a 55 mm, como alho florão. Só fica de fora o alho aberto. "O único trabalho do produtor será o de separar as cabeças de alho aberto das demais", explica o Gerente do Setor de Hortigranjeiro, Nelci Baroni. O resto a máquina faz. O Baroni conta que aqui em Ijuí as reclamações já acabaram, pois todo o alho entregue foi classificado pela máquina. "O único pessoal que ainda classificou alho, foi o pessoal das Unidades, mas na próxima safra, se aumentar a produção, pretendemos adquirir mais máquinas".

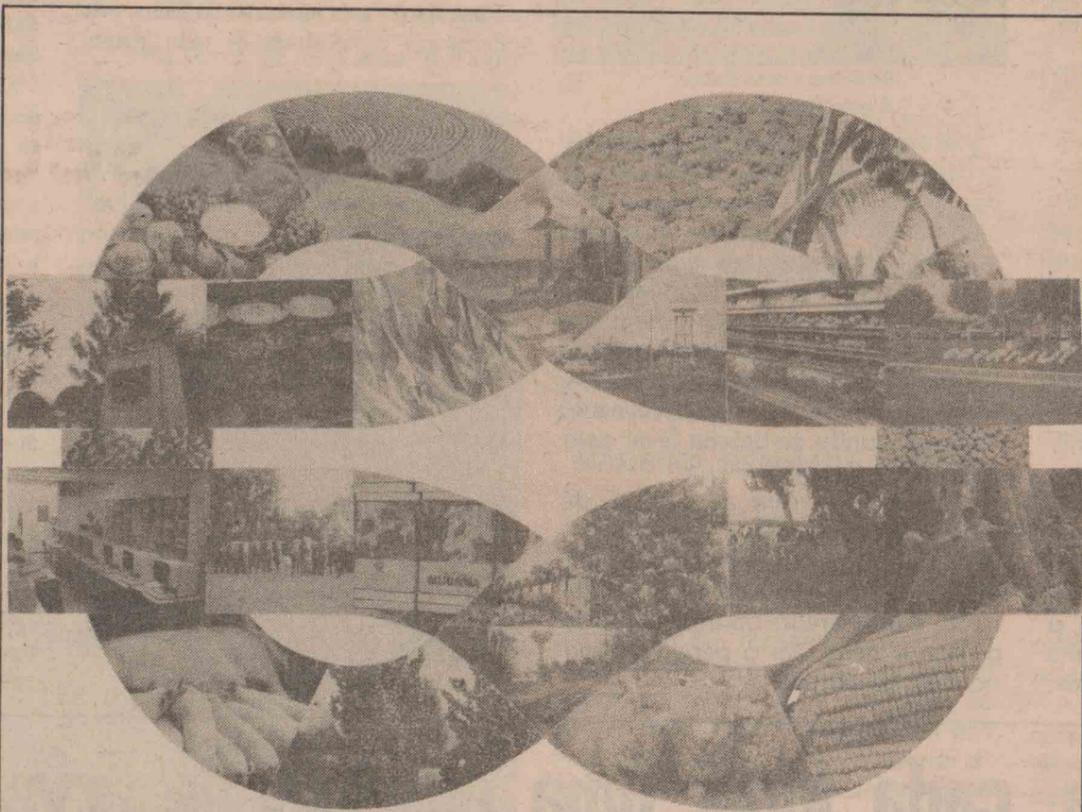
Tanto o Baroni, como os produtores acham

que a máquina veio diminuir a trabalhadeira e as confusões com o alho. O seu Adauto Manchini, de Dr. Bozano, anda contente, pois diz que tem pouca gente em casa e não tem tempo prá andar separando muito alho. "Antes a serviçama era tanta, que o preço que o produtor recebia pelo alho chegava a não compensar", diz o seu Adauto. Entregando meio atrasado a sua produção, o seu Adauto trouxe tudo misturado, nem teve tempo de separar as cabeças abertas das fechadas. "O pessoal do hortigranjeiro numa hora, com tempo, vai fazer este trabalho prá mim. O resto, a outra classificação, é bem ligeiro. Esta que é a grande vantagem da máquina".

Depois da aquisição da máquina, o pessoal só terá que se preocupar com as cabeças abertas, com o corte das raízes, a palha e a limpeza da primeira camada que envolve os dentes.

O FUNCIONAMENTO

A máquina de classificar alho é constituída de um imenso rolo gradeado, onde se coloca o alho todo misturado. Dentro do rolo, o alho gira até ser separado por tamanho. Logo em seguida ele cai para fora do rolo, já classificado e dentro da embalagem. A classificação é questão de alguns minutos e o produtor tem condições de receber na hora o resultado. Assistindo a classificação, o produtor sai mais tranqüilo. "Antes sempre dava muita complicação, pois o produtor sempre olhava só o alho graúdo e quem recebia só via o alho miúdo. Agora, a classificação é aceita como recebimento e como venda", explica o Baroni.



Boas Festas

Unindo produtores e consumidores em torno do mesmo ideal, desejamos que 1981 seja um ano de realizações.

COTRIJUI - Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.
 COTRIEXPORT Cia. de Comércio Internacional
 COTRIEXPORT Corretora de Câmbios e Valores Mobiliários S.A.
 COTRIEXPORT Corretora de Seguros Ltda.
 COTRIEXPORT Cayman Ltda.
 COTRIDATA Processamento de Dados Ltda.
 IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa.

Renovação da Unimed

Foi marcado para 5 a 30 de janeiro próximo, o período para que os associados da Cotrijuí, interessados em participar do Plano de Saúde Cotrijuí-Unimed, realizem suas inscrições. Esse prazo deverá ser obedecido pelos produtores da Região Pioneira, que pretendem ingressar agora no plano.

Os demais associados, que já estão inscritos, só deverão procurar a cooperativa se tiverem alguma alteração a fazer em seus cadastros. Se nada tiverem para ser alterado, seus débitos serão feitos automaticamente em conta corrente.

Os associados que, por sua vez, pretendem deixar o plano devem solicitar exclusão até o dia 31 de dezembro, com a devolução das carteiras. Estes podem deixar para pedir desligamento também em janeiro, mas aí terão que pagar a mensalidade referente a este mês. Depois de janeiro, não mais será possível pedir afastamento do plano.

De acordo com a renovação do convênio, o mesmo terá validade até 30 de junho, podendo se inscrever todo o associado da Região Pioneira. As mensalidades serão de Cr\$. . . 510,00 para o titular (o associado) e mais Cr\$ 490,00 para cada dependente. Nas consultas médicas, o empregado rural terá que pagar Cr\$ 100,00; o pequeno produtor, Cr\$ 250,00; e o empregador rural, Cr\$. . . 500,00.

Informações do mercado pelo telefone

Serviço pioneiro é implantado no Mato Grosso do Sul

Basta que os agricultores e pecuaristas do Mato Grosso do Sul tirem o fone do gancho e disquem o número 131 para saberem quanto está valendo sua produção. Este serviço é o Tele-Sima, Sistema de Informações do Mercado Agrícola, pioneiro no Brasil, implantado pela Telemat (Telecomunicações de Mato Grosso S.A.) através de um convênio com o Ministério da Agricultura.

Este Sistema foi inaugurado em 1º de outubro pelo ministro das Comunicações, Haroldo Correa de Mattos. O Centro de Informações funciona junto à delegacia do Ministério da Agricultura, em Campo

Grande.

O número 131 pode ser discado de qualquer localidade do Estado. Ele estará atendendo no horário comercial, para fornecer informações sobre cotações diárias de produtos agropecuários no mercado nacional e internacional. Do mercado nacional, o Tele-Sima dá informações sobre as cotações nas praças de Campo Grande, Corumbá, Maringá, Curitiba e Londrina (no Paraná), Goiânia (em Goiás), Belo Horizonte (Minas Gerais), Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e São Paulo. Do mercado internacional as cotações são as de Londres, Chicago e Nova Iorque.

Os 15 anos de Chiapetta

A festa dos 15 anos de Chiapetta teve muitas inaugurações e discursos. O tempo ajudou, e a comitiva do Governador Amaral de Souza pode cumprir a programação estabelecida, inaugurando escolas, o novo prédio do Posto de Saúde, uma rede de eletrificação rural e a entrega ao público da nova praça com busto em homenagem ao fundador, o pioneiro Carlos Chiapetta.

Elevado à categoria de município no dia 15 de dezembro de 1965, Chiapetta homenageou, ao atingir 15 anos, as figuras de seu fundador e dos administradores. Herbert Hintz, prefeito atual, recebeu elogios de todos que se pronunciaram, por ter tido expressiva participação na construção das obras. Ele, por sua vez, tributou à comunidade muito do que se vem fazendo em Chiapetta.

Além do Governador, visitaram Chiapetta na data de seus 15 anos, deputados federais e estaduais, o secretário da Saúde, Germano Bonow, prefeitos de municípios vizinhos e o diretor da Carteira de Crédito do Banco do Brasil, Alécio Vaz Primo. Além dele, que foi inaugurar o Posto Avançado do BB em Chiapetta na data de seu aniversário, se pronunciou também o diretor presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ambos disseram da importância do crédito na agropecuária, que recebe novo alento depois da chegada do Banco do Brasil. Nessa mesma data, Alécio Vaz Primo visitou Santo Augusto, onde o Banco do Brasil inaugurava sua nova e ampla agência, com 5.362 metros quadrados, equipada a prestar atendimento aos agropecuaristas de toda a região Celeiro.



Homenagem aos fundadores do município

Diretor do BB na Cotrijuí

Os pequenos produtores da Região Pioneira da Cotrijuí poderão estar mais perto do dinheiro do Banco do Brasil, no próximo ano, para poderem, finalmente, ter participação no programa de integração lavoura-pecuária. O diretor de Crédito Rural do banco, Alécio Vaz Primo, foi quem deu a entender que, a partir de 1981, a pecuária de corte poderá contar com faixas especiais de crédito, especialmente para execução de projetos como este da Cotrijuí.

Vaz Primo veio visitar o Centro de Treinamento da cooperativa, no último dia 15, quando deu algumas informações sobre as intenções do governo. Depois de percorrer as lavouras de experimentação do CTC, ele disse que são boas as perspectivas quanto à liberação de recursos para que o pequeno agricultor tenha acesso ao programa de terminação de novilhos. Isso quer dizer — segundo ele — que a situação poderá mudar em 81, mas por enquanto nada de concreto existe.

Na visita ao CTC, ele ou-



Alécio (de braços cruzados) foi conhecer as experiências do CTC

viu o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, que falou sobre a estrutura da cooperativa e suas atividades. Depois, Vaz Primo deu algumas opiniões sobre agricultura e pecuária. Segundo ele, a pecuária brasileira deve correr muito, para alcançar o desenvolvimento da agricultura. Ele também garantiu que o setor agrícola continua como prioridade número um do governo.

Durante o jantar, o dire-

tor do BB falou sobre os compromissos do Banco do Brasil e disse que confia nas soluções que o governo vem tentando encontrar para os problemas da economia nacional. O visitante foi saudado por Jorge Serpa, gerente adjunto da agência local do banco. Antes de retornar a Brasília, no dia seguinte, Vaz Primo pediu que o CTC envie ao setor de Crédito Rural trabalhos escritos sobre as experiências que vem realizando.

A receita certa para aumentar seu lucro na cultura da soja.

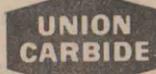
Use SEVIMOL 3 na sua lavoura de soja. SEVIMOL 3 é a formulação líquida do SEVIN.

- Controla as pragas da soja e preserva os inimigos naturais.
- Ideal para o Programa de Manejo de Pragas.
- Fácil e seguro de aplicar.
- É o inseticida mais econômico.
- Seguro para o homem e os animais.



- Não prejudica as aves, os peixes e a fauna silvestre.
- Um dos inseticidas mais usados em todo o mundo.
- É biodegradável. Não é poluente.
- Protege a lavoura, aumenta a produção e garante o lucro.

SEVIMOL 3 é a maneira inteligente de controlar as pragas da soja. Compre SEVIMOL 3 na sua Cooperativa.

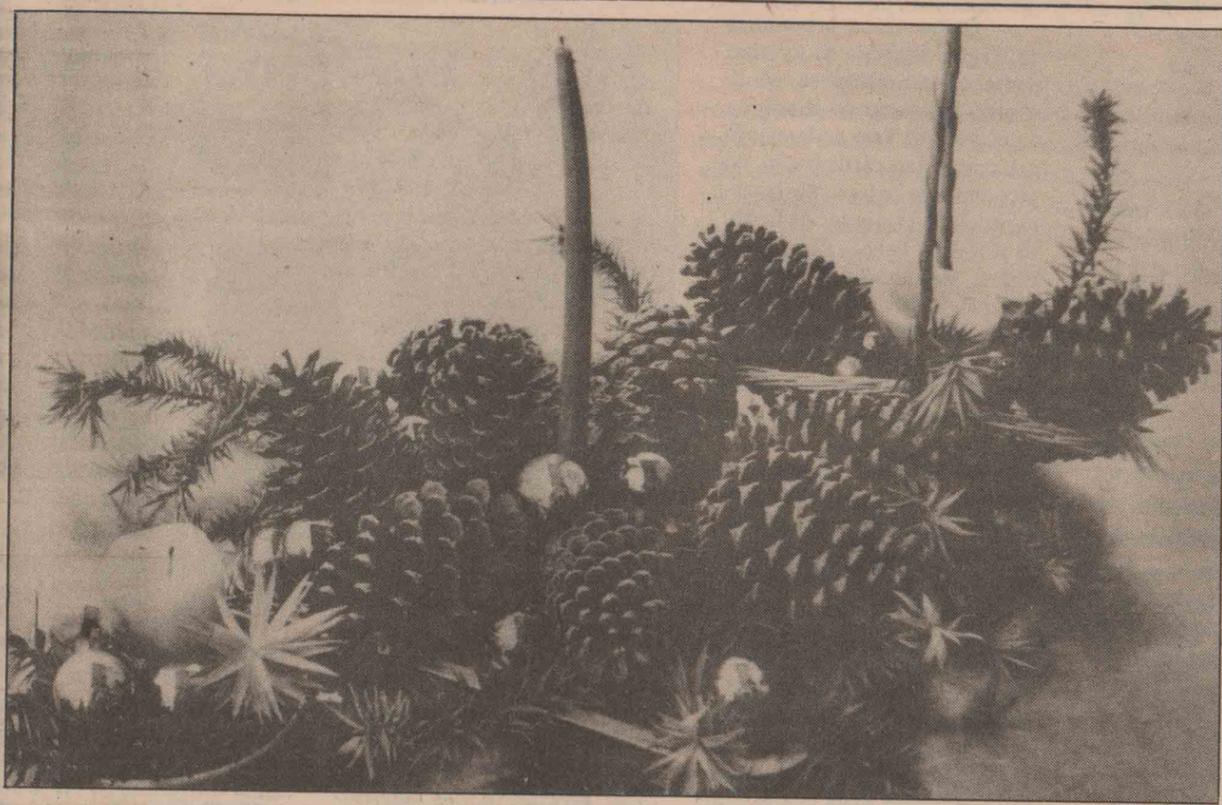


UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA.
Divisão de Produtos Agropecuários

Rua Dr. Eduardo de Souza Aranha, 153 - CEP 04543
Tel.: 531 0977 - Caixa Postal 30.362 - São Paulo - SP.

Souza Rocha

ARRANJOS SIMPLES E FESTIVOS



Todo ano, quando chega a época de Natal, a gente pensa em trazer para dentro de casa alguma coisa que lembre esta época de festas. Um simples arranjo, com material que encontramos por volta de casa, e que nós mesmos podemos preparar, dá um ar alegre e festivo ao ambiente.

Como sugestão, pode ser feito um arranjo com o seguinte material:

- um pequeno cesto de vime (que pode também ser feito com palitos de picolé) ou uma bandeja qualquer;

- galhos de pinheiro
- frutos de pinus (pinha)
- tinta dourada, prateada ou verniz

- fita colorida
- bolas de natal coloridas ou prateadas
- espigas de trigo (se quiseres)
- duas velas vermelhas

Maneira de fazer: coloque os ramos de pinheiro no cesto ou bandeja formando um colchão. Corte com uma tesoura as partes que sobram e, sobre este colchão, coloque as frutas de pinus depois de pintadas ou envernizadas. Coloque ainda as bolas de natal e as espigas de trigo. Encaixe as velas verticalmente, entre os galhos de pinheiro. Com a fita faça alguns laços, aplicando um deles na alça do cesto e outro escondendo as bases das velas.

VELA DE NATAL

Fazer as velas também não é muito difícil. Use 1 quilo de parafina; 2 velas comuns; 4 lápis de cera raspados (escolha sua cor preferida); óleo; um recipiente para dar formato a vela; fio (barbante grosso).

Modo de fazer: colocar em uma panela a parafina, as velas e os lápis de cera raspados; derreter em banho-maria; untar com óleo o recipiente que for usado para dar forma a vela; derramar a mistura no recipiente untado e colocar o barbante para fazer o pavio. Depois de fria a mistura, retire-a do recipiente e monte o arranjo explicado anteriormente.

Corte e costura em São Miguel

A data de 16 de setembro foi um dia festivo para as esposas e filhas de associados do núcleo de São Miguel, Augusto Pestana, que já há dois anos participam do trabalho coordenado pelo Departamento de Comunicação e Educação. Neste dia acontecia o encerramento de um curso de corte e costura que teve a dura-

ção de 210 horas de aula.

O curso, que teve como professora Liane Maria Ketzer teve o objetivo de levar às participantes conhecimentos sobre esta atividade manual e ainda capacitá-las para a confecção de peças de vestuário. Trabalho semelhante já foi desenvolvido também em outros núcleos que contam

com o trabalho de apoio do Departamento de Comunicação e Educação da Cooperativa.

Ele contou com a participação de 29 senhoras e moças, divididas em duas turmas. Foram elas: Clarice Casarotto, Cleusa Roque, Loreni Vieira, Lucia Fracaro, Lucia Zardin, Maria de Lurdes Nogara, Maria Marlene Zardin, Marli Casarotto, Noemi Terezinha Bauer, Terezinha Bauer, Roseli Madalena Hermann, Selma Casarotto, Sirlei Vebler, Angelina Nunes, Griseldes Zardin, Inês Manjabosco, Iraci Milani, Loreni Mainardi, Lori Manjabosco, Lurdes Vieira, Mafalda Gioto, Maria Marlene Deboni, Neiva Bauer, Iracema Bauer, Maria Judite Froner, Sirlei Mainardi, Maria Callai, Sonia Desuy e Tereza Zardin.

A festa que marcou o final do curso tinha sido inicialmente programada para uma semana anterior. Devido, porém, às fortes chuvas que caíram por toda região durante aquele período, foi necessário transferi-la. Para comemorar o acontecimento, as participantes prepararam um coquetel, que teve também a participação de familiares e ainda representantes da unidade da Cotrijuf em Augusto Pestana.



A festa marcou o final do curso

A ceia

Aproveite para reunir sua família neste Natal. Faça com que realmente este seja um encontro de muita harmonia, onde cada pessoa possa participar assim como ela é. Que aconteça o diálogo, aquela conversa em família.

Neste Natal reflita: "Onde está o seu tesouro? O tesouro mais importante é o tesouro-coisa ou o tesouro-gente?"

O Dia de Natal é para ser comemorado com descanso. Facilite seu trabalho de elaborar a ceia de Natal com pratos preparados com antecedência e não muito complicados de fazer. Só assim você poderá participar mesmo de cada momento e permanecer mais tranqüila. Como sugestão, veja este cardápio elaborado pelo Departamento de Comunicação e Educação:

- Salada mista (alface, maionese, cenoura e pepino)

- Lombo de porco recheado

- Arroz doce com pêssego

LOMBO DE PORCO RECHEADO

1 lombo grande, aberto ao meio e batido, temperado com sal, alho, vinho ou limão.

Recheio: 150 g de carne de porco moída e refogada (ou carne de rês ou galinha); 1 prato fundo de milho verde; 2 ovos cozidos; 3 gemas; 4 colheres de sopa de molho de tomate ou tomates picados; temperos (cebola, pimenta, tempero verde) picadinhos.

Modo de fazer: misture a carne moída refogada, o milho verde, os ovos cozidos, as gemas e a massa de tomate e os temperos verdes. Abra o lombo e coloque o recheio dentro, regando com óleo ou manteiga. Enrole em papel laminado. Leve ao forno quente assando de 1 hora a 1 hora e meia. Abra o papel de alumínio e deixe dourar, regando novamente com óleo ou manteiga e vinho.

Decore com farofa, pêssego e fatias de melão.

ARROZ DOCE COM PÊSSEGO

Ingredientes: 1 xícara (de chá) de arroz; casca de limão; 1 pitada de sal; 2 latas de pêssego em calda; 1 xícara de leite.

Modo de fazer: Cozinhe o arroz em um litro de água, junto com a casca de limão e uma pitada de sal (se necessário junte mais água). Tire a casca de limão e reserve.

Misture uma xícara (de chá) de calda de pêssegos aquecida, com uma xícara de leite.

Passa a metade dos pêssegos no liquidificador ou esmague-os com um garfo. Junte a calda com o leite. Misture tudo ao arroz cozido, mexendo bem. Coloque em uma forma para pudim e deixe na geladeira no mínimo por uma hora. Desenforme e decore o prato com os pêssegos inteiros. Dá para 7 pessoas.

LAVOURA NO MÊS



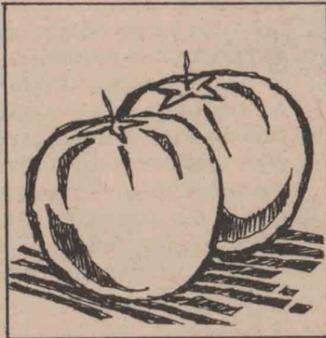
HORTALIÇAS DIVERSAS

A cultura da cenoura pode ainda ser perfeitamente desenvolvida nesta época. Para tanto é preciso escolher as variedades adequadas, como as do grupo "kuroda", que apresentam bom resultado nos meses quentes. Bastante água é fundamental para que a cenoura tenha um bom desenvolvimento no verão. A irrigação deverá ser feita nas horas menos quentes do dia, devendo-se sempre ter o cuidado de molhar bem o solo e não somente a camada superficial.

Já a alface que melhor se desenvolve nos meses de verão

é a variedade "maravilha-de-verão". Desde que tenha também uma boa irrigação e esteja plantada num solo rico em matéria orgânica, a alface tem condições de resultar em produção de boa qualidade.

Também a beterraba pode ser cultivada durante os meses de verão, desde que seja usada a variedade "maravilha", em condições de cultivo, semelhantes às da cenoura.



TOMATE

O tomate é uma das mais importantes hortaliças cultivadas durante os meses de verão. A sementeira de tomate pode ser feita no mês de dezembro

sem maiores dificuldades, pois em função do calor, o seu desenvolvimento é bastante rápido. O produtor que desejar iniciar o cultivo de tomate nesta época, deverá ter condições de irrigar os tomateiros, para garantir o pleno desenvolvimento das plantas.

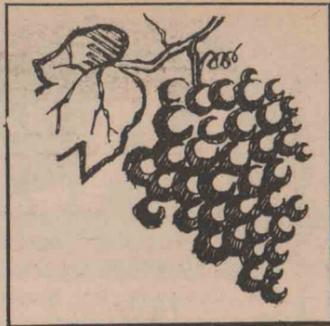
Altas temperaturas e muita umidade tornam os tomateiros sensíveis à moléstias. As moléstias ocasionadas pelo calor podem tranquilamente, serem controladas, em sua maioria, com pulverização de produtos à base de cobre (cuprosan, cupravit), que são poucos tóxicos e não exigem cuidados rigorosos na sua aplicação.



ALHO

A comercialização do alho vem se desenvolvendo normalmente. Porém o que tem preocupado é o retardamento ou entrega muito lenta da produção por parte dos associados. Este retardamento está dificultando o embarque para o mercado atacadista dos grandes centros consumidores, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Quanto ao recebimento de sementes, o pessoal do Departamento Técnico está comunicando aos produtores de alho, que não existe tanta pressa de entrega, pois até é melhor que a semente fique mais tempo com a folha. Neste caso, os riscos de chochamento são menores e a semente fica com mais vigor vegetativo. Os produtores devem ter mais urgência na entrega do produto comércio. É importante lembrar que aqueles produtores que este ano já cultivaram o alho, poderão guardar em casa mesmo a semente para plantar na próxima safra, observando sempre que as sementes deverão ser de variedades que apresentem boas perspectivas comerciais.



PARREIRA

Até esta época, as parreiras vêm se desenvolvendo muito bem. Estão apresentando um bom desenvolvimento vegetativo enquanto que os cachos estão bem carregados.

Um problema que tem aparecido em muitos parreirais é a Antracnose ou então "olho de passarinho", como é mais conhecida". A Antracnose é uma doença que apresenta como principal sintoma, manchas nos cachos de uvas. Esta doença pode ser controlada preventivamente com pulverizações à base de cobre e cal. Estas pulverizações deverão ser repetidas após cada chuva. Cada aplicação deverá ser alterada com Dithone, Fungineb ou Mengate. Qualquer um deles na proporção de 200 gramas do produto, em 100 litros de água.

119 milhões de brasileiros

Os dados preliminares do Censo realizado este ano contam que a população brasileira é de 119.024.600 pessoas. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda não terminou de apurar todas as informações recolhidas durante o período que foi recenseada a população. Ele vai levar três anos, pelo menos, trabalhando com os dados que foram coletados durante o censo. Os resultados, bem detalhados, irão sendo divulgados aos poucos.

Mesmo assim, as primeiras informações apontam que não é tão grande assim a diferença entre o número de homens e mulheres que moram no Brasil. São 59.115.533 homens e 59.909.067 mulheres.

A Região Norte do país é quem está com a maior taxa média de crescimento da população por ano. Chega a 5 por

cento. O menor crescimento é o do Sul: 1,43 por cento. O Nordeste cresce 2,16 por cento, o Sudeste 2,64 por cento e o Centro-Oeste 4,04. O estado com o menor índice de crescimento é o Paraná, com 0,94 por cento e o de maior índice é o território de Rondônia, com 15,80 por cento.

Dá para concluir, com estes números, que a população do Nordeste já não se dirige tanto para o Sul. A nova rota leva agora para o Norte (Pará, Amazônia, Rondônia), região que também anda atraindo as populações do Sul do País.

A maior parte da população brasileira vive ainda no Sul. Só o estado de São Paulo concentra 20 por cento da população. Nas nove regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Recife, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre) está 30 por cento da população.

COTRIEXPORT
Corretora de Seguros Ltda.

EM IJUÍ — Rua das Chácaras, 1513 — fone 332-2400, ramal 364.
EM PORTO ALEGRE — Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar — fone 33-5032.

Chega de luta.

Depois do carrasco, surgiram punições, fuzilamentos, xerifês... Mas quem mata mesmo, e por lei, é Blazer.º o carrasco das ervas de folhas largas da soja.

Blazer, o carrasco, vem a público para levar outra vez ao cadafalso, o Amendoim Bravo ou Leiteiro, o João, o Caruru, a Corda de Viola, a Baldeiroga, o Carrapicho de Carneiro, a Trapoeiraba, o Picão Preto, o Picão Branco.

Blazer, o carrasco, é um herbicida de pós-emergência com a ação de contato, que não perdura.

Não há ervas dentinhas de folhas largas que resistam a Blazer.

Blazer, o carrasco, mata sem piedade. Mata a que tem que matar, na hora certa e deixa protegida a plantação sem estragar a terra. Seus efeitos podem ser vistos um dia após a aplicação.

Blazer, como sempre, você pode aplicar com pulverizadores ou através de aplicações aéreas.

Blazer, o carrasco, deve ser aplicado sempre sobre lavouras já tratadas com gramínicidas, pois sua ação sobre capins é secundária.

Vamos... Proceda mais uma vez dentro da lei. Faça justiça com as mãos do carrasco. Acabe com as ervas de folhas largas da soja com Blazer.

Herbicida Seletivo
Blazer
Líquido Solúvel

ROHM IHAAS

Fabricante de Blazer, Dithane, Starn, Kelthane, Karathane e Goal.

O PACOTÃO DE NATAL

Saiu finalmente, na segunda quinzena de dezembro, o novo pacote de medidas da área financeira do governo. Quem não vinha acompanhando as especulações em torno do assunto, vai ficar meio surpreso com as decisões, aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional, numa reunião do dia 18. A agricultura acabou ficando com o lado mais pesado do pacote, pois a partir de agora o dinheiro estará mais caro, o Proagro não oferecerá tantas garantias e até o adubo ficará com juros bastante altos.

Na verdade, o governo decidiu fazer o que já vinha anunciando, pois a agricultura perdeu a maior parte do crédito subsidiado que recebia. As mudanças iniciam no aumento dos juros para custeio, para que — segundo o Conselho Monetário Nacional — o dinheiro dado aos agricultores fique com os juros pelo menos próximos das taxas de juros reais, cobradas do comércio e da indústria.

Isso quer dizer que a taxa de 24 por cento, que vinha sendo cobrada dos mini e pequenos agricultores, passará para 45 por cento ao ano. Nesse caso, todo o dinheiro que o agricultor precisar para formação da lavoura, terá essa taxa de juro. Mas para os médios e grandes, a situação ainda não ficou bem esclarecida.

FALTA ESCLARECER

As informações que se conhece até agora são de que a taxa de 45 por cento vai valer para os médios e grandes produtores apenas em parte. No caso dos médios, eles teriam taxa de 45 por cento para cobrir 80 por cento do custeio, e os restantes 20 por cento teriam taxa do mercado. O que quer dizer que os 20 por cento do valor do custeio ficariam com juros liberados, e os bancos cobrariam o que bem entendessem, de acordo com as

taxas do momento. É claro que aí o juro seria bem superior aos 45 por cento.

Já os grandes teriam cobertura de 60 por cento do custeio com taxa de 45 por cento. Os outros 40 por cento também ficariam de acordo com os juros liberados, por conta dos bancos. Mas essas informações foram conseguidas junto a fontes do governo — e divulgadas pela imprensa — não sendo ainda bem oficiais. A confirmação ou desmentido disso que vem sendo dito dependerá das instruções que os bancos e as cooperativas receberem. O certo, é que destas informações, no entanto, muito pouca coisa deverá mudar.

MENOS PROAGRO

A outra decisão do governo foi a de reduzir a cobertura do Proagro. A partir de agora, o Proagro só vai cobrir 70 por cento do valor de custeio, e os outros 30 por cento ficam por conta e risco do produtor. Também foi abolida o subsídio ao adubo, que passará a ser financiado, com juros cujas taxas ainda são desconhecidas. Não se sabe ainda que custo terá o adubo entre os outros componentes do custeio.

O dinheiro vai ficar mais caro também para os investimentos, e essa é a decisão menos explicada até agora. Há quem diga que os investimentos não terão taxas pré-fixadas,

ou seja, os financiamentos para a compra de máquinas e outras benfeitorias ficariam de acordo com as taxas do mercado. Se isso for confirmado, os mini e pequenos agricultores, que vinham pagando 33 por cento de juro, vão passar a pagar perto de 100 por cento ao ano. A mesma taxa liberada vale para os médios e grandes, que hoje pagam 38 por cento de juro nos investimentos.

Quais serão, afinal, as consequências dessas medidas, para o agricultor e para os consumidores brasileiros? O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, acredita que a situação não ficará nada boa. Entre os agricultores, poderá

acontecer uma retração, diante dos juros altos, e é possível que os pequenos decidam voltar ao sistema de produção de culturas de subsistência.

“O agricultor pequeno diz Ruben Ilgenfritz da Silva — vai querer se endividar menos, e fatalmente, se isso acontecer, sairá da economia de mercado”. Isso quer dizer, segundo ele, que o pequeno produtor poderá deixar de competir no mercado, não mais oferecendo produtos para o consumo das populações urbanas.

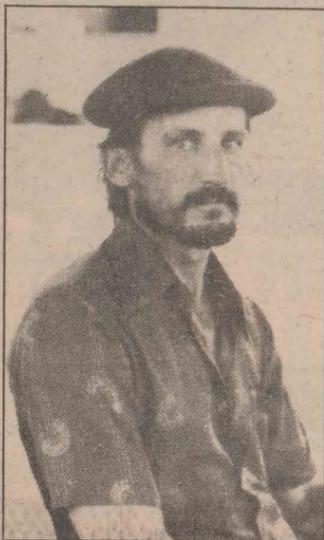
E O CONSUMIDOR?

E aí é que as medidas atingirão não só o produtor descapitalizado, mas também os consumidores. Para o presidente da Cotrijuí, os custos da produção de alimentos deveriam ser adequados à capacidade do poder aquisitivo da população. Explicando melhor, o encarecimento da produção irá implicar, ao mesmo tempo, numa redução no consumo, pois a grande maioria da população brasileira não suporta tão altos preços para os gêneros de primeira necessidade. Acontecerá, então, que a procura cairá, e poderá acontecer uma oferta de produtos maior que a demanda, com a consequente queda nos preços das safras agrícolas.

O agricultor — lembra Ilgenfritz — terá que brigar mais ainda por garantia de preços, pois o mercado será instável. Se o povo não tem dinheiro para comprar, automaticamente o produtor não terá bons preços para sua produção. Por isso, ele indaga: “Quem, afinal, irá remunerar o agricultor, diante desses altos custos?” Por isso, ele defende a manutenção da política de subsídio à agricultura, que remunera, dá garantia de preços ao produtor, e faz com que os alimentos não fiquem tão caros para o consumidor.



A situação piora para todos



Adauto Nehring: situação braba



Rudi Bonmann: tudo, menos isso

— O negócio vai ser cada um voltar a plantar para si, para alimento próprio. Mas aí eu pergunto: e o Brasil como é que fica?

Essa preocupação, do agricultor Rudi Arno Bonmann, dono de 48 hectares na Linha 8 Oeste, em Ijuí, mostra que os produtores não estão preocupados com os reflexos do dinheiro caro apenas em suas atividades. Seu Rudi acredita que, de qualquer forma, o pequeno terá que deixar os financiamentos de lado, a plantar sem adubo, com semente própria e para alimentar apenas a própria família.

“O governo deve enxergar que isso aí não vai dar certo”, diz ele, lembrando que “esperava de tudo, mas menos isso”. Para Seu Rudi, a situação vai piorar mesmo, para todos e não só para os agricultores: “Se agora a coisa já não ia bem, como é então que vai ficar?”

ANTIGAMENTE DAVA

Afonso Knaak, que tem 80 hectares na Linha 5 Oeste (Ijuí), diz o mesmo. “Hoje”, afirma ele, “nós estamos atados aos bancos e às multinacionais. O agricultor vai descobrir que a saída é voltar ao sistema antigo, de plantar para ele mesmo”.

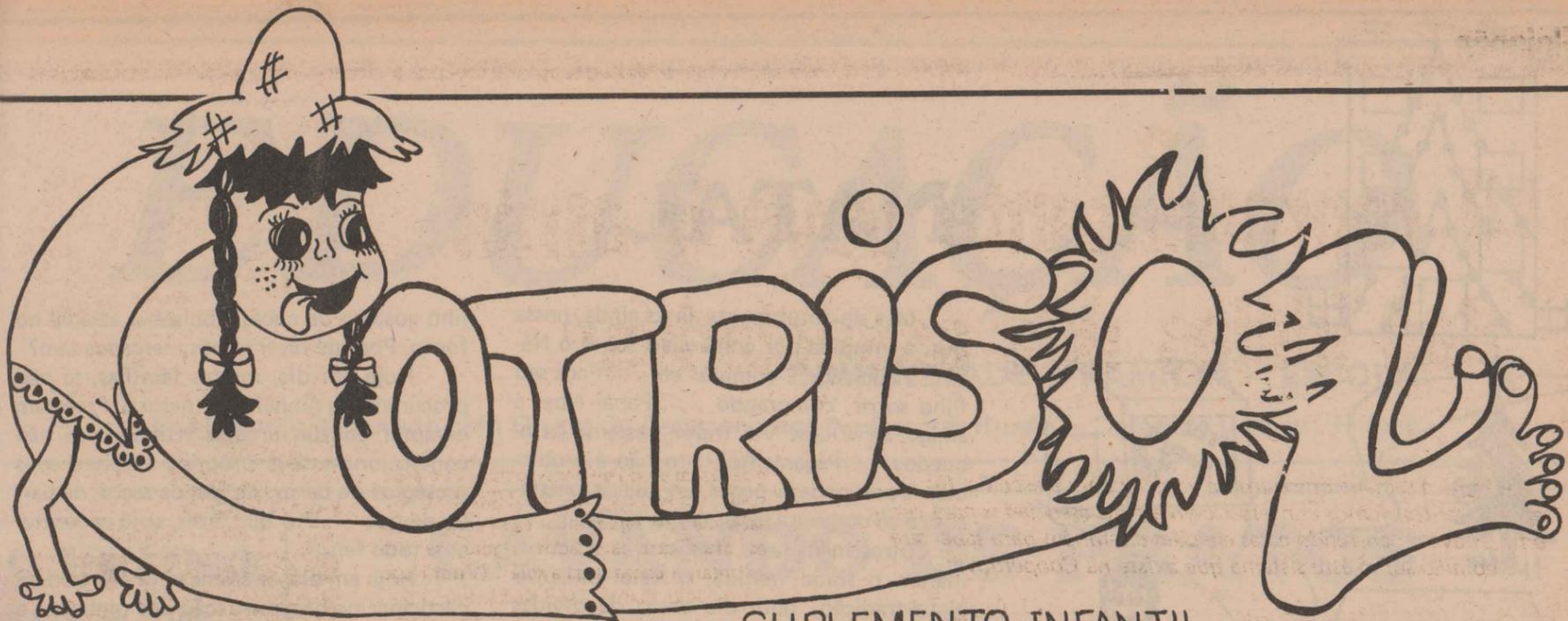
Seu Afonso acha que “antigamente esse sistema dava certo” e entende que hoje também pode

dar. O importante, para ele, é se ver livre das dívidas, como já vem fazendo, pois a atual lavoura de soja de sua propriedade tem mais da metade plantada por conta. Seu Afonso também vai deixar os investimentos de lado: “Ainda estou meio dependurado no banco, e imagina que uma máquina que hoje vale dois bi, vai valer 4 bi em dois anos, por causa desses juros altos”.

MEIO DE SURPRESA

As medidas do governo pegaram meio de surpresa o seu Adauto Nehring, dono de 10 hectares em Alto da União (Ijuí). Ele não esperava que, de repente, a agricultura fosse atingida pelas decisões que aumentaram os juros, diminuíram o Proagro e terminaram com quase todo o subsídio ao setor. “A situação vai ficar braba para o pequeno, mas eu já tenho tentado sair dessa, pois planto a minha parte e mais 40 hectares com meu pai, e a lavoura de soja deste ano tem a metade do custeio por conta”.

Seu Adauto acha que está se encaminhando para se ver livre totalmente do dinheiro do banco, e espera que no próximo ano dê para plantar toda a lavoura de soja com recursos próprios. Só o trigo ficará dependendo do financiamento. “Mas a de soja vai por conta, e se der frustração a gente se aguenta”.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Um só é nenhum

No final de cada ano é preciso a gente parar para refletir um pouco sobre o que fizemos durante o ano de 1980.

— Você contribuiu em alguma coisa para que essas fossem diferentes?

— Você contribuiu para que tudo permanecesse assim como está?

— Ou simplesmente não fez nada?

Para mim, trabalhar com vocês através do Cotrisol, foi uma das experiências mais maravilhosas que realizei neste ano. Falar com tantas crianças de tantos lugares diferentes. Oxalá eu tenha contribuído em alguma coisa, que eu tenha conseguido falar, dizer algo para todos.

A intenção era de comunicar com todos, pois acreditamos que apesar de morarem em lugares diferentes, vocês são crianças. É o que importa. Criança, seja lá de onde for, gosta de brincar, correr, pular, subir em árvore, de criar, de conversar, de explorar com todo seu corpo, com seus sentidos.

Queríamos que o Cotrisol, fosse para vocês um meio de se informar, distrair, pensar e principalmente um espaço onde vocês pudessem colocar suas experiências, suas contribuições. Houveram momentos de incertezas mas isto era porque queríamos acertar, fazer o melhor. E nem sempre é fácil. Vocês e nós aprendemos que para sermos felizes, precisamos realizar, conhecer e explorar as coisas que nos rodeiam. E, podemos fazer. BASTA QUERER e trabalhar cooperativamente com as pessoas. Ajudando-se uns aos outros, seremos fortes e conseguiremos realizar muito mais.

"Um só é nenhum

"Melhor dois que um?

"Sempre nos empurram por aí

"Ficar só é idiotice

"Pois,

"Um só é nenhum

"Mas se nós formos três

"Os outros colaboram também

"Um só é nenhum

"Melhor dois do que nenhum

"E os grandes se metem com a gente

"E dizem o que deve fazer a gente

"Mas logo muito seremos

"A fazer o que queremos e sabemos".

Esperamos que a nossa amizade continue e aumente cada vez mais para que o ano de 1981, seja cheio de realizações.

Um abraço
ISELDA



DE CRIANÇA PARA CRIANÇA.

Este é o último Cotrisol do ano. E estamos contente porque muitas crianças se encorajaram, e enviaram suas correspondências. Vamos a elas Jane Terezinha Peno — Erval Grande, Humaitá: Ela diz que lê e gosta muito do Cotrisol e que tem grande vontade em participar mas se sentia constrangida em fazê-lo. O que é isto Jane? O Cotrisol é seu. Pode e deve participar sempre.

Otoni Lösch — Ijuizinho — Augusto Pestana enviou um desenho bonito sobre a árvore. Márcio Diniz Bigalin — Linha 11 Leste, Vila Floresta — Ijuí, enviou um passatempo interessante.

Laílei Lorenzoni — Vila Coronel Barros, Ijuí. Ele estuda na Escola Estadual de 1º Grau Miguel Burnier, na 6a. série. Ele também enviou a sua contribuição e mandou com envelope feito por ele mesmo.

Ricardo Martins — Ijuí enviou uns desenhos muito interessantes. Obrigado a todos e continuem escrevendo.

NATAL

Mês de outubro, até antes ainda, nossa casa é invadida por comerciais sobre o Natal. "Felicidade é comprar em . . . Faça seu filho sorrir, comprando . . . Papai Noel é amigo de todos. Vai trazer bastante brinquedos. . . Pagamento? Isto não é problema. Você poderá pagar em suaves prestações e só começa a pagar daqui a 30 dias . . . "E outras mentiras e ilusões que transformaram o Natal família, o Natal união, o Natal-tradição, num dia cheio de dívidas de falsas alegrias e de muitas decepções"; um Natal que, com as falsas facilidades de consumo tenta encobrir as diferentes situações econômicas das famílias. (Se bem que aguça estas diferenças nas famílias muito pobres, pois nem todos têm crédito nas lojas). Enfim, o Natal transformou-se em mais uma data de maior consumo e competição.

Hoje em dia as famílias compram tudo pronto. Quase já não se sente aquele cheiri-

nho gostoso de cucas e bolachas assadas no forno. Por que fazer se nos mercados tem?

Hoje em dia, muitas famílias, já não procuram seu pinheirinho natural. Preferem comprar aquelas árvores artificiais; já não confeccionam seus próprios enfeites, seus presépios de barro, de galhos secos, de barba de pau . . . Por que fazer, se já encontramos tudo feito?

Hoje em dia, as crianças, já não podem participar na ornamentação dos pinheiros e presépios, pois os enfeites são caros e podem quebrar.

Hoje em dia, o Natal está perdendo seu caráter religioso, seu caráter, familiar. . .

Por que será que o Natal está perdendo o seu significado real?

O que nós podemos fazer, para que em nossas famílias se volte a comemorar o Natal, como nos tempos em que o centro da Festa, não era apenas o de consumir cada vez mais???



O brinquedo que a criança tanto queria

Um dia, passando em frente de uma loja de brinquedos, a criança (Mauro) viu seu brinquedo favorito e disse para seu pai:

— Pai, aquele bichinho eu sempre queria comprar para mim.

Seu Paulo disse:

— É muito caro, meu dinheiro não chega, olha, aquele é mais bonito e mais barato.

Mauro disse:

— Eu quero aquele, não quero outro!

Seu Paulo disse:

— Outro dia quando tiver mais dinheiro eu compro.

Mauro disse:

— Eu acho que eles fazem crediário.

— Vamos ver.

Entraram na loja e Mauro perguntou:

— Vocês fazem crediário?

A moça respondeu:

— Fizemos sim.

Daí seu Paulo perguntou:

— Quanto custa aquele bichinho que bate tambor?

A moça respondeu:

— Custa Cr\$ 1.230,00.

— Em quantas prestações sem entrada.

— Então dá esse bichinho para ele. Quando pago a primeira prestação.

— Dia 30 de janeiro de 1981.

— Tá. Tchau.

— Obrigado. Tchau.





PENSANDO SOBRE O NATAL

Durante a ocupação romana na Palestina o povo foi submetido a dominação de que já fora vítima outras vezes e, é neste quadro da história do povo hebreu que surgiu a figura de Jesus Cristo. Esta figura seria pronunciada através dos séculos, de gerações à gerações, como um líder máximo e tomado como ponto de referência pelos homens por suas virtudes.

Se hoje é tão natural celebrarmos o nascimento de Jesus, com certeza não o foi nos primeiros séculos da nossa era. Cristo levantou-se ante a dominação romana e foi crucificado e morto pela sua coragem e os seus seguidores foram perseguidos por todos os lugares. Em 70 DC Jerusalém foi massacrada pelo Império Romano e durante muitos anos o cristianismo resistiu nos subterrâneos de Roma ante toda a sorte da implacável perseguição do exército romano.

No fim do 3º século de nossa era, o antes poderoso Império Romano, entrou em decadência e o povo não mais se submetia a ordem imperial, pois o exército estava desorganizado e a economia ia mal. Manter-se no poder em tal situação era muito difícil, pois os imperadores não tinham apoio da população e nem mesmo do próprio exército.

O 4º século DC representa um momento

muito importante para todos os cristãos. Constantino, Imperador Romano, buscando o apoio do povo deu liberdade à prática do culto cristão, através do Edito de Milão em 313 depois de Cristo. Os cristãos emergiram dos subterrâneos, suas vozes repercutiam e o cristianismo consolidou-se. Alguns anos após passou a ser a religião oficial do Estado Romano.

O cristianismo foi uma conquista de povo através de uma luta que se estendeu por várias gerações. No entanto esta conquista foi usurpada do povo e ficou nas mãos da classe detentora do poder. Podemos afirmar que a Idade Média foi uma página obscura para os princípios cristãos, porque a Igreja Católica da época participou como opressora e dominadora do povo e sendo um sustentáculo do feudalismo. Isto justifica, por exemplo, a revolta liderada por Martin Lutero e Thomás Müntzer, da Alemanha, no início do século XVI. Porém, em nenhum momento o cristianismo foi posto em dúvida, mas sim a conduta e os interesses dos dirigentes da Igreja.

Hoje — 1980 — o Natal será comemorado pelos cristãos em suas diversas igrejas, e cada qual representando seus próprios interesses, contudo sem deixar de louvar a figura de Cristo. Porém, nos parece claro que Jesus Cristo lançou uma semente da qual surgiram os frutos que deveriam ser repartidos entre todos os homens e de forma igual. Esses frutos nada mais são do que todos os bens que a sociedade produz. É notório que os frutos da nossa sociedade são distribuídos

de forma bastante desigual contrariando os princípios de Cristo.

Neste ano presenciamos manifestações de alguns setores da Igreja em favor das classes oprimidas, evidenciando uma política que vem ao encontro dos interesses populares. Diante disto, nós como cristãos, devemos tomar consciência e refletir sobre o verdadeiro significado e a própria origem do Natal, lembrando a luta de todos os verdadeiros cristãos, através dos tempos, por um mundo onde todos tenham as mesmas condições de vida.

Paulo Afonso Zarth



PARA ONDE VÃO?



Escreva as letras de acordo com os desenhos e números.

1	2	3	4	5	6	7	8

- ① A 2ª letra de
- ② A 2ª letra de
- ③ A 3ª letra de
- ④ A 1ª letra de
- ⑤ A 2ª letra de
- ⑥ A 2ª letra de
- ⑦ A 1ª letra de
- ⑧ A 1ª letra de

Resposta:
Os meninos vão para São Paulo.

Montanha

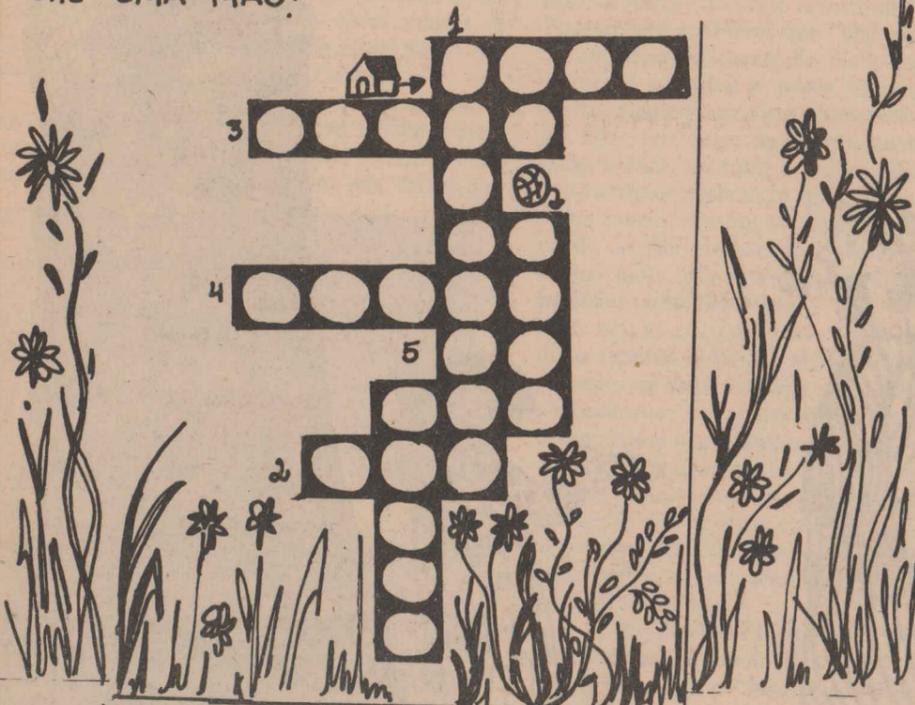
Poste
formiga
Televisão
antena
Contribuição:
Marilei Lorenzoni

S	A	E	F	P	A	T	O	R	S	P	X
S	E	R	E	O	N	M	T	S	A	N	L
L	P	N	A	V	X	L	N	R	V	O	P
R	R	C	H	O	J	P	C	H	A	M	Q
S	A	P	A	T	O	R	S	T	U	E	X
F	N	O	M	E	Z	N	K	V	P	L	S
S	T	V	A	I	O	P	L	U	Z	E	S

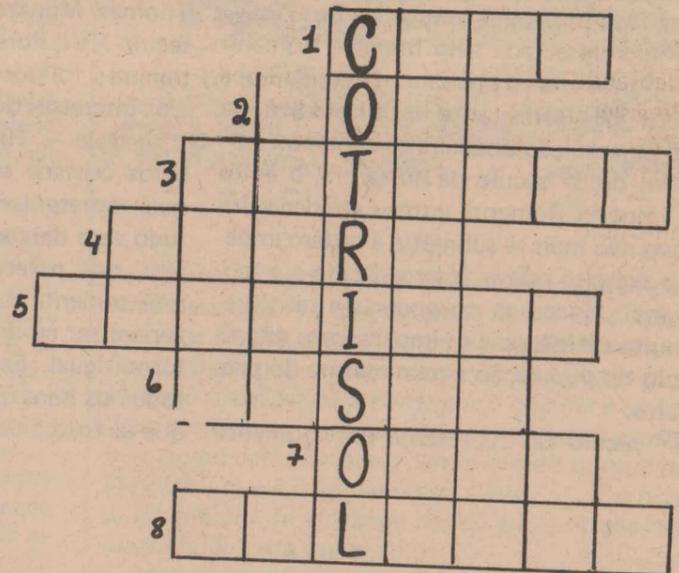
ACHARAS PALAVRAS
-sol
Sapato
Pato
Nome
Luzes
Povo
Ovo
chá
Meu

Contribuição: Marilei

- A COTRIJUI FICA NA RUA DAS
- O QUE O JARDINEIRO BOTA PRIMEIRO NO JARDIM?...
- QUANDO UMA PESSOA CAI NA AGUA, O QUE ELA FAZ EM PRIMEIRO LUGAR?
- O QUE TEM DENTE E MORDE NA CABEÇA?
- O QUE É QUE ENCHE UMA CASA E NÃO ENCHE UMA MÃO?



Contribuição de Marilei Lorenzoni - Coronel Picaço



- CERTA PLANTA DE ONDE TIRAMOS O AÇÚCAR.
- O QUE BRILHA MUITO?
- O QUE TEM O MESMO SIGNIFICADO DE FOTOGRAFIA - 4. O MESMO QUE SOLO.
- FILHO DO MEU IRMÃO - 6. PLURAL DE MESA - 7. O QUE TIRAMOS DA SOJA?
- O QUE MARCA AS HORAS?

Contribuição de Jane Penno.

Respostas: 1. Chácara 2. Pés 3. molha 4. bôdo 5. Pente

Respostas: cana - sol - retrato - Terra - sobrinho - mesas - dico - relógio.

EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

O ÚLTIMO DO ANO

Neste final de ano tivemos um importante acontecimento para a nossa Cooperativa. As eleições dos representantes dos associados na sua administração. Nesta eleição, tivemos um fato novo. Foi aberta a possibilidade da participação da mulher como votante ou como votada. Vejam bem, a possibilidade, porque a presença de fato destas se dará a partir de uma tomada de consciência, da conquista de um lugar ao sol. Pelo que constatamos, este processo já se iniciou. Nós procuramos contribuir para um debate deste tema, com a publicação de "Lavando Pratos", escrito pelo Leonardo e de "Trabalho familiar", uma descrição feita pela Lori.

A música tem jeito de diversão. É uma idéia que costumamos ter e isso os professores rurais discutiram quando o assunto por eles estudado foi diversões e costumes. Nesse sentido, nem tudo que é som é mercadoria. Por isso, a Ruth comentou o trabalho que "OS TAPES" vêm realizando, no artigo "Não tá morto quem pelea".

O Natal serviu de pretexto para a Dolair escrever um artigo que nos fará refletir importantes aspectos de nossa vida. A Noil foi dar uma viajada lá por Dom Pedrito e aproveitou para contar da viagem e do nosso trabalho neste último mês. Foi também o nosso trabalho com os professores rurais que deu a base para o Olívio escrever "Dupla surpresa e muito mais", onde também consta a produção da colega Sueli de Cel. Bicaco.

Apesar de já estarmos em final de ano, não deixamos de pensar no trabalho escolar, e mais uma vez publicamos uma técnica de ensino e textos didáticos. Este material didático é para ser guardado para o próximo ano. Agora, é momento de alunos e professores descansarem. Umas boas férias para todos.

LAVANDO OS PRATOS

Os homens e as mulheres são diferentes. O físico de um homem é diferente do de uma mulher. Esta diferença não é somente no que se refere a parte sexual, mas também na formação de todo o organismo. Poderíamos afirmar que o ser humano feminino assume formas mais suaves, mais delicadas. Existem tarefas que às mulheres têm mais jeito de fazer, outras que se adaptam melhor as condições físicas dos homens. Sabemos que não são as condições físicas das pessoas e nem as diferenças de sexo, os fatores fundamentais de organização do trabalho. Houve lugares e épocas em que eram as mulheres que assumiam tarefas que em outras situações eram assumidas por homens. O fato porém, que queremos destacar, é o de que desde os tempos primitivos existiu uma divisão de tarefas e, ou trabalhos.

Na nossa sociedade não é diferente. Também temos afazeres diferentes para os homens e para as mulheres. A regra geral é a de que as mulheres devem assumir os trabalhos domésticos. Sobram-lhe ainda algumas outras profissões que são consideradas quase um seguimento do trabalho de casa lavadeira, costureira, doceira, além de outras. Já para os homens cabe a tarefa de produzir, vender, fazer "negócios". Considera-se o normal que o ser humano masculino assumia a produção agropecuária, industrial, atue no setor comercial e financeiro. Como afirmarmos, esta é a regra, este é o pensamento que vigora em nosso meio. O homem e a mulher nos seus devidos lugares, assumindo sem restrições as suas funções.

A CIDADE E O CAMPO

O trabalho das pessoas na cidade e no campo. Na cidade, trabalham em lojas, fábricas, bancos, escritórios, etc. A maior parte são empregados. Existe a divisão de trabalhos entre homens e mulheres, havendo um predomínio de profissões masculinas. No entanto é cada vez mais acentuada a participação dos representantes do sexo "frágil" nos escritórios, nas lojas, nas fábricas, etc. Isto principalmente em cidades maiores, onde a mãe também sai do lar para trabalhar fora e ajudar no sustento da família. Na medida em que esta nova situação vai se tornando real, o marido passa a assumir de forma mais conjunta as tarefas caseiras. Fazer compras, limpeza, refeições, cuidados com os filhos, dentre outras.

Na colônia, o principal trabalho é na produção agrícola e pecuária. Temos aí a lavoura, a horta, a criação. Aos homens, cabe o trabalho nas lavouras, cuidar do gado e dos porcos, dependendo da quantidade. É o homem que dirige o trator, a automotriz, o arado de bois. É o homem que vai vender o produto na cooperativa, que faz o financiamento, que compra os maquinários, sementes, adubos etc. A mulher ajuda no trabalho da roça, no trato dos animais. Mas vejamos bem, ajuda. Se ajuda, é porque não é este o seu trabalho. A mulher no interior continua sendo a grande responsável pelos trabalhos domésticos. É tarefa dela, lavar os pratos, tratar as galinhas e cuidar da horta. Se o homem fizer isto, aí ele é que está ajudando, fazendo um trabalho que não é o seu.

Com a mecanização ou modernização da agricultura, houve algumas modificações nestas relações de trabalho. Talvez, as mulheres tenham sido em parte dispensadas de trabalhos na roça. Isto porém ainda não significou uma liberação da mulher do seu trabalho. Esta continuou tendo que assumir o seu dia a dia caseiro. Pode ser que tenha aumentado o seu conhecimento da administração. O marido conta para a companheira sobre as suas compras e suas vendas. Ela tem a oportunidade de dar sua opinião, porém, normalmente ainda é o homem que detém o domínio, as decisões neste setor. Aquela que chamamos de "dona ou rainha do lar", ainda pouco participa de decisões dentro deste próprio lar. O marido por se aquele que aparentemente sustenta economicamente a casa, é quem dá a última palavra.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER

É a partir da realidade que tentamos expressar neste artigo, que podemos pensar sobre a questão da participação da mulher. Participação em atividades comunitárias, em política partidária, em política sindical, em política cooperativista.

Todos nós sabemos que é reduzida a atuação nestes setores. Talvez não estejam somente nestas questões, as causas da pouca participação feminina, porém, estes certamente serão fatores importantes. Podemos neste momento, colocar a seguinte questão:

— Será fácil ir em reuniões dos partidos políticos, do sindicato, da cooperativa e, ao mesmo tempo, manter limpos todos os pratos?

TRABALHO FAMILIAR

Na localidade de Chorão, interior do município de Ijuí, lá pelos idos de 1953, existiam muitos minifúndios. Naquela época toda família trabalhava na lavoura. Nessa lavoura eram plantados: milho, mandioca, trigo, arroz, feijão, batatinha, cana-de-açúcar. A lavração era feita com arado de boi ou cavalo; plantava-se as sementes com máquina manual, não havia necessidade de adubo, porque a terra ainda possuía fertilidade natural.

Os filhos, o marido, a mulher e algum empregado participavam de todos os serviços da roça como roçar, plantar, capinar, colher ou guardar a colheita no galpão.

As mulheres levantavam cedo, mais ou menos às seis e meia da manhã, faziam fogo no fogão, buscavam água na fonte, preparavam o pasto para as vacas, tiravam o leite, tratavam os



Foto: Museu Diretor Pestana

pintos e as galinhas. Voltavam à cozinha para preparar o chimarrão e o café da manhã, encaminhar o almoço para a família e depois de fazer todas essas tarefas acordavam os homens para tratar os porcos.

Depois do café, a família ia para a roça onde todos pegavam "parelho". Pelas onze e trinta, as mulheres vinham mais

cedo para terminar o preparo do almoço. Enquanto isso o "patrão" e os filhos ficavam na roça até depois do meio dia. Elas — as mulheres — precisavam ainda, arrumar as camas, lavar algumas roupas e esperar, com o chimarrão, os demais.

Em seguida, todos juntos, almoçavam. Pouco se falava porque o costume era não

conversar à mesa. Após o almoço as mulheres começavam a lavação de louça enquanto os homens iam sestar.

À tarde, novamente toda família, inclusive o empregado que era sempre encarado como gente de casa, iam para roça. Às cinco e meia da tarde, as mulheres tinham novamente que vir mais cedo para casa, repetindo todas aquelas tarefas feitas cedinho.

Uma hora e meia mais tarde, chegavam os homens, lavavam-se, tomavam chimarrão, descansavam. Afinal de contas, eles tinham "direito" porque ficaram até mais tarde na roça. A seguir todos reunidos jantavam, escutavam as notícias do dia e músicas no velho rádio à bateria. Mais tarde os homens iam dormir e as mulheres precisavam lavar as louças, escolher o feijão, costurar, consertar as roupas...

DUPLA SURPRESA... ... E MUITO MAIS

O GAPR e os Professores Rurais, em conjunto com a Cotrijuf e Secretarias Municipais de Educação e Cultura de alguns municípios, vêm realizando um trabalho que tem como um dos princípios básicos: acreditar no professor rural como sujeito da educação em seu meio. Acreditar que ele é capaz e que ele tem conhecimento em sua área de ação: educação. Que é capaz, em primeiro lugar, de conhecer os problemas da educação de seu meio. Que é capaz de tomar consciência destes e da necessidade de sua ação comunicativa no meio em que vive. É capaz de organizar-se segundo suas necessidades. Organizar-se de modo a tornar-se o sujeito de uma ação educativa no seu meio. Que ele é capaz de, depois de tomar consciência de seus problemas (os

quais são comuns à muitas pessoas), a partir do seu organizar-se, planejar suas atividades e assim chegar a uma ação educativa a nível de "comunicação". (Segundo o que Paulo Freire explica por comunicação, no livro Extensão ou Comunicação).

Desse crer no professor rural surgiu a idéia de juntos realizamos um trabalho de produção de textos, pensando num "que fazer" com eles em sala de aula. Realizamos conjuntamente um trabalho de discussão de problemas relacionados com suas (nossas) atividades em educação. Essa discussão também girou em torno de assuntos, tais como: criação, plantação, alimentação, comercialização, industrialização, saúde, organização social, diversões e costumes. Depois das discussões,

nós, professores, narrávamos fatos e/ou criávamos textos. Estes eram analisados, discutidos por todos os professores. Depois os textos voltavam para seus autores para uma auto-correção (conteúdo e forma). Isso é o que estamos fazendo, colocado aqui "a grosso modo".

Assim fomos trabalhando, sem a preocupação de buscar objetivos imediatistas. Fomos trabalhando com o objetivo de criarmos conjuntamente um processo de tomada de consciência dos problemas da Educação brasileira, de um processo constante de busca, de um processo constante de um repensar e um refazer o nosso "que fazer" em educação.

Nesta linha de ação, estamos hoje produzindo textos; estamos montando o nosso material didático; estamos planejando nossas atividades; estamos criando nossa metodologia. Eis aqui uma dessas narrativas que, embora tenha seus defeitos e problemas, é registro feito por nós professores rurais e, mais que isso, possibilita um trabalho que "fale" mais de perto para aquele aluno que está conosco para as pessoas daquele lugar, pois traz o seu dia a dia, a sua realidade para a sala de aula.

"DUPLA SURPRESA"

"Noutros tempos, na casa do seu Adão, foram dar uma surpresa. Lá pelas 20 horas, reuniu-se o pessoal na casa do seu Raimundo. Arrumaram um gaiteiro e um violeiro e de lá saíram para dar a surpresa.

Chegando perto da casa, o pessoal se preparou para a chegada.

Na janela do quarto do seu Adão, co-



Foto: Museu Diretor Pestana (Fidene)

meçaram a tocar e cantar.

Enquanto seu Adão estava entretido com o pessoal lá dentro, uns foram até o chiqueiro e mataram um porco. Outros foram até o galinheiro matar galinhas. O seu Adão, entretido, não via o que se passava lá fora.

Lá pelas tantas seu Adão lascou:

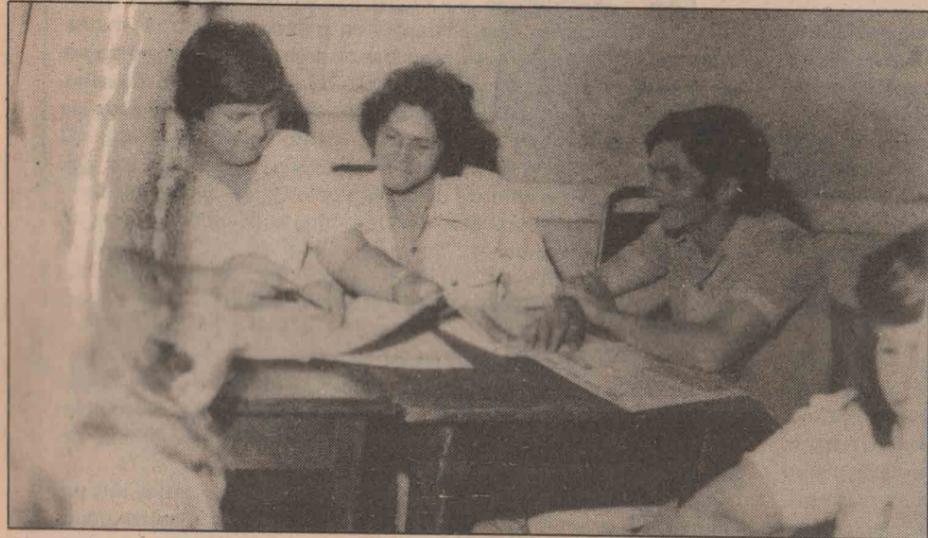
— Vamos matar umas galinhas, mulher! O pessoal está com fome.

Aí seu Raimundo, que era o cabeça da surpresa, diz:

— Não, nós já trouxemos tudo pronto, é só preparar e assar.

— Ah, mas isto é fácil! diz seu Adão. Enquanto o pessoal dança e se diverte, nós preparamos o churrasco.

Tudo correu bem. Comeram a valer!



Um dos princípios básicos do trabalho é acreditar no professor rural

PARA USAR NO PRÓXIMO ANO

Temos publicado neste nosso suplemento, vários textos didáticos para serem utilizados pela Área de Estudos Sociais. "Os Casais de Açorianos" é a nossa divulgação deste número. Este material também se destina à 4ª série.

Nota-se que todo material didático que publicamos adequa-se à mesma série. Acontece que é neste período que o professor deixa de estudar somente o município, o que está mais próximo, mais acessível. Passa-se a trabalhar a história e a geografia do Rio Grande do Sul. Esperamos que, a exemplo dos nossos outros trabalhos deste nível, os colegas professores rurais guardem este texto e façam bom proveito dele no próximo ano letivo.

OS CASAIS DE AÇORIANOS

No ano de 1747, o rei de Portugal abriu a oportunidade para casais que moravam nos Açores, uma ilha situada próxima do país europeu, para virem para o



Estes textos podem ser usados nos trabalhos do próximo ano letivo

sul do Brasil. "Não tendo o homem mais de 40 anos e a mulher mais de 30 anos de idade", dizia a comunicação do rei.

Muitos destes jovens casais vieram para o RGS. Aqui deveriam dedicar-se à agricultura, ocupando exatamente as terras onde situava-se os Sete Povos das Missões. Eles deveriam ganhar todas as condi-

ções para trabalhar: terras, ferramentas e ainda um dinheiro. No entanto, estas promessas não foram cumpridas. Os açorianos enfrentaram muitas dificuldades para viver. Em primeiro lugar, não conseguiram ir para as terras onde estavam os índios e os jesuítas. Também não receberam quase nada das ferramentas e dinheiro.

Assim, eles tiveram que, inicialmente, estabelecer-se próximo ao litoral e ao longo do rio Jacuí. Seu povoamento deu

O GADO E A

O gado no Rio Grande do Sul Foi mesmo muito importante Os índios e jesuítas dele cuidavam Até que vieram os bandeirantes. Nos campos do Rio Grande Onde este gado vivia Chegaram os portugueses Surgindo as sesmarias Organizaram as estâncias Com portugueses, índios, negros, peões E os lusos se adonaram Daquele gado Chimarrão



No outro dia, quando seu Adão foi visitar o porco e não o encontrou, foi no galinheiro e não achou as galinhas. Que surpresa!

Sueli

Gostaríamos ainda de fazer alguns comentários a respeito das idéias levantadas pela autora do texto. O assunto que estava sendo discutido, analisado e estudado, na ocasião, era diversões. Vemos que o texto está diretamente relacionado com este assunto.

Observemos, primeiramente, que ele começa com a expressão "Noutros tempos". No início de conversa, esta expressão já propicia uma discussão importante. Naquele tempo se faziam "surpresas" daquele modo e hoje não as fizemos mais assim?

Houve modificações. Por que aconteceram tais modificações? QUAIS as causas que influenciaram de modo a levar ao desaparecimento total dessas diversões espontâneas?

Depois dessa expressão aparece o local em que tal fato aconteceu: "... na casa do seu Adão". Noutros tempos, esse tipo de diversão era realizado nas casas dos vizinhos, nas casas das famílias. Hoje, onde são realizados? Ou nem são realizados mais? Ou se modificaram de tal modo que chegaram a transformar-se em bailes?

Mais adiante aparece: "Arrumaram um gaiteiro e um violeiro..." Poderíamos, a partir desta afirmação, levantar a questão das bandinhas de hoje, a questão dos músicos profissionais... "Noutros tempos"

arrumava-se entre os vizinhos um gaiteiro e um violeiro, reunia-se a vizinhança e a "surpresa" estava preparada. Isso não ocorre ou raramente ocorre hoje. Não é saudosismo não! O que estamos querendo entender são as transformações, as mudanças que ocorreram na nossa sociedade e que levaram ao total desaparecimento das "surpresas". O que também queremos entender é porque o "gaiteiro" e o "violeiro" foram substituídos por bandinhas profissionalizadas.

O que queremos entender, também, é por que essas festas espontâneas não são mais realizadas. Tudo isso poderá ser discutido a partir das idéias levantadas pelo texto. O texto em questão serve de pretexto para aprofundarmos discussões e criarmos um processo de busca em torno das modificações que foram sofrendo as mais variadas modalidades de diversões, dantes espontâneas e hoje com fim quase que exclusivamente mercadológico.

"Na janela do quarto do seu Adão começaram a tocar e cantar". Veja bem: "... Começaram a tocar e cantar"; isto significa: todas as pessoas e não só os componentes da bandinha "começaram a tocar e cantar". As pessoas participavam ativamente e espontaneamente da "surpresa". Houve modificações também nisso. A maior parte das pessoas não participa desse "tocar e cantar". Quem toca e canta é a banda. A "surpresa dantes, hoje é baile". Ou transformou-se numa reunião com som mecânico, onde as pessoas pulam, às vezes cantam, mas sem saberem o que estão cantando, o que é bem diferente de participarmos (tocar e cantar) numa "surpresa" como aquela.

O trecho do texto que fala do porco e das galinhas matados pelo "pessoal" da "surpresa", em forma de brincadeira, poderá servir para levantar questões também importantes. Ou vejamos: ele está revelando a idéia de fartura, abundância, o que hoje não é tão comum, mesmo no interior. A monocultura (processo produtivo provoca-

do propositalmente) levou mesmo o nosso minifúndio a não criar mais galinhas e nem porcos. Ele tem suas razões para assim proceder, pois quando tem bastante porco, este não tem bom preço e assim por diante. Isso poderia nos levar a uma discussão em torno da propalada diversificação de culturas. Vamos produzir de tudo para alimentar-nos e também para alimentar aos outros. Se possível também vamos produzir de tudo para exportar. Porém, enquanto os minifúndios estiverem produzindo em abundância esse "de tudo", o latifúndio estará fazendo produzir determinados produtos mais rendosos...

São discussões que nos levarão a busca para entendermos a política agrícola do país e as relações que o nosso "fazer" tem com a sociedade e com a economia do país.

Poderíamos comentar e discutir as idéias até o seu final, porém o nosso espaço é limitado. Mesmo assim esperamos ter contribuído para que o leitor perceba o por que é importante o trabalho que estamos realizando. Nós professores, ao elaborarmos o nosso material (textos), estamos, além do que já foi comentado, aprendendo a escrever. É que não estávamos habituados a produzir textos. Estávamos, isto sim, habituados a cobrar produções de nossos alunos. O fato de estarmos produzindo textos pretextos, para discussões com nossos alunos, faz com que tenhamos que pesquisar, ler, que buscar informações, que fazer registros.

Este é um processo que se desenvolve e se orienta para desencadear relações que levem o estudante (o professor também é estudante) a participação na sociedade como um todo. Não se propõe a substituição de "textos" por "textos". Substituição de textos de São Paulo por textos de Miraguai, de Chiapetta ou de Coronel Bicaco e sim a substituição geográfica da superação do senso comum, sem limites de espaço e de idade, e que, fundamentalmente, crie espaço para a criação e participação do estudante professor.

NOSSO TRABALHO EM 80

O nosso trabalho em 1980, nas cidades da região pioneira - Miraguai, Cel. Bicaco e Chiapetta, foi feito visando a produção de textos para serem utilizados mais tarde, em sala de aula. No mês de novembro os assuntos abordados e sobre os quais se produziu textos, foram: Diversões, Costumes e Organização Social. Quando se discutiu esses assuntos, procuramos não ficar naquela de sentir saudades das coisas que passaram, mas sim analisar o porquê dos

Costumes, das Diversões e da maneira que vivemos em grupo ter sido modificada. Procuramos conversar, partindo do princípio de que nenhuma transformação acontece por acaso na vida das pessoas. Elas estão sempre ligadas com situações que, na maioria das vezes, fogem da nossa alçada. No número passado - novembro - tem um texto com o título de BONS TEMPOS AQUELES e dá uma visão das idéias que temos a respeito do assunto diversões. Os

outros seguiram a mesma linha. Dupla surpresa é a prova.

Quando iniciamos a página Educação, escrevemos, isto lá por agosto, que uma das nossas intenções era de levar ao professor da zona rural ou de campanha, recursos para pensar suas situações em sala de aula.

Pensamos que os problemas gerais dos professores são os mesmos mas de região pra região existem problemas específicos.

A partir dessa idéia, foi muito oportuno o convite que recebemos da Cotrijui, Unidade de Dom Pedrito, através de seus representantes, para um encontro de avaliação deste suplemento. O encontro se deu no dia dois deste mês e reuniu os professores que trabalham no interior daquele município, comunicadores e demais pessoas ligadas a educação.

Com esta reunião ganhamos nós pela oportunidade que tivemos de conhecer professores que atuam numa realidade diferente da nossa, ganharam os professores por terem podido ler, discutir e opinar sobre o rumo do Suplemento que lhes é especificamente destinado e poderão ganhar também, os demais leitores, a medida em que os professores Pedritenses cumprirem com suas promessas de enviarem material visando divulgar a realidade de sua cidade.

SESMARIAS

Os negros eram escravos
E os brancos e peões também trabalhavam
Dia e noite, noite e dias
Sempre a camperear o gado
Faziam donos das estâncias
Eram que eram bem tratados
Mas ao final da história
Eram os portugueses que vendiam o gado.
Mas o que era a Sesmaria?
Era uma terra bem grande
De todo o senhor queria
Para ter gado bastante.

Uma reunião em Dom Pedrito foi a oportunidade de falar com professores que trabalham numa realidade diferente



NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA



A foto é da capa do último disco dos Tâpes

Quem gosta de música?

Já nos primeiros tempos da colonização no Rio Grande do Sul a música era muito importante para segurar a "triste saudade", a solidão que o imigrante sentia muitas vezes. E eram aquelas festas onde um tocava gaita ou violão ou pandeiro — momentos que traziam de volta uma pátria distante ou o "cheiro xucro de pago" da nova terra.

O seu Lemanski falando sobre aqueles tempos nos contou o seguinte: "Nunca vi uma briga em baile. Isto se juntava lá uns rapazes quando queriam e mandavam vir lá um garrafão de cachaça e um de vinho e era só isso. E a música que tocavam era suficiente para todos se divertirem". Nessas festas se misturavam ritmos das mais diversas origens: marchas, chotes, vaneirão, valsas, rancheiras, milongas, dobrados, bugios . . .

Hoje, a música quase perdeu o seu jeito de divertimento para as pessoas. Virou uma fonte de renda, uma mercadoria fácil de vender. E através dos meios de comunicação, procuram "usar" aquilo que atinge as pessoas, aquilo que derruba suas defesas, muito descaradamente. Vão usando os sons que o povo gosta para fabricar campeões por encomenda.

E, em meio a toda esta situação, surpreendentemente, você ouve música, mas música mesmo, que procura expressar o pensar do gaúcho, originária de várias bandas, várias querências — sejam elas africanas, indígenas, européias — no som do conjunto "Os Tâpes". Este conjunto, ainda outro dia, esteve se apresentando em várias cidades de nossa região: Santo Cristo, Santa Rosa, Santo Augusto, Ijuí, Três de Maio e Três Passos.

Quem gosta de música é o que perguntamos de início, porque temos a intenção de falar sobre a música que "Os Tâpes" pesquisam e vem mostrar nos espetáculos que apresentam, nos discos que



Os gaiteiros "tiravam" música na orelha

gravaram. O último chama-se: "Não tá morto quem peleia". Nesse disco vamos encontrar o RGS — sua gente, suas origens, suas lutas — aquilo que nos marca e não pode simplesmente ser esmagado.

Mas, quem melhor do que "Os Tâpes" para falar no significado de seu trabalho? O trecho que segue está registrado na parte interna da capa de seu último disco.

"NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA" nasceu num período em que, com muita atenção, procurávamos ouvir os que sempre estiveram ao nosso lado. Pensamento desalambrado, olhar arregalado e ouvido atento, captavam uma procissão interminável onde renasciam presenças antigas se fazendo vivas. Ali estavam, em estreitos caminhos de chão, na lisura do asfalto, na vagareza dos carros de boi, nos ônibus. Eram centenas: violeiros, cantores de reis, gaiteiros, trovadores, músicos de bandinhas, dançadores. . . e, com um vigor jamais percebido, reaparecem e revivem nas mazurcas, vaneras, milongas, cantórias de reis, dobrados . . .

Nada nos falaram de fundamentos históricos, raízes de suas obras, origem e evolução de seus instrumentos musicais. Contavam, isto sim, do Zé Pedro, da Vanera do Cerro dos Cabritos, da Marchinha do Emboaba, da Valsinha do Juventino, de como a "irmandade" se reunia para a cantoria do "Santo Rês". Lembravam da matança da galinha e do porco, dos bailes, dos ternos "peito-de-aço", de gaiteiros e violeiros que "tiravam" músicas na orelha mas sempre davam uma melhoradilha nelas . . . Falavam dos tocadores que "não repetiam música do anoitecer ao clarear do dia". Eram pedreiros, pequenos agricultores, peões, filhos e netos de escravos, algum telegrafista ou escrivão de povoado. No falar, um misto de tristeza, nostalgia, revolta, perplexidade; no tocar e cantar, olhos semi cerrados cavalgam lembranças que o tempo não matou; vozes roucas, reanimadas; dedos grossos e machucados, tateiam e redescobrem teclas e cordas. Tudo é vivo neles, principalmente, a dor de não compreender tantas mudanças.

No seu conjunto, não apenas na parte que o disco registra, NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA representou uma disposição efetiva de ampliar o conhecimento do contexto em que se articulam determinadas manifestações e a razão de sua sobrevivência e marginalização ante e no quadro da sociedade onde existem. No seu todo foi postura de percepção da dimensão dialética que ocorre na arte popular: nem tudo é consciência mas nem tudo é desconhecimento; nem tudo é resistência mas nem tudo é submissão.

NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA, não é, nem pode ser percebido como preocupação com o que morreu, com o "folclórico". Seus verdadeiros autores continuam vivos. Vivos, apesar de tudo, em palavras, sons e idéias.

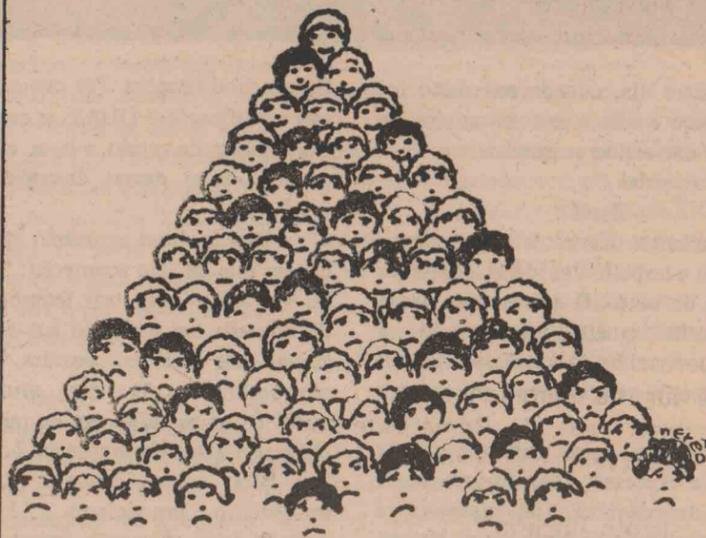
Com um abraço

OS TÂPES".

ESPÍRITO DE NATAL

Limpezas, arrumações, roupa nova, casa pintada, festas, presentes. . . este é atualmente o espírito de Natal que nos envolve. Nos envolve de tal maneira que passou a ser quase a única preocupação de todos, passou a ser uma necessidade, uma exigência . . . E nem sequer nos damos conta do que isto significa, de onde nos vêm estas necessidades . . .

Somos envolvidos pela máquina esmagadora da propaganda e, sem pensar, aceitamos precisar tudo o que nos é oferecido, o que nos é colocado como indispensável pelas propagandas do comércio. Tudo é "oferta natalina"; — "compre agora e comece a pagar no ano que vem", "faça seu filho feliz, dê-lhe tal e tal coisa. . ." e assim o Natal resume-se a uma situação de satisfazer necessidades que não são as nossas, que nem sequer pensamos senti-las. Não decidimos nada, consumimos o que nos mandam consumir. Até parece que o Natal passou a ser o "Dia Nacional do Consumismo". O consumismo é uma forma de manifestar amor, participação, comprometimento, união com os outros? Consumir é a nova forma de ser feliz?



As "pressões" sociais determinam como devemos agir, onde devemos ir, o que devemos ter em casa, como devemos pensar, ou até, como viver sem pensar.

Determinam que o homem precisa trabalhar — produzir. Mas não produzir para conseguir o que lhe é necessário. Precisa trabalhar para ganhar; ganhar para pagar; pagar para poder comprar mais; comprar mais porque outros lhe dizem que é isto que o fará "feliz". . . E o homem vai se afundando, se afogando nas coisas, no trabalho, na insatisfação cada vez maior.

O homem parece esquecer o valor das coisas simples, de que é na simplicidade que ele se sente melhor. Parece esquecer de ter tempo e disposição para um bate-papo em família, para um encontro com os amigos, para parar e pensar, para assumir seu papel de construtor de um mundo mais humano.

O Natal deixou de ser um dia de encontro e reflexão sobre o que construímos junto com os outros, para ser o dia em que destruimos mais um pouco do que nos resta de nós mesmos, aquela satisfação de ficar junto com os outros porque se quer e não porque é "dia de reunir a família".

O Natal como encontro com o outro, como compromisso de construir o novo homem em nós e, juntos, construir o novo mundo, o mundo que realmente permita ao homem nele viver humanamente, deve acontecer todos os dias e não só a 25 de dezembro. Para que o Natal do encontro aconteça temos que reagir, pensar, propor, decidir juntos. Precisamos fazer reviver o homem que existe em nós — o homem comprometido consigo mesmo e com os outros, — precisamos deixar de ser dominados pelas coisas, pelos valores alheios, e ver em nós o sentido de ser Natal do encontro todos os dias do ano.